Obras Completas de A. F. de Castilho

[EM]PREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
SOCIEDADE EDITORA
[L]IVRARIA MODERNA || TYPOGRAPHIA
95, R. Augusta, 95 || 45, R. Ivens, 47
LISBOA

OBRAS COMPLETAS

DE

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

VOLUME 29.º

VOLUMES PUBLICADOS:

I—Amor e melancolia.
II—A chave do enigma.
III—Cartas de Ecco e Narciso.
IV—Felicidade pela Agricultura (1.° vol.)
V—Felicidade pela Agricultura (2.° vol.)
VI—A primavera (1.° vol.)
VII—A primavera (2.° vol.)
VIII—Vivos e mortos—Apreciações moraes, literarias, e artisticas (1.° vol.)
IX—Vivos e mortos (2.° vol.)
X—Vivos e mortos (3.° vol.)
XI—Vivos e mortos (4.° vol.)
XII—Vivos e mortos (5.° vol.)
XIII—Vivos e mortos (6.° vol.)
XIV—Vivos e mortos (7.° vol.)
XV—Vivos e mortos (8.° vol.)
XVI—Excavações poeticas (1.° vol.)
XVII—Excavações poeticas (2.° vol.)
XVIII—Excavações poeticas (3.° vol.)
XIX—O Presbyterio da montanha (1.° vol.)
XX—O Presbyterio da montanha (2.° vol.)
XXI—O Outono (1.° vol.)
XXII—O Outono (2.° vol.)
XXIII—Quadros historicos de Portugal (1.° v.)
XXIV—Quadros historicos de Portugal (2.° v.)
XXV—Quadros historicos de Portugal (3.° v.)
XXVI—Quadros historicos de Portugal (4.° v.)
XXVII—Novas excavações poeticas (1.° vol.)
XXVIII—Novas excavações poeticas (2.° vol.)
XXIX—Camões, drama (1.° vol.)

NO PRÉLO:

XXX—Camões, notas.



CAMÕES
reproducção da gravura da edição dos *Lusiadas*
pelo Morgado de Matteus

OBRAS COMPLETAS DE A. F. DE CASTILHO
Revistas, annotadas, e prefaciadas por um de seus filhos
XXIX

CAMÕES

ESTUDO HISTORICO-POETICO

LIBERRIMAMENTE FUNDADO
SOBRE UM DRAMA FRANCEZ
DOS SNRS.

VICTOR PERROT e ARMAND DUMESNIL

3.ª EDIÇÃO PORTUGUEZA

VOLUME I

LISBOA
EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
Sociedade Editora
LIVRARIA MODERNA — Rua Augusta, 95
TYPOGRAPHIA — 45, Rua Ivens
1906

ADVERTENCIA GERAL

AO

THEATRO DE CASTILHO

O espirito irrequieto e poderoso de Castilho até mesmo no Theatro teve ensejo de se manifestar.

Sem falarmos por ora nas suas traducções ou antes *nacionalisações*, do *Fausto* de Goethe, do *Medico á fôrça*, do *Tartufo*, das *Sabichonas*, do *Mysanthropo*, do *Doente de scisma*, e do *Avarento*, de Molière, do *Sonho de uma noite de San João*, de Shakespeare, etc., apresentamos hoje ao Publico as seguintes obras:

Camões, drama fundado sobre outro de Victor Perrot e Armando Du Mesnil, em prosa; 5 actos;

Canace, tragedia mythologica original em verso sôlto; 5 actos;

Aristodemo, tragedia de Vincenzo Monti, fielmente vertida em verso sôlto; 5 actos;

A volta inesperada, imitação da farça de Regnard *Le retour imprévu*, em prosa; 1 acto;

A festa do amor filial, drama lyrico pastoril original, em variados metros; 2 actos;

O casamento de oiro imitação do francez, em prosa; 1 acto;

Um anjo da pelle do diabo, imitação do francez *Le grand papa et la petite fille*, em prosa, 1 acto;

A filha para casar, traducção de *La jeune fille à marier*, de Scribe; em prosa; 1 acto.

A não serem o *Camões*, representado no Rio de Janeiro em 1855 e 56, com grande exito, pelo eminente actor João Caetano dos Santos, e *Um anjo da pelle do diabo*, representado em Lisboa em 1900 (e admiravelmente), quasi tudo mais é desconhecido dos leitores, e jazia desde longos annos no cofre dos manuscritos do nosso Poeta. São frutos de vario sabor, flores de agradavel fragancia, que não deixam de conter muito sentimento, ou muita graça puramente nacional.

Entregando essas obras ao Publico intelligente, julgamos dar-lhe occasiões para passar em taes leituras algumas horas agradaveis.

As rubricas de scena, a caracterisação das personagens, etc., são quasi todas da nossa lavra, e completam (nos parece) o trabalho de Castilho.

Os Editores.

ADVERTENCIA DOS EDITORES

ACERCA DO DRAMA «CAMÕES»

A 1.ª edição d'este drama de Castilho é de 1849; a 2.ª, de 1864. Sai agora a 3.ª.

Da sua *originalidade* tratam detidamente as *Memorias de Castilho* (Livro V, cap.V) segundo se verá no extrato que daremos no seguinte volume: ha scenas traduzidas de um drama original francez de Victor Perrot e Armando Dumesnil, mas grande parte da obra portugueza é muito nossa, é nova, é castiliana.

Sobre esse ponto não nos deteremos aqui; limitamo-nos a recommendar aos leitores estudiosos o conjunto das Notas, onde tão bons e uteis alvitres se encontram, e tão boas idéias se semearam. Chamamos tambem a sua attenção para a opulencia e propriedade da linguagem. O seculo XVI da Côrte e do Povo reapparece, graças a esta reconstrucção philologica realisada com amor, sciencia, consciencia, e enthusiasmo. Ressuscita a velha Lisboa d'el-Rei D. Sebastião pela evocação de Castilho.

A Sua Majestade

O SENHOR D. PEDRO II

IMPERADOR DO BRAZIL

Tu, que entre amor dos teus, e universal assombro,
firme n'um sceptro immenso, os olhos no porvir,
volves, joven Atlante, um áureo mundo ao hombro,
e sorrindo-lhe luz lhe ensinas a florir;

Filho e glória do Heroe semi-deus em dois mundos,
cuja urna eu coroei como um votivo altar,
ou como o teu colosso em palmares fecundos
Musas do teu Brazil hão-de cedo engastar;

se o destino um diadema em teu berço ha lançado,
d'esse don casual não me atrái o esplendor:
tens mais nobre diadema, eterno, conquistado;
quem mede em ti o sabio, esquece o Imperador.

Sobre paços de Reis, e sobre um tecto ignoto,
pode um astro de Deus commum resplandecer.
Tu no sólio, eu no exilio, um do outro tão remoto,
ambos damos um culto ao mérito, ao saber.

¡Quantas vezes (¿quem sabe?) o estudo á mesma hora
nos haverá raiado egual inspiração!
Como na minha lyra estás fulgindo agora,
talvez um canto meu lá te encha o coração.

Não me julguem vaidoso: ¿os ocios teus campestres,
meu Cesar, não sei eu que me teem junto a ti,
e que entre a profusão de autores nossos mestres
tu sonhas sonhos meus, folheando o que escrevi?

Alma irman da minh'alma, ó tu, cuja poesia,
mais que a minha feliz, não se exhala em vãos sons,
mas povôa de bens infinda monarchia,
vérte a povos sem conto os mais formosos dons,

poeta omnipotente, aceita o meu tributo.
Não é mais que um retrato, um livro, um nada, sim;
mas n'um germen contém-se incalculavel fruto;
mas ás vezes um nada encerra bens sem fim.

Feliz eu, feliz tu, feliz teu vasto Imperio,
se outra vez n'este livro attentos olhos pões.
Renascem Grecia e Lysia em melhor hemispherio;
cantam, sem mendigar, Homeros e Camões.

De toda a parte o genio, artes, sciencia, estudo,
vão de teu sólio á sombra encher os fados seus.
Regenéra-se a terra; o teu favor fez tudo.
Carpiste sobre um vate, e fizeste-te um deus.

Ponta-Delgada. (Ilha de S. Miguel)
4 de Agosto de 1849.

A QUEM LER

(Advertencia da 1.ª edição)

1849

O germen do presente drama nasceu francez; e tão francez, ou tão pouco portuguez, que, passado assim para os nossos ares, infallivelmente e para logo pereceria. De Camões, não tinha mais que o nome; da terra e dos tempos de Camões, coisa nenhuma.

O que por lá lhe deu vida e fortuna (que a teve e muita), foi o enrêdo, a disposição, o bem calculado e acertado dos lances. Tudo isso me pareceu tomar-lhe, e o tomei, modificando-o todavia, e acrescentando-o copiosamente.

Obtido assim o terreno, e a maior parte dos alicerces e paredes mestras, edifiquei sem me importar cujos fossem os materiaes. O alheio e o proprio, tudo ahi vai travado; ha scenas inteiramente copiadas; ha falas, e scenas, e quasi actos, inteiramente novos.

Mas essa é uma questão mesquinha, que eu não quero tratar aqui. O drama francez tambem está impresso; confronte-os quem entender da poda, que não ha mais dizer. A malsins que não sabem ler, não dou eu satisfações. Quem tem portas chapeadas,

dorme as noites a bom levar, sem pensar nos ratoneiros vadíos. Sempre assim foi desde que ha mundo: quem não trabalha, murmura; quem não sabe, ou não pode, ou não quer, erigir a sua casa, escreve com carvão, ou com a ponta do páu, pasquinzinhos chouchos e chilros pelas paredes novas. Pois escrevam, e môrram quando fôr tempo, que hão-de ter famoso epitaphio, e ficar sendo muito lembrados.

Gósto d'aquella fábula chim:

Os zángãos invejosos pozeram-se a zumbir na presença de Wischnú, que a cera e mel das abelhas eram um *plagiato* feito ás flores, e portanto lhes não pertenciam a ellas. ¿Que fez Wischnú? riu-se, e não os esborrachou; respondeu-lhes que fizessem elles eguaes roubos; que elle se obrigava a trocar-lhes o seu mal estreado nome no de *abelhas*; e que, em quanto o não conseguissem, tivessem paciencia de viverem tão pouco, e tão mirradinhos.

(Peço a algum leitor mais desoccupado, que explique este apólogo chim ao meu visinho critiqueiro ali da outra rua).

O livro que apresento, não lhe quero eu chamar favo; digo só que, assim como a abelha trabalha no seu favo, trabalhei eu n'elle; e, segundo uns juizes muito bons, que o visinho da outra rua não conhece, posto se chamem Mendes Leal, João de Lemos, Serpa Pimentel, Sebastião Ribeiro de Sá, Luiz Ribeiro de Sá, Palmeirim, Sousa Lobo, Silva Tullio, Palha, Cunha Sotto-Maior, Casal Ribeiro, Viale, Pereira da Cunha, Latino Coelho, etc., tem para Portu-

guezes assaz de doçura, e muitissimo cheiro (que é o que mais importa) ás coisas da nossa terra.

*

Mas ¿é isto realmente um *drama?* ahi está outra questão impertinente (esta não sei se foi levantada pelo visinho critiqueiro; parece-me que elle não chegava a tanto). Se eu fosse obrigado a sentenciar, havia de dizer que não.

Quanto a ser *drama* o primeiro, o francez, o embrião, era-o muito mais do que estas folhas, cabia n'um theatro, e na paciencia de uma plateia, o que ao meu escrito não succede; acrescendo ainda, que não ha Companhia nacional bastante para o desempenhar.

Logo, se não é drama, ¿o que é? ¡Eu sei!... Será um livro; será um folheto; será uma poesia; será um estudo de costumes e linguagem; será um mytho (como hoje dizem), um mytho de miserias e vergonhas, que nem se inventaram para Camões, nem com elle se acabaram, mas se renovam, e se hão-de renovar sempre, e em toda a parte. Em summa: será o que quizerem, que n'essa contenda me não metto eu.

Uma vez que os sabedores já assentaram em que o retrato do Poeta, o do Rei, e o da gente e viver d'aquella edade, me sahiram parecidos; uma vez que todos elles concordam em que um Portuguez legitimo pode ler tudo isto que eu aqui puz, entendel-o, e n'elle saborear-se; uma vez, sobre tudo, que esta leitura deixe nos ânimos uma vergonha saudavel, e santo horror contra o infame desam-

paro, com que os poderosos permittem fenecer á mingua bons engenhos, desherdando assim a Patria e o Futuro de minas de oiro, a trôco de seitis e algum sorriso; que seja drama ou não, que fosse originalmente portuguez ou persa, eis ahi disputações com que eu não tenho, nem quero ter, nada que ver.

Se muitas vezes processei e sentenciei desabridamente obras minhas; sem que m'o hajam a fatuidade me relevarão dizer d'esta que, de quantas tenho publicado, me parece ella a melhor, e (se traducção é) traducção mais original que muitos originaes.

*

Por aqui me cerro.

De não poucos pormenores literarios, e de alguns historicos, me caberia por ventura dar rasão; ¿mas para quê? Não ha trabalho no mundo mais perdido, que o andar respondendo a criticas: se ellas são judiciosas, nem todas as argúcias as desfazem; se néscias, por si se apagam como as espumas. Quanto a satyras, os homens honrados não as fazem; os villões fazem n-as sempre, porque dizem elles (e dizem bem) que a Carta constitucional lh'o não prohibe.

O que nem satyras nem criticas hão-de lograr, é tirar-me cá de dentro a satisfação de haver já feito verter, e vertido eu mesmo, muito boas lagrimas sobre as desaventuras do meu Poeta; lagrimas que, verdade é, para nada lhe servem já a elle, mas que para outros poderá ser venham ainda a aproveitar.

¡Permittisse-o Deus! Menos ruim fadario sería então o nascer poeta....

Advertencia da 2.ª edição

(1864)

Sai este livro pela segunda vez á luz, passados doze annos desde a sua primeira impressão em Ponta-Delgada.

Revi-o attentamente, e não julguei dever alterar no drama coisa alguma, com quanto lhe reconheça, e agora com mais viveza do que então, defeitos e máculas de mais de um genero. Não é contumacia nem incorrigibilidade; é só porque essas, que seriam, e são, máculas e defeitos para o theatro, mudam logo de nome e de natureza, se a obra se avalia como estudo e livro; e isso unicamente é que eu pretendi que fosse.

As Notas, que intitulei *para se lêrem*, teem, se me não engano, algum valor mais que o texto, não pela execução literaria, mas sim por offerecerem á consideração muitas propostas de coisas boas, todas exequiveis, e quasi todas muito faceis.

Perdôem-me, se é orgulho desmedido; mas não posso deixar de transcrever o que a respeito d'ellas declarou pessoa de summa autoridade, o nosso bibliógrapho o snr. Innocencio Francisco da Silva, no tomo I do seu *Diccionario*, pag. 132.

«Nas Notas — diz elle — se tratam questões de summa importancia sobre pontos historicos, scientificos, literarios, e criticos.»

Sou utilitário contumaz; não o posso já dissimular. Se é doença, como a alguns parece, prevejo que hei-de morrer d'ella. Fiz pois ás notas o que não fizera ao drama: reestudei-as, ampliei-as com mão larga, entresachei-lhes novas. O total cresceu a ponto, que o volume da 1.ª edição houve agora de se dividir em tres. Contém-se no 1.º o drama, com a noticia complementar da sua representação no Brazil [1]; as notas formam o 2.º e 3.º

Quem os ler todos, terá de confessar (queira ou não) que nunca houve para o multíplice e universal monumento de Camões operario mais zeloso, do que eu.

A certos criticos de fila, que me abocanham em nome do Poeta, e, para o glorificarem a seu modo, me levantam testemunhos, só tenho para dizer, aqui á puridade, que, se jámais o leram a elle, e o entenderam (o de que é lícito duvidar), a mim nem me entenderam, nem parece que me lessem.

Decididamente: a escola primaria está muito longe de ser o que devia.

---

[1] Por conveniencias typographicas, essa noticia complementar passou para o volume 1 das Notas ao drama.

Os Editores.

CAMÕES

DRAMA EM 5 ACTOS

INTERLOCUTORES

PESSOAS QUE FALAM

Luiz de Camões—Edade 55 annos; estatura mean; cego do olho direito; semblante um tanto carregado; indole franca e generosa; humor entre melancolico e jovial.

No 1.º acto, trajo de soldado pouco luzido. No 2.º, 3.º, e 4.º, galas cortesans, tabardo de capuz frizado, luvas de polvilho. No 5.º, trajos pobres e capa preta.

D. Sebastião, Rei de Portugal—Edade 24 annos; estatura mean; formoso de rosto, branco e ruivo; olhos azues; presença soberana; exforçado e altivo. No 1.º e 3.º acto vem disfarçado em hábitos burguezes simplices; no 2.º traja galas de côrte: capa de panno preto, capuz com botões de diamantes, e as faldas até ao joelho; calças vermelhas com poucos tufos, e quasi lisas; barrete chato de velludo, carregado sobre a testa quasi até ao sobrolho, e adornado com um cordão de oiro, diamantes, e perolas; botas largas de cordovão preto até ao joelho, com esporas doiradas; cinto e espada tambem doirados. No 4.º acto, guerreiro e Real, segundo o retrato que vem no *Epitome* de Faria e Sousa, excepto a corôa, que é supprida por capacete.

Martim Gonçalves da Camara—Escrivão da Puridade; ambicioso, invejoso, e vingativo. No 2.º acto vem vestido á Côrte, e não de guerreiro; no 1.º, 3.º, e 4.º, em disfarce burguez.

D. Affonso de Noronha — Gentil-homem da Real Camara. Edade pela de Camões; trajo decente mas vulgar no 1.º acto; no 2.º, 3.º, e 4.º, vem Cavalleiro.

O Embaixador de Castella—Aspecto e expressão de politico manhoso disfarçado em ruim-capa, ex-

cepto no 2.º acto, em que ostenta magnificencia castelhana, qual a seu cargo e pessoa cabe.

Antonio—Jáu, captivo de Luiz de Camões; mancebo robusto; côr tostada; trajo indiatico; genio amante, impetuoso, e poetico; briosa segurança na postura, nos movimentos, e no falar.

Diogo—Estalajadeiro; bom homem, palreiro e obsequioso; cara de páschoas; trajar humilde.

Miguel—Adelo; avelhacado; trajar plebeu.

Manuel—Pagem particular de Martim Gonçalves; homem feito, robusto, refalsado; pellote, e espada.

Paulo—Moço mais somenos de Martim Gonçalves ; vestido mui ordinario; modo de falar e ademanes de simples; pellote sem espada,

Monsior de Saint-Pol—Gentil-homem francez; mancebo concertado; vestuario da côrte de Caterina de Medicis.

Real—Sobrinho de Martim Gonçalves; casquilho mui ridiculo, vaidoso, affectado, saltitante; edade assaz verde.

Leão—Outro mancebo do Paço; frivolo e ignorante; trajo de ceremonial.

D. Caterina de Ataíde—Edade entre 30 e 40 annos; formosa, grave, como quem se creou no estrado da Rainha D. Caterina, mas sabendo, segundo a occasião, ser extremosa no amor, ou energica no odio; expressão de rosto naturalmente magoada, como ao seu estado convém. No 2.º acto vem vestida de gala; no 3.º conserva o mesmo trajo, mas coberta com um manto e capuz, assim como no 4.º No 5.º traja de dó.

1.º cortesão.

2.º cortesão.

3.º cortesão.

Um aráuto.

Um embuçado

Um menino pobre e rotinho.

Um ermitão da serra de Cintra.

Um moiro astrólogo.—Opa negra de cauda, semeada de meias-luas e signos cabalisticos de diversas côres; barrete ponteagudo e muito alto, cingido de uma serpente de oiro, cuja cabeça com tres linguas vermelhas lhe serve de cimeira; barbas brancas até á cinta; debaixo do braço esquerdo um livro negro; na mão direita uma vara côr de fogo.

A Fada marinha—Opa verde-mar roçagante barrada de pérolas; veo branco e raro da cabeça até aos pés; toucado phantastico de conchas, buzios, e coraes; sobre o peito bordada de oiro a *esphera* d'el-Rei D. Manuel; pendente do pulso direito varinha-de-condão branca e doirada.
O deus Marte—Segundo o ritual mythologico.
Seraphins, que não serão menos de seis, coroados de flores brancas, com harpas doiradas nas mãos.
Côro de diabos.

PESSOAS QUE NÃO FALAM

A Rainha D. Caterina—Avó d'el-Rei D. Sebastião; 60 annos; alta e de gentil aspecto; trajo Real e de viuva.
A Infanta D. Maria—Filha d'el-Rei D. Manuel, tia-avó d'el-Rei D. Sebastião; robusta e formosa; vestido afogado de velludo preto, com botões de oiro no collarinho; corôa de rubís e diamantes no braço; na cabeça uma lista de oiro, e uma coifa de rede do mesmo.
Luisa Sigêa, **Joanna Vaz**, **Publia Hortensia de Castro** — Poetisas da Academia da Infanta D. Maria.
Angela Sigêa—Musica da mesma Infanta.
Uma donzella da Rainha—Vestida de velludo preto.
Outra donzella da Infanta—Vestida de damasco branco, e ambas ellas cobertas de joias, tanto no pescoço como nas mangas, com coifas de fio d'oiro até meia-cabeça, cabellos bem assentados na testa, algum tempo crespos, mas não entrançados.
Cavalleiros; Gentis-Homens; Damas da Côrte; Alabardeiros vestidos de panno preto, com capas compridas até meia-perna, saios com faldas pelos joelhos, botas de cordovão preto largas, e alabardas ás costas.
O sumilhér da cortina
Charameleiros, trombeteiros, timbaleiros, pagens da tocha, passavantes, reis d'armas de Portugal, Algarve e India.

A acção passa toda em Lisboa no anno de 1573 desde o San-João até ao Natal.

AOS ESPECTADORES

Prologo recitado no proscenio, antes de se erguer o pano, por uma figura de capa e espada e sombreiro de dó, como se costuma na quebra dos escudos.

Nenhuma palavra sobre a obra da Arte. A poesia sente-se; não se discute. E' como o sol, como o amor, como a alma, como Deus: não se finge, onde a não ha; onde a ha, não se lhe resiste. Silencio pois sobre a obra da Arte. Para vida, ou para morte, os corações a sentenciarão a final.

Outra é a nossa missão n'este momento: predispôr-vos para que vos interesseis no que vai passar perante vós; e arrancar d'ante-mão espinhos, em que talvez crítica inconsiderada folgaria de ver enlear-se a Musa, e seu antigo e honrado manto feito pedaços.

*

Para suscitar-vos attenção, curiosidade, avidez, bastou um nome: CAMÕES.

E' porque LUIZ DE CAMÕES, Portuguezes, é a maior e mais incontestada gloria da nossa

Terra. É, senhores, um symbolo do nosso antigo valor e amor de Patria. É, damas, o vosso mais fino apreciador; o sacerdote mais ardente e sincero do vosso culto universal; o espirito mais gentil e namorado, de quantos jámais cantaram máguas e suspiraram alegrias. E' porque, Soldado, Poeta, e Infeliz, nas armas grande, grande nas letras, nas desventuras inda maior, recebeu, para venerado, tres sagrações das mais augustas. É, emfim, porque os desabrimentos de nossos avós para com elle, todos sentimos que é dever nosso reparal-os: uns, com loiros e incensos; os demais, e todos... com algumas lagrimas sequer.

*

Outro affecto, não menos santo e generoso, vos ha-de irresistivelmente prender ao espectaculo do seu martyrio; affecto inextinguivel em corações portuguezes: o amor da Patria.

A era, que vai perante vós ressuscitar, é por ventura a mais solemne da nossa Historia.

A Monarchia, fundada em Ourique, está para fenecer em Africa. A espada, que em mão do primeiro Affonso desbravára Portugal de infieis, a mesma espada em mãos de D. Sebastião, quatro centos annos depois... se despedaça e perde em areaes de Berbería.

A torrente de glorias incriveis... parou

a súbitas. Um insondavel abysmo enguliu (¡talvez para sempre!) um grande Reino.

N'esse abysmo, n'esse praso de miserias inauditas, é que nos apparece... CAMÕES, como um derradeiro lampejo, e um ecco estrondoso do que lá vai...

Em CAMÕES e D. SEBASTIÃO, n'essas duas columnas d'Hércules dos nossos truncados fastos; n'esses dois homens, ambos inquebrantaveis, ambos de alma fogosa e poetica, ambos coroados para holocáusto, ambos mal apreciados em vida, e, depois de espantosa morte, privados ambos de mausoléo; n'esses dois homens, ainda hoje vertentes de Poesia para todo o mundo... estão assignaladas as extremas do antigo Portugal, do Portugal dos prodigios quasi fabulosos, que a rasão acredita forçada sem os comprehender.

Eis o mundo que vamos devassar. Eis ahi os homens que vamos conhecer. Eis ahi as summas dores em que vamos haver parte.

Preparae-vos pois, com ânimo religioso e agradecido, para esta especie de peregrinação á Terra-santa do Calvario de nossos paes.

*

Os romeiros despem os trajos vulgares, e arrancam do coração as profanidades, para visitarem os logares consagrados de sua devoção. Esqueçâmos tambem nós momentaneamente a nossa edade, os nossos usos, as nossas crenças (¡tão diversas!), os nossos affectos (¡tão outros¡), e até a nossa lin-

guagem, filha sim, mas filha pródiga, vaidosa, e despresadora, da que falaram nossos paes.

Amanhan volveremos a atar o fio das realidades contemporaneas; hoje, sejâmos todos, com fé e amor, Portuguezes do Portugal velho; adoptemos os seus interesses; identifiquemo-nos com o seu pensar, com o seu fazer, com o seu exprimir.

Para isso bastará perguntarmo-nos a nós mesmos:

— ¿Revolvem-se hoje nos espiritos interesses publicos para nós mais graves, do que os d'então o eram para então? D'isto em que lidamos, e que só nos parece importante porque é nosso, ¿curará tanto o porvir, e lerá tão attento as nossas paginas, como nós relemos, suando, palpitando, e rugindo, as d'essa edade? ¿Quem o sabe?!...

Tudo passa; tudo morre; tudo esfria; tudo esquece; todas as edificações se desatam em ruinas; sobre todas as ruinas se erguem edificações... para perecerem.

Algum dia seremos tambem nós antigos (e Deus sabe se lembrados, ou se para lembrar). Não deneguemos pois ao veneravel passado esta especie de culto, que dos vindoiros quizeramos por certo receber.

Entremos dispostos e saudosos por essa Lisboa que foi, e que tantos terremotos transformaram; vivâmos o seu viver; pratiquemos o seu praticar; aspiremos a sua alma; misturemo-nos com os seus moradores; penetremos nas poisadas humildes dos populares, nas vivendas faustosas dos senhores, nos paços dos Reis com as suas pompas e festas;

nas armadas navaes com as palmas de D. Manuel ainda viçosas; por derradeiro, e sobre-tudo, com a alma em joelhos, espreitemos, como para sacrario, para o recanto nu e desconchegado, em que expira.... o maior Poeta de damas e cavalleiros.

*

Quando esta cortina se erguer, dois secuos e meio se haverão aniquilado.

(Levanta-se immediatamente o pano.)

ACTO I

O theatro figura uma estalagem de poucas posses. No topo uma portada, de alpendre por fóra, e uma janella, que dizem para o caes sobre o Tejo. A' esquerda uma porta para o interior da poisada do estalajadeiro. A' direita outra, no 1.º plano, para um quarto, e outra emfim no 2.º plano para uma escada, que se não vê e que desce para um aposento subterraneo. Á volta da casa algumas cadeiras velhas de espalda, de coiro lavrado e pregaria grossa amarella. No meio da casa sua banca ordinaria, com copos de estanho, e outros de côco lavrado, para vinho. Na parede do fundo um nicho com um Santo Antonio em vulto, com suas moedinhas de prata ao pescoço, e flores já murchas. Ao meio da casa um lampião pendurado e acezo. Junto á porta da rua um croque (ou vara com gancho) de 16 palmos.

SCENA I

DIOGO e D. AFFONSO DE NORONHA

(Ao erguer do panno, anda Diogo azafamado a arrumar quartolas e infusas de vinho. D. Affonso vem da banda do caes.)

D. Affonso (*para Diogo, em voz baixa*)

¿Veio alguem?

Diogo (*inclinando-se*)

Senhor, sim.

D. Affonso (*em voz baixa*)

¿Ambos?

Diogo

Senhor, não; tão só um.

D. Affonso (*desgostoso*)

¡Peccados meus!....

Diogo (*socegando-o, e em tom significativo, com um meio sorriso*)

Não haja Sua Mercê cuidado, Fidalgo; o outro é marca de primor que nunca falta.

D. Affonso *(impondo-lhe silencio com o gesto, e apontando para a porta do 2.º plano da direita)*

Que te não oiçam, Diogo.

Diogo (*com ar mysterioso*)

Quanto a isso, não haja Sua Mercê receio. Que me queimem, se o que além é em baixo (*apontando para a mesma porta)* pode pescar nem palavra de quanto se aqui fala. Aquillo em seu tempo foi adéga subterrânea; eu é que engenhei d'ella aposentos; e sahiram elles, que não ha mais ver. Teem umas paredes e portas, que nem cárcere de Berbería. Nicolau de Frias, o architecto que el-Rei leva comsigo para Africa, não traçaria obra de melhor arte.

D. Affonso *(apontando para a porta do 1.º plano)*

¿E aquell'outro aposento, Diogo? ¿conserva-se devoluto?

Diogo

Como barriga de monge em sexta feira maior.

D. Affonso

Bom. (*Continua Diogo nas suas arrumações*; *D. Afonso afasta-se d'elle*, *desce ao proscenio*, *e passeando preoccupado fala entre si)*. ¡Vive Deus, que assim andastes avisado, senhor Martim Gonçalves, no aprasar sitio para os colloquios! Como na vossa poisada grandiosa não ousaveis, tomastes por valhacouto esta bodéga de má-morte, de pouca freguezia, e no bairro mois remoto e excuso de Lisboa. Por vida minha, que sois previsto. Pena é que outro ponto de algum momento vos não occorresse, senhor Martim; rogae a Deus que por ahi se vos não vá a nau a pique. Deslembrastes-vos de mim; esqueceu-vos que havia perto de vós homem honrado e leal, que por isso vos odeia com rancor, que ama a terra patria de alma e coração, que, em summa, tem a peito o desafrontar Camões. (*Pára*, *e volta-se para o estalajadeiro.)* Diogo, ultima vez será esta, que o sei eu; mas por agora, é mistér ainda que me ajudes. Continúa a haver-te fiel, que a recompensa virá na cola do servir. A' conta d'ella, toma. (*Entrega-lhe uma bolsa*, *que Diogo recebe com subserviencia*). Breve tornarei. (*Sai para a banda do caes*).

SCENA II

DIOGO *só a contar o dinheiro*

¡E oiro!... Paga que nem Rei, o meu gentil Fidalgo. Grande deve ser a alimária que elle monteia, que assim lhe atira com bombardas grossas. Folgára eu de descobrir o que o traz ao socáiro dos dois embuçados... Lá terá suas razões... (*Bambaleando no ar a bolsa*) e de pezo; que por isso dizem: deixae caçar a furôa, que onde vai não vai á tôa. (*Chegando á portada aberta ao fundo, repara em Miguel, que passa pelo caes; chama-o*) Para cá, Miguel primo; não me passeis a porta como cão por vinha de Dezembro. Entrae.

SCENA III

DIOGO e MIGUEL *entrando*

Miguel

Boa noite nos mande Deus; vou-me com pressa.

Diogo

Mas nunca será ella tamanha, que vos tôlha refrescarmos aqui primeiro os bofes com uma vez de vinho. ¿Que más fadas vos teem por lá trazido, que assim ha tempo largo que vos não enxérgo?

Miguel

¿Que quereis, Diogo primo, se moramos tão arredados, que é como quem dissera um em Gôa outro em Mazagão?

Diogo

Boa affeição vos quizera eu, que dos longes, em a havendo se fazem pertos. Dizei antes, que vos não dá dos parentes. (*Ri*).

Miguel (*rindo tambem*)

De desaffeição me não queixo eu; de fraco para andarilho, sim.

Diogo

¡Historias de Maria Castanha! Coração havieis de pedir a Deus, que não pernas a Santo Amaro.

Miguel

Por vida de meu avô tôrto, que me ralais com esses vossos chascos.

Diogo

Para ralações tenho eu droga, que nem physico do Paço, nem Francisco Lopes, nem Garcia da Horta. Tomae-m'a, e dir-me-heis como canta. (*Enche-lhe o copo, em quanto ambos se sentam á meza em dois escabellos*).

Miguel

No falar sois ás vezes desabrido, Diogo primo; mas haveis bom natural de entranha.... (*Bebe*) e bom vinho tambem. (*Ri. Diogo vai para lhe encher de novo o copo*). Tende lá mão; não sou vasilha de tamanho lote. ¿Querieis agora ver-me aqui dançar as tripecinhas? sempre fui fraco dos cascos.

Diogo

Embora, que vos não quero contradizer. (*Bebe*). Mas porém, ¿que vento vos atirou cá para o bairro?

Miguel

Quiz ver a armada d'el-Rei antes que se partisse.

Diogo

Então... el-Rei está já de abalada; ¡huum!...

Miguel

Depois de amanhan, dia do Senhor San-João, se diz que largará... ¡por peccados nossos! Vai-se foz em fora por esses mares de Christo, em demanda dos Moiros d'Africa, para lhes quebrar as soberbas e poderio. (*Como quem segréda coisa de grande tomo*). Aqui para nós: tontaria mais rematada, não a poderia fazer Sua Alteza... ou Sua Majestade, como agora dizem. Os rios de dinheiro que já se teem gastado no aparelhar da armada e gente de guerra, e o que ainda para o diante se tem de gastar, das nossas bolsas são tomados.

Diogo

¡Que remedio! Alguem ha-de pagar o escote. E mais, sabeis o adagio: negro é o carvoeiro, branco é o seu dinheiro.

Miguel

«Alguem», sim; mas porém o que me a mim destôa, é que esse alguem somos sempre nós. Por mim digo que mais mal quero eu á guerra, que á peste, que por ahi anda tão aceza, e já me levou minha mulher. Com a peste, morre um homem de uma vez; com a guerra, ficamos por portas, que é morrer todos os dias aos pedaços. Já me entendeis...

Diogo

O senhor Cardeal D. Henrique, o Clérigo-Governador (como por ahi o apódam), é quem mette na cabeça do Sobrinho essas ruins sizânias e fumaças de Cavalleiro-cruzado; e mais Luiz Gonçalves da Camara, o Reverendo confessor d'el-Rei, a quem Deus guarde d'estes e quejandos.

Miguel (*levantando-se)*

¡Espiritos guerreiros em Clérigos! Tão ruim liga é essa, que só o diabo a tragaria.

Diogo (*rindo*)

Se fossem elles cabos, ou homens de peleja, que houvessem os peloiros de lhes zunir pelas orelhas, já pode ser que foram mais pacatos; que lá dizia o outro: bem parece a guerra a quem é longe d'ella. (*Canta*)

!Quien hubiese tal ventura
sobre las aguas del mar
como tuvo el Conde Arnaldos
la mañana de San Juan!

(*Depois de breve pausa*). Não sei o que d'esta jornada me está agoirando o coração. Dez reis de cominhos de gente que el-Rei leva...

Miguel

¡E que gente! a que é portugueza vai forçada, que

se não vê por ahi senão prantos; e a forasteira... é forasteira. Dos nossos cavalleiros de hoje em dia não falemos; fazem-se elles mui de ferro por comprazer com el-Rei, que é das febras do diabo; mas mais afeminados, nunca os vistes: basta ouvil-os; falam delgado e mansinho... que nem noiva envergonhada; andam encostados a seus pagens, como as damas; no jogo da pela os vi eu já, que não passavam de uma casa para outra sem aquelles cyrenéos; e mas ainda iam gemendo com uns *hans* muito compridos, como se levaram ás costas a peça de Diu.

Diogo

E' verdade, é verdade. ¡E o cometa! ¿não vistes o cometa? Sôa que Pedro Nunes, o astrólogo, fizera a el-Rei uns prognósticos...

Miguel

¿Pois elle é isso só?!... ¡E a quantia de peixe-espada que tem sahido n'essas praias!...

Diogo

Assim dizem; ainda que d'esse não comi eu.

Miguel

Até contavam que n'um d'elles se via pintada de uma banda uma cruz com dois açoites....

Diogo

Galhardo peixe para oratorio de freira.

Miguel

E da outra banda a era d'este anno de 1578.

Diogo

Peixe tabellião.

Miguel

¡E as vozes de atemorisar que se teem ouvido por varias partes! ¡E lá Entre-Doiro e-Minho aquelles cavalleiros a pelejar nos ares!

Diogo

Tambem não vi, mas pode ser.

Miguel

¡E a phantasma de D. João o III, que apparecêra a Frei Luiz de Moura prophetisando tamanhos desastres!... ¡E aquella sentida voz, que andou tantos dias ás orelhas de Vasco da Silveira, «¡ai! ¡ai! ¡ai!» sem elle ver ninguem!

Diogo

¿Que Vasco da Silveira?

Miguel

Um dos Coroneis que vão com el-Rei na armada. A final (parece que em Almeirim), esconjurando elle para que se lhe amostrasse quem dava taes gemidos, se lhe descobrira um vulto negro, que foi crescendo... crescendo... crescendo...

Diogo

¡T'arrenego!

Miguel

.... E era de noite; e disse-lhe (*alteando e engrossando a voz*): «Chóro por mim.... Chóro por ti... e chóro por quantos vão...»

Diogo (*com prudencia*)

Quêdo, quêdo, falae baixo, homem, que se nos ouvisse ora alguem... Bem sabeis como vão os tempos; e mais ha sempre quem nos queira mal, do que bem. Olhae que el-Rei é como aquelle (*apontando para a Imagem de Santo Antonio*): está em toda a parte.

Miguel

¿Será verdade o que se diz: que não dorme?

Diogo

Verdade, e reverdade. Diz que antes da meia-noite se alevanta, e se vai com um pagem, ou sosinho, correr fadario como alma penada, sabe Deus por onde; por essas praias além; ¿que sei eu?

Miguel

Elle fala-se em que lê muito.

Diogo

Lá isso, lê; mas cuido que por isso mesmo é que traz a cabeça como galeão sem leme. Não lhe praz senão o que é arriscado, ou temeroso.

Miguel

¿Serão alguns amores escondidos?...

Diogo

¡Amores! ¿aquelle?.... Mais José do Egypto nunca o vistes. Onze mil filhas lhe confiára eu, se as tivera. Essa é outra, que os seus padres directores (Deus me perdôe) lhe teem amartellado: que fugirá mais asinha de uma donzella, que de seiscentos ginetes moiriscos.

Miguel (*rindo*)

E eu mais asinha fugira de um só ginete moirisco, que de seiscentas donzellas. ¿E vós, Diogo?

Diogo

Não m'o pergunteis, que não são para mim fortunas d'essas. Mas, tornando a el-Rei: ¿que me dizeis d'aquella, de se andar á luta com o selvagem negro, á noite, na matta? ¡sitiosinho... que até de dia põe pavor!

Miguel

¡E o passar, tambem de noite, no bergantim, por entre as torres de Belem e San-Gião, sabendo que (por ordem sua) deviam os artilheiros atirar a quem passasse! como de feito atiraram, que m'o contou João Gallego, que lá teve no estaleiro o bergantim a correger.

Diogo

Cá para mim, o que mais d'el-Rei me dá em que scismar, é o ir-se elle pelo escuro, com Sancho de Toar, atravessarem o Tejo, saltar só na praia d'além, ir-se ali ter das bandas do Rastello um desconhecido, e apartarem-se ambos a praticar, só por só, duas e tres horas largas; e isto .. ¡tantas vezes!...

SCENA IV

MIGUEL, DIOGO, um EMBUÇADO, *que entra pelo fundo, e se dirige para a direita.*

Miguel (*cotovelando a Diogo, e mostrando-lhe com os olhos o Embuçado*)

St... st... (*Diogo vai para o Embuçado*).

O Embuçado

Deus vos salve.

Diogo (*tirando o barrete*)

Outro tanto. Lá está já em baixo quem por vós espera (*Sai o Embuçado pela porta do 2.º plano á direita*).

SCENA V

DIOGO, MIGUEL

Miguel *(curioso)*

¿Quem é o framengo?

Diogo (*sacudindo os hombros*)

¿Não o vêdes? é um homem.

Miguel

Uma capa cuidava eu que era; mas... pois homem o dizeis, já vos creio. ¿A que vem?

Diogo

A tratar ahi com outro encapuzado da sua laia. Que me mellem, se os eu conheço; o que sei, é que me hão tomado de aluguel aquelle aposento subterraneo ha oito dias; teem já vindo emparedar-se n'elle umas tres ou quatro vezes, pagam bem, e das comidas que para lá ponho nem migalha provam.

Miguel

Aposto eu, que se vos não dera de ter muitos freguezes d'ess'arte. Mas dizei-me: nunca vos tentou a curiosidade, que os escutasseis?

Diogo

O que não fez Fuão, fal-o-ha Beltrão: outrem por mim o faz.

Miguel

Enigma é esse.... que me desatina. Sempre vos digo, que a premática, que manda pagarem os embuçados 300 reis para o meirinho que os prender, não é de todo párvoa. Serão elles alguns gravadores de moedas, como João Gonçalves, e virão para ahi fabrical-as falsas? *(Gesto negativo em Diogo)*. De curiosidade me vou comido. Com Deus vos ficae; breve farei volta por cá. Agora vou-me ahi a casa de um visinho vosso, com quem me importa falar por via de um vestuario de ermitão, que diz que representa amanhan no Auto que se faz no paço. Inveja vos hei, que levais vida folgada de estalajadeiro; uma hora vos quizera de adelo, para me não taxardes de desamoravel. *(Enxergam-se na rua, perto da porta, Antonio e Camões)*. Olhae, Diogo, aquelles dois forasteiros, se me não engano, andam á busca de poisada. Lançae-lhe o croque, que melhor é pescar hóspedes que paguem, que sahir com elle correndo a fisgar ladrões e arruadores. ¡Jesu-Maria, que um d'elles pelo carão é perro moiro! *(Retira-se Camões e vem entrando Antonio)*.

Diogo

Separaram-se.

Miguel

Não vos cahiu a melhor sorte: ficareis com o moiraz. Deus vos guarde. *(Vai até á porta, mas volta por curioso)*.

SCENA VI

MIGUEL, DIOGO, e ANTONIO

Diogo *(vai-se de barrete na mão para Antonio, e com reverencia o salva)*.

Que me digais, dom estrangeiro, o que de mim dispondes, e da poisada, que tão vossa é ella como eu.

Antonio

Um aposento.

Diogo

¡Pesar meu! Um temos ahi... mas só lá para o cabo do serão o hão de despejar. Mas porém eu verei...

Antonio (*com seccura e altivez*)

Em summa: ¿havereis onde albergar dois homens, meu senhor e eu?

Diogo (*atónito, á parte*)

¡Seu senhor!... Visto isso, é captivo. ¡Forte bruto! (*Encaixa na cabeça o barrete que na mão tinha*) ¡E tem um dizer despejado, e uma segurança de rosto, que nem que fôra gente!

Antonio

¿Deu-te ar na lingua, que te emmudeceu?

Diogo (*á parte*)

Não te dê cuidado; agora verás se tenho preza a lingua.

Antonio

Sim, ou não. Responde.

Miguel (*baixo para Diogo, e com ironia*)

Vá, respondei-lhe, que vol-o roga Sua Mercê.

Diogo (*baixo para Miguel*)

Respondo, respondo. (*Para Antonio, com voz e ademanes de altivo*) ¿Sabe que mais? os estalajadeiros d'esta terra não são creados de ninguem; se servem a todos, é porque mui bem querem; o costume por cá, em se falando com sujeito da minha arte, é tratal-o como quem é, nanja como a um pedaço de negro ou captivo; Portuguezes captivos, é fazenda que não ha.

Antonio (*encolhendo os hombros, e com gesto de menoscabo*)

Mentes, villão infiel. Escravos vejo eu por ahi a rôdo; e o primeiro és tu. Quando pouco ha phantasiavas que sería eu principe, ou senhor, ¿não te prostravas a meus pés?

Diogo

Rasgo era esse de cortez, para quem os sabe conhecer.

Antonio

Tanto que falei em *meu senhor*, desdobraste-te de repente, como arco onde estallou a corda, e eis-te ahi impertigado e arrogante. De altivezas tuas me rio; mas por conselho te dou, que d'aqui ávante me não tornes com ellas a tentar. Adverte n'isto, para que, se jamais nos tornarmos a ver, comigo outra vez te não enganes.

Diogo (*á parte*)

O carôcho é gracioso.

Antonio (*com enthusiasmo e affecto*)

Aquelle que eu appellido «meu senhor», em verdade o é, mas não como tu cuidas. Nenhum interesse nem cubiça me lançou grilhões aos pés. Livre nasci, livre mamei o leite de minha mãe, e hei-de morrer livre. Só impulsos de agradecido ânimo, e affeição nobre, que não conheces tu nem os da tua relé, me hão tornado captivo de um homem grande, que tambem tu não conheces, nem os teus. Este captiveiro, sim que o tenho; quero-lhe; ninguem m'o desatará nunca; a morte só; nem sei se a morte. A vida me havia salvado esse homem; consagrei-lh'a; ter-m'a ha toda por sua. N'elle empreguei quanto coração me doára Allah; n'elle cifro tudo; dóem-me as suas dores; venturas suas me aventurariam; respiro n'elle; com a sua alma sublime me engrandeço; ouso falar com as suas palavras, que enfeitiçam, estas mormente que um dia lhe escutei:

Transforma-se o amador na coisa amada,
por virtude do muito imaginar.

Se toda a formosa Ilha de Java, terra da minha meninice, me acclamára por seu *Guno*, não me ufanára, como quando «amigo seu» me nomeia o meu senhor. Já me conheces. Adeus, que me vou á procura de poisada. (*Vai para sahir*).

Diogo (*baixo e rapido, para Miguel*)

¿Sabeis que tem o perro gentís brios?

Miguel (*como acima, para Diogo*)

¿E assim m'o deixais desarvorar? (*Para Antonio*) Estrangeiro mano, ¡ólá!

Antonio (*tornando a traz*)

¿Que me quereis? aviae.

Miguel

Uma palavra tão só. Meu primo... (que este é meu primo carnal) meu primo não sabe o que diz.

Diogo (*baixo para Miguel*)

¡Sus, sus, patrão Miguel!

Miguel (*a Antonio*)

De ignorancia lhe nasceu o offender-vos, que não de ruim ânimo; falastes-lhe como a irmão... espinhou-se. ¡Que muito! ¡se o coitado não sabe nem til lá d'essas vossas linguas indiáticas! (*Voltando-se para Diogo*) Porque has-de tu advertir, que ali o nosso amigo, se estivesse praticando (supponhâmos agora)... com um Samorim, ou um maioral, ou (como elle diz) um Guno lá da sua terra, não se expressaria por diversos termos.

Antonio (*com desprezo*)

¡Parvo!

Diogo (*baixo, a Miguel*)

Comtigo é. (*Alto para Antonio*). Pois, snr. estrangeiro, já confesso.. que errei. Se o desejais, ir-vos-hei mostrar o aposento...

Antonio

¿Onde é?

Diogo (*abrindo a porta do 1.º plano á direita*)

Aqui. (*Entra com Antonio para o quarto*).

SCENA VII

MIGUEL *só*.

¡ «Parvo» ! Aquillo foi para meu primo ; d'esta feita não falou indiático, se não portuguez de lei. (*Torna Diogo a apparecer*)

SCENA VIII

MIGUEL *e* DIOGO

Diogo (*á parte*)

Certamente o «parvo» foi para meu primo. (*Para Miguel, baixo e irónico*). ¿Que lhe quereis ? como a irmão vos trata ; é como se estivera praticando com os Gunos da sua terra.

SCENA IX

Os mesmos e ANTONIO, *que vem sahindo do quarto.*

Diogo (*voltando-se para Antonio*)

¿Que me dizeis do agazalho? (*Antonio não responde, mas faz ver por gesto que está satisfeito do albergue. Diogo continúa falando a Miguel em voz baixa*). Bem hajais, primo, que em quanto o diabo esfrega um ôlho me mettestes dois hóspedes em casa.

Miguel (*sahindo para a rua*)

Com Deus vos ficae.

Diogo (*acompanhando-o até á portada do fundo*)

Vinde amanhan, que acenderemos fogueira; bailareis com as moças se vos aprouver, e botaremos uma can fora. Já que faltastes ao meu Santo Antonio, não me falteis ao meu San-João, que vol-o não houvera de perdoar.

Miguel

Veremos. (*Ao sahir a porta, encontra-se cara a cara com Camões; revira-se reparando n'elle, e desapparece.*)

SCENA X

DIOGO, ANTONIO, e CAMÕES, *que vem entrando, melancolico, absorvido nos seus pensamentos.*

Camões (*desce o theatro falando entre si, em quanto no ultimo plano Diogo e Antonio trocam algumas palavras em voz baixa*)

¡A minha senhora D. Caterina!... se o é. Inda a inclinação lhe não mudou, que bem me lembra como folgava de ir resar á egreja de Sant'Anna. Mal haja o remoinho do povo ao sahir do templo, que a esgarrou d'estes meus olhos, ¡tão cançados de a chorarem ao longe! (*Para Antonio*) Bem vai, amigo Antonio, já déste por ti só a primeira passada n'estas novas partes da política e sublimada Europa. (*Para Diogo*) E bem, burguez honrado, ¿sois conchavados no ajuste?

Diogo (*adiantando-se*)

A's mil maravilhas; deixae-me tão só o tempo de vos arrumar a estancia, que pouco ha ainda a despejaram, e prestes vos entrego a chave.

Camões (*com ar alegre*)

¿De que estancia falais? philosophos somos; um cubiculo nos basta, com um só catre e dois escabellos.

Diogo (*á parte*)

E' jovial o escudeiro. Pois sou contente, que de sizudos tristes me livre Deus. (*Caminha para o fundo do theatro, e volta logo*). E' verdade: ¿e as vossas arcas? ¿onde as deixastes?

Camões (*perplexo*)

As minhas arcas... (*A' parte*) Dou que nos toma por morgados da Beira, ou Capitães-mores das armadas da India.

Diogo

¿Quereis que mande por ellas?

Camões

Não tem pressa (*A' parte*). Cá me entendo.

Diogo (*para Antonio em tom bondoso, como quem deseja reconciliação*)

O que lá vai, lá vai. (*Entra para o quarto da direita.*)

SCENA XI

CAMÕES, ANTONIO

Camões, (*triste, e depois de pausa*)

¡Perguntar pelas arcas ao filho pródigo!... Quatro livros, alguns cadernos, e um Crucifixo, eis ahi todo o fardel; pouco mais. O meu Antonio amanhan irá buscar isso á náu. (*Com respiro largo*). Deus louvado, que já uma hora em Lisboa me tórno a ver alfim. (*Chegando-se para a janella do caes*). Salve, Lisboa minha, minha velha, minha formosissima cidade! Para ti me torno a cabo de dezassete annos de trabalhado desterro, mais pobre e mais poeta que nunca. ¡Nem já de mim te lembrarás, terra madrasta! e a mim, nem o dormir te me desluzia da memoria, que entre sonhos vela o coração dos namorados. ¡Que muito! ¡se o meu cubiçado pomo-de-oiro, a minha pérola-de-Cleópatra, o meu Anjo-do-paraizo, d'estes muros a dentro resplandecia! Além, além vive a dama por quem eu sou contente de ser triste... por quem mil vezes morreria se o podéra. Além, além vive. De suas paredes me está revendo para os olhos d'alma a claridade de sua formosura. Além, além vive, que só para lá se revolve este coração, como agulha de marear que busca sempre a sua estrella. A ella porém... ¿alembrar-lhe-hei eu ainda por ventura? ¡Ah! que se a caso... (*Repara em Antonio, que não desfitou d'elle os olhos embevecidos*). ¿Por que assim olhas para mim, Antonio? ¿Louco te pareço?

Antonio

¡Oh! que não. ¡Entendêra-vos o mundo, e entendêra-vos ella como vos eu entendo! E não me esquece ainda, quando aquillo cantaveis tão docemente:

As lagrimas da infancia já manavam
com uma saudade namorada;
o som dos gritos que no berço dava
já como de suspiros me soava

Co'a edade o fado estava concertado;
porque quando por caso me embalavam,
se de amor tristes versos me cantavam,
logo me adormecia a natureza,
que tão conforme estava co'a tristeza.

Camões

Quando alguma vez, como agora, me côlho ás mãos a phantasiar venturas... de mim mesmo me rio.

Antonio

¿E por quê?

Camões (*encostando-se no hombro de Antonio, e descendo ambos a scena)*

¡A ventura!... (*Longa pausa*). Peregrinei assaz de terra e mares; e, segundo n'aquell'outra canção o escrevi,

.... deixei a vida
pelo mundo em pedaços repartida.

Era tudo percorrer apóz a ventura, e ella a me fugir diante. Nunca cheguei, onde de longe a vira branquejar, que ao meu chegar não levantasse o vôo para mais longe. O bom e tão valioso amigo, que me havia cá de amparar, ¿não nos falleceu no mar quando já avistavamos Cintra? *(Com sorrir magoado)* ¡A ventura! ¡ a ventura!...

Antonio

Quiçá a alcançareis aqui. Nem sempre a Patria vos será madrasta.

Camões

Boa sorte sem boa cabeça, não a pode haver, Antonio; e a minha (¡mal peccado!) é das mais ruins que nunca hei visto.

Antonio

Antes a não ha para mais loiros, segundo todos dizem, e o diz tambem meu coração.

Camões (*largando-lhe o hombro*)

Melhor a conheço eu, que tu e elles: ruim é, ruim foi, e ruim tem de ser até ao cabo; ganhára muito em

a trocar pela de qualquer chatim judeu, ou mercador da rua Nova. Nunca a pude obrigar a deitar contas e negociar o porvir. Em troca, porém, vieram por seu pé tomar n'ella aposentadoria a briosa altiveza e... e a loucura, sob o nome de Poesia. ¿E para ventoinha tal querieis vós malbaratar os loiros?!... Dae-os antes a quem bem saiba as contas de Frandes, e carregue nos portos do Oriente caravellas de seda e beijoim. Ide-vos com o tempo, que para esses sós quer elle que sejam os triumphos. Loucura e altiveza, eis todo o meu haver, que por derradeiro só me servirá talvez de salvo-conduto ahi para o hospital.

Antonio

Mal cuidais quanto me affligis falando n'isso.

Camões

Grave sem razão. O hospital são uns formosos paços, e quasi tamanhos como os da Ribeira onde el-Rei assiste. De sizo t'o digo, Antonio: d'estas duas coisas, ambas tristes e temerosas, côrte e hospital, não é o hospital a de que eu mais tremo. ¿Que importa? apesar de ambas, quero muito á minha Lisboa, á minha donosa e ingrata Lisboa. Mal o presumia eu quando, annos ha, me partia d'ella, Tejo a baixo, na nau *San-Bento* com Pedralvares Cabral; que a minha ultima despedida foi esta: «Terra ingrata, fica-te, que me não has-de tu comer os ossos.» Dizia-lh'o, mas entre lagrimas. E lá pelo teu Oriente, nem dia, nem hora, nem instante, nem velando, nem dormindo, nem em trabalhos, nem em gôstos, nem perseguido, nem festejado, me esquecia d'ella. Era-me tiranna, mas era Patria. A ti porém, Antonio meu, é desterro verdadeiro. (*Gesto commovido de Antonio*). ¡E se n'ella te aguardasse tambem a ti a minha desventura! ¿como poderias perdoar-lhe tu? ¿com que te consolarias não vendo cá o teu berço, nem o teu rio Chiamó, nem as arvores que primeiras te riram em menino, nem as sepulturas de teus paes?

Antonio (*com affecto*)

Descançae, mestre; acostumei me a pensar todos os vossos pensamentos; ao que vós chamais Patria,

chamarei Patria, e querer-lhe-hei por vós e como vós. Nenhuma fôrça de vós me apartará em quanto eu viva; só a vossa vontade podera tanto; mas d'essa... me não temo eu.

Camões (*sentando-se desanimado junto á meza*)

¡ Agra tarefa te impões, meu pobre Jáu!

Antonio (*chegando-se-lhe*)

Folgára eu que podesse n'esta hora o meu sangue mercar para vós as ditas que mereceis.

Camões (*erguendo-se de subito*)

¡ Animo, e avante, Luiz de Camões! se tens em Lisboa mil fidalgos villões por inimigos, tens para os contrapezar um amigo; unico sim, mas tambem na amisade unico.

Antonio (*com impeto*)

¿ Inimigos dissestes? heis-de m'os dar a conhecer.

Camões

Sim, sim, inimigos; e com mais para temer, que os Migueis Fios-seccos, e os Barretos lá da Asia: um Escrivão da puridade, um Martim Gonçalves, e um Cardeal D. Henrique; dois como Reis, de quem o coitado de mim se aventurou out'rora a dizer verdades. Elles me negociaram o desterro; e morte em cadafalso me houveram negociado, se se atrevessem.

Antonio

¡ Guapa caridade de christãos! ¿ E a nós outros chamam barbaros gentios, e nos mandam prégadores de sua Fé?!

Camões

Como ora voltei, reviverão seus odios.

Antonio

Pois que revivam; não os tememos.

Camões

¡ Assim, meu leão silvestre! ¡ assim! sempre indómito e rompente! (*Abaixando a voz*) Mas cuidado,

que não estás aqui em palmares ou sertões; prohibo-te loucuras, sob pena de me agastar comtigo. (*Ouve se correr um sino ao longe, o qual continúa até ao fim da fala*) ¡Ah!... escuta: ¡ uma campa que tange! Não é bater de horas, não; tocar das Trindades deve ser. (*Pausa*) ¡Esta campa! sempre esta campa! ¿Que me quererá agora? Quero-te dizer isto, Antonio: esta campa de Sant'Anna sabe a minha vida; ponto por ponto a podéra relatar. Pregoou a um tempo o mortório da mãe, e o baptismo do filho. Bradava e gemia por ella, alma gentil que se partia descontente d'este mundo para se ir aos Ceos, e repicava triumphal pelo filho, que encetava viver de dores e trabalhos. Na infancia, isto. Mancebo e donzel, sempre ella tambem foi comigo; ambas as vezes que larguei Lisboa desterrado, ambas a ouvi soar á hora do meu apartamento. Fugiam as praias do Tejo, Lisboa se nos ia pela pôpa a esvahir no horizonte; no ouvido attento me vinham acabar de morrer uns sons confusos, como apagados suspiros de cidade remota; ninguem os percebia já senão eu, que os ouvia pelo coração; reconheci-os; eram ainda vozes d'esta campa de Sant'Anna. ¡Extrema despedida da minha terra! Quando hoje, ante-manhan, vinha a nossa náu *Santa Fé* remontando o Tejo, que nós debruçados na amurada allongavamos olhos pela escuridão, á busca de Lisboa... ¿ não percebemos um som mortiço? Recorda-te, e reconhecerás que era esta mesma campa. Assim que, máguas e alegrias, todas ellas me ha apontado. (*Cala-se o sino*) D'esta vez... bem poderá ser que me annuncie... morte. (*Recai sentado e triste*).

Antonio

¡ Sempre o mesmo! ¿Quereis ora que me vá á poisada do senhor D. Affonso de Noronha?

Camões (*como despertando e tornando a erguer-se*)

Sim, sim, que se eu tardasse em lhe dar novas da minha tornada, não m'o houvera elle de perdoar. Escuta porém, Antonio.

Antonio

¿ Senhor meu ?

Camões

Que ninguem sonhe, nem sequer o meu amigo D. Affonso, o desamparo e míngua em que jazemos. Se a desventura porfiar... então... veremos o que importa fazer.

Antonio

Percebi. Far-se-ha como dizeis.

Camões

Vae ora, e faze volta breve. (*Sai Antonio pelo fundo*).

SCENA XII

CAMÕES *só, acompanhando com os olhos a Antonio.*

Por vida minha, que homens de tão fina têmpera não os cria o Occidente; se alguns produz, é por descuido, e nunca duram muito esses taes. ¡Vive Deus! vou estrear nova era. ¿Que fados me aguardarão porém? Cá tenho eu os meus designios designios ha-os sempre; o que só me fallece são meios com que os realisar; meios, digo, seguros, d'estes que surtem sempre seu effeito. Um regresso haveria, que são os emprestimos; mas dividas são azos para naufragios; e de naufragios por mar e terra estou eu farto.

SCENA XIII

CAMÕES e DIOGO, *que sai da porta do quarto da direita.*

Diogo

Tendes, senhor, o vosso hospicio já prestes e concertado.

Camões (*affavel*)

Bem hajais, honrado hospedeiro. Se vos perguntar alguem por Luiz de Camões, sou eu.

Diogo (*espantado e respeitoso*)

Com licença de Sua Mercê: ¡Luiz de Camões? ¿o autor das trovas namoradas que por ahi se can-

tam na guitarra em saráus de senhores e passatempos de villões!? ¡Que gentil arte de trovar! (*Canta*)

Menina formosa e crua,
bem sei eu
quem deixára de ser seu,
se vós quizéreis ser sua.

Camões (*rindo com bonhomia*)

Garganteais, que nem Mathias d'Aranda, o mestre de solfa na Universidade de Coimbra.

Diogo (*rindo tambem*)

Dizei antes, que nem a cachorrinha de Sua Alteza a senhora Rainha, que dizem que é mais entoada que dez foliões da Arruda. (*Transição de tom*). Mas, tornando ás trovas: aquell'outra... que perante ruins e praguentos se não diz... contra o senhor Cardeal, o Escrivão da puridade, e o Confessor d'el-Rei... é tambem do vosso engenho, cuido eu...

(Camões *com uma gargalhada*)

Por vida de teu avô torto, que te cales.

Diogo

Haveis rasão; que essa trova é mais defeza e malsinada em Lisboa, que vinho de Bucellas em pagode de Turquescos. ¡ Ainda mal, que bem caro vol-a fizeram pagar! (*Transição*) Com que enfim, sois o senhor Luiz de Camões. ¿Quem me houvera dito, que se honraria jamais a minha poisada com receber-vos? Da casa, do que n'ella houver, e de mim, podeis fazer conta como de coisas todas vossas. Já por fé vos amava; mas agora em tresdôbro, senhor D. Luiz de Camões, cavalleiro exforçado como poucos, e poeta para uma trova como nenhum, segundo pregôam os entendidos. Havei-me por captivo vosso, que mais me ufanarei eu d'isso, que pagem-da-tocha ou rei-d'armas em ceremonial do Paço.

Camões

Que vol-o pague Deus, amigo honrado. Mal presumís o bem que me fazeis com taes palavras. Gra-

ças; outra vez graças. (*A'parte*) A' fé, que merecia elle outra casta de hóspede. (*Vai-se para o seu aposento pela 1.ª porta da direita*).

SCENA XIV

DIOGO *só, contemplando Camões até elle desapparecer*

Amanhan apeio o rótulo que tenho por cima da porta, com uma caravella doirada. Quero mandar pregar outro mais soberbo: ha-de ser o retrato do senhor Camões, do meu hóspede, pintado por Braz d'Avellar, com este moto que me ficou de um seu soneto:

Serás pharo a soldados e a poetas;

e o moto, da letra do senhor Manuel Barata, mestre de escrita de Sua Alteza. Com tal chamariz, poderá a minha estalagem rir-se até dos Estáos do Ressío, com serem poisada de Embaixadores. Estou que a lembrança não ha-de desprazer ao meu Poeta. (*Chega-se para escutar á 2.ª porta da direita*). ¿E cá os nossos emparedados? ¡ tomára adivinhar o que estão fazendo! E' segredo de abelhas em cortiço. Muito boa nunca a obra deve ser. Mas a mim, ¿ que me arma? se bons caldos mechem, que taes os bebam (*Repara em alguem que avista ao longe na rua*) Lá chega o meu escutador de portas; e vem com um desconhecido. ¿Que farei agora, que aluguei a outrem o seu aposento? Adeus! que se agazalhe como podér. Eu não hei-de pôr na rua o senhor Camões por via d'elle, nem de ninguem. (*Sai apressado pela esquerda*)

SCENA XV

D. AFFONSO DE NORONHA e EL-REI D. SEBASTIÃO, *disfarçado em trajo burguez*

D. Affonso

E' aqui.

El-Rei *(olhando em volta)*

¡N'esta espelunca! A vos não conhecer eu como vos conheço, D. Affonso de Noronha, suspeitára que me trazieis a um covil de malfeitores.

D. Affonso

E bem o pode Vossa Majestade dizer: encerrados n'esta hora estão dois além (*Apontando para a 2.ª porta da direita*).

El-Rei (*sorrindo*)

¿Continuais logo a teimar que nos atraiçôam? Emperrado sois nas ruins suspeitas. O amor e zelo que á nossa pessoa haveis, vos allucinam.

D. Affonso

¡Oxalá que em meras suspeitas se fundára o capitulo, que eu a Vossa Majestade fiz contra Martim Gonçalves¡ O que eu revelei, vi-o e ouvi-o; e Vossa Majestade em pessoa agora o verá e ouvirá tambem.

El-Rei (*depois de dar alguns passos pela casa, com ar distrahido e indifferente, encosta-se ao peitoril da janella do fundo*).

Tresvariais.

D. Affonso

Vossa Majestade sabe mui bem as invejas e malquerenças, que de muito ha entre Martim Gonçalves e Sua Alteza o senhor Cardeal, tio de Vossa Majestade. Desde que a Regencia d'estes Reino veio ás mãos de Sua Alteza Eminentissima, Martim Gonçalves desesperado vendeu-se aos Castelhanos.

El-Rei (*desencostando-se, e voltando para D. Affonso*)

¡Oh! ¡que gracioso sonhador de desvarios, que vós sois! mas dêmos já de mão a tramas e conjurações. ¿Quereis que vol-o diga, D. Affonso? desde que vos entregastes a esses pensamentos, já vos não conheço; mais vos queria ver qual éreis d'antes: gentil homem descuidoso, e cortezão aprasivel. Desenfadêmo nos; lembrae-vos de que é esta a penultima noite que em Lisboa passamos.

D. Affonso (*com insistencia*)

Por isso mesmo, senhor Rei, é que eu mais vos supplico me attendais. Vossa Majestade a partir para a Africa, e logo Portugal governado (ou desgovernado) por um Velho fraco e malquisto do Povo.

El-Rei (*sempre distrahido*)

¿Credes que me deixasse eu aqui trazer com o fito de espiar e prender traidores? ás minhas Justiças toca esse officio, que não a mim. Não, não; se consenti em vos acompanhar disfarçado, foi porque d'esta estalagem, pelo sitio em que me dissestes que ficava, me occorreu que poderia, sem ser conhecido nem importunado de passageiros, aguardar o signal da luz, que além n'uma barca do Tejo ha-de apparecer. (*Aponta para o rio, e volta ao fundo*).

D. Affonso (*depois de pausa*)

Uma palavra mais; a derradeira, senhor Rei.

El-Rei (*tornando a descer o theatro*)

Pois que a derradeira é, dizei-a embora. Conclui, conclui.

D. Affonso (*ajoelhado*)

Rei e Senhor meu; se d'aqui a tres mezes, em se tornando da jornada de Africa, Vossa Majestade achar fechadas as portas da sua Capital recordar-se-ha de como D. Affonso de Noronha se ajoelhou ás suas Reaes plantas.

El-Rei (*com modo insoffrido*)

Erguei-vos. (*Ergue-se D. Affonso*) ¡Quem me já déra d'aqui longe! Mas por dar mate a importunações, vamos; fazei tudo; depressa; ¿que é o que de mim desejais? Mas adverti, que assim como eu vir brilhar a minha luz, de súbito me ausento. Falae. (*Pára, olhando fito para D. Affonso*).

D. Affonso (*em voz concentrada*)

D'este aposento (*aponta para o quarto de Camões*) se ouve quanto se diz n'aquelle (*aponta para a porta por onde entrára o embuçado*), que, por mais baixo, fica sendo por este dominado, sem o cuidar. Para lá descem duas escadas: esta (*torna a apontar*

para a porta do 2.º plano), a unica de que se elles servem, e outra que para este quarto sobe (*aponta outra vez para a porta do 1.º plano*). A porta ao cimo d'esta 2.ª está-lhes a elles encoberta com um almario corrediço; tem um ralo para escuta, e da banda de cá uma cortina que o disfarça.

El-Rei (*em tom frio e secco*)

Haveis jurado a Mafamede gastar-me de todo a paciencia, D. Affonso.

D. Affonso (*continuando*)

Destapado o ralo, nenhuma palavra se diz em baixo, que de cima se não perceba claramente. Aqui tem Vossa Majestade o como, e por onde, logrei descobrir o crime de alta traição, que entre elles se anda concertando. Vinde, Real senhor, e já ficareis de todo convencido. (*Vai para abrir a porta do 1.º plano, e não consegue*). ¡Fechada!

El-Rei

¡Ainda bem!

D. Affonso (*a vozes*)

¡Diogo! ¡Diogo!

SCENA XVI

OS MESMOS e DIOGO

Diogo (*sahindo da esquerda*)

¿Senhor meu?

D. Affonso

¿Por que está esta porta fechada?

Diogo (*confuso*)

E' porque... esse aposento... alugou-se.

D. Affonso (*severo e peremptório*)

E eu d'elle necessito; abri-o já, e logo.

Diogo

Mas... porém...

D. Affonso

Obedece, villão. (*A'parte*) ¡Em tão pequeno escôlho naufragar um Reino!... (*Diogo entra no quarto de Camões, que este abre de dentro, e saem logo ambos. N'este minuto ficam mudos, e observando, el-Rei e D. Affonso*)

SCENA XVII

EL-REI, D. AFFONSO, CAMÕES, e DIOGO

Camões (*a Diogo*)

Falar-lhe-hei eu. (*Repara em D. Affonso, reconhecem-se, vão um para o outro, abraçam se*) ¡ D. Affonso de Noronha!

D. Affonso (*admiradissimo*)

¡ Camões! (*Fica sério e retrahido*)

Diogo (*para si, vendo a manobra*)

Conhecidos são. (*Sai pela porta da esquerda*).

D. Affonso (*áparte*)

Ainda tenho esperanças.

SCENA XVIII

EL REI, D. AFFONSO, CAMÕES

Camões (*a D. Affonso*)

¿ Falou-te o meu captivo?

D. Affonso (*com ar secco e frio*)

Não. (*Para el-Rei, que se approximou*) Real senhor, a Vossa Majestade apresento Luiz de Camões.

Camões (*surprezo, confuso, inclinando-se profundamente*)

¡ El-Rei!!...

El-Rei (*com ar gracioso e affavel*)

Muito folgo, Luiz de Camões, de conhecer alfim o autor de tão gentís sonetos, o autor dos *Lusiadas*, o mais nacional poema que nunca houve.

Câmões (*timidamente*)

¿E' possivel... que Sua Majestade... pôz os olhos nos meus versos ?!

El-Rei

¿ Que admirais n'isso? Versos que todos trazem na memoria e na bocca, ¿ havia eu só de os ignorar? ¿Não querieis que lesse o Monarcha de Portugal um livro, que é thesoiro das glorias portuguezas? querieis, meu primoroso Poeta; ¡oh se o querieis! que para isso lá me falaveis n'aquellas divinas estancias, que talvez não concorreram pouco para a façanha que entre mãos trazemos da conquista d'Africa:

Vós, poderoso Rei, cujo alto Império
o sol logo em nascendo vê primeiro,
vê-o tambem no meio do hemisphério,
e quando desce o deixa derradeiro,
vós que esperamos jugo e vitupério
do tôrpe ismaelita cavalleiro,
do Turco oriental e do gentio
que inda bebe o licor do santo rio.

¿Sabeis, Camões, que eu leio na propria Lingua os poetas da antiga Roma? pois juro-vos que não achei em Virgilio mais formosos versos.

Camões

Os olhos da Real benignidade
ponde no chão; vereis um novo exemplo
do amor dos patrios feitos valorosos
em versos divulgado numerosos.

D. Affonso (*impaciente, baixo mas para ser ouvido d'el-Rei*)

! E instantes d'estes a perderem-se!!...

El-Rei (*a Camões*)

Com bem ruim hospicio vos contentastes, cavalleiro.

Camões (*jovial*)

Quiz tornar a ver Lisboa disfarçado.

El-Rei

Não sois vós homem para deverdes entrar n'ella d'esse modo. Reis são tambem os poetas, e mais que Reis quando vos assemelham; pois em quanto nós outros recebemos a Corôa, vós vol-a cingís por vossas mãos, e a dais se vos apraz. Amanhan vos espero nos meus paços da Ribeira; quero que perante a Côrte, perante cavalleiros e damas... (damas tambem, Luiz de Camões) me apresenteis *Os Lusiadas* de vosso punho, e nos façais ouvir por bocca de seu autor a morte de D. Ignez.

Camões (*inclinando-se*)

Grande sois e generoso, Real senhor. Escureceis a fama de Alexandre; porque Homero, que elle sempre tinha á cabeceira, era já finado e antigo; e eu... Todavia, tenho (como já lá dizia)

para servir-vos, braço ás armas feito;
para cantar-vos, mente ás Musas dada.

El-Rei

Haveremos sarau, que sobreleve aos de D. João III. ¿Sabeis que as donzellas, poetisas e musicas do estrado da Princeza minha tia, nos hão apercebido um Auto como os de Gil Vicente, o qual mereceu a approvação do meu Chronista mór Antonio de Castilho, bom desembargador em causas de Poesia.

Camões

Não sabia, senhor; encantais-me.

El-Rei

¿Que dizeis á ousadia feminil?

Camões

Que mais devem as Musas favorecer ao seu sexo do que ao nosso, e nós agradecer-lhes em dôbro esses favores.

El-Rei (*para D. Affonso, que não deixa de se mostrar contrariadissimo*)

Já vedes, D. Affonso, que tenho tambem por amigos aos que o são vossos. (*Vai el Rei encostar-se ou-*

tra vez á janella para observar o Tejo. N'isto vem da rua Antonio, saúda os presentes, e recolhe-se pela 1.ª porta da direita. El-Rei reparou attento em Antonio; desencosta-se, desce um pouco o theatro, e diz): Gentil mancebo é o Indio; por um Gran-Vasco merecêra retratado, e esculpido por um imaginario como Affonso Lopes. ¿Conheceil-o?

Camões

Como a mim proprio, senão melhor.

El-Rei

¿Da India?

Camões

Dos trabalhos.

El-Rei

Mais é.

Camões

Na entrada do golfo de Sião eramos ambos naufragados, e salvámo-nos um com o outro; posso dizer que ali nascemos gémeos, para havermos de morrer juntos.

El-Rei

Cá foi dito que d'essas aguas arrancáreis vós o vosso poema.

Camões *(com signal affirmativo)*

... E este homem; unicas riquezas que da Asia trouxe. Ainda assim, dez *Lusiadas* e cem Asias dera eu por um só amigo como aquelle.

El-Rei

¿Pertence-vos?

Camões

Captivo meu lhe chamam; mas um ao outro nos pertencemos.

El-Rei

¿D'onde é?

Camões

De Java, senhor.

El-Rei

Terra de valentes, dizem; e cuido que o dissestes vós tambem.

Camões

E onde cumprisse proval-o, proval-o-hia elle. Valente, e poeta.

El-Rei

¿Discipulo vosso?

Camões

Discipulo meu... talvez; mas alumno da formosa Natureza oriental, e inspirado de seus ares creadores. E' a terra do sol e das pérolas; é a terra das alterosas palmas; ¿como não sería a terra dos poetas? Com elle me praz praticar devaneios e saudades; leio-lhe, ou lê-me elle as minhas trovas, quando já de cór m'as não recita; e tudo me entende: assim o que digo, como o que dissimulo. Muita vez me ha supprido elle só auditorio, e até mundo. Das affectadas friezas dos contemporaneos a miude me consolei, com os louvores ingenuos do meu Indio. Por sua bocca (perdôe-me Vossa Majestade a vangloria) me parecia estar escutando ao longe a posteridade.

El-Rei

Bem, muito bem, meu Poeta; quero que amanhan em palacio m'o apresenteis. (*Para D. Affonso*). Já vêdes, D. Affonso, que não só aos vossos amigos agazalho, se não tambem aos amigos dos vossos amigos.

D. Affonso (*inclinando-se*)

Beijo-vos as mãos, senhor; (*em tom mais baixo*) mas não vos esqueçais...

(El-Rei *despreoccupado*)

Para outra vez será. (*Caminha para o fundo, sempre a observar o rio*)

D. Affonso (*baixo a Camões*)

¡Não chegares tu duas horas mais tarde!

Camões (*baixo, e sem atinar*)

¿Que has dito?

El-Rei

¡Alfim a luz! ¡Vive Deus! (*Para D. Affonso, que faz pelo deter.*) Mais me releva que isso tudo, o que

d'além me está chamando. Ficae-vos. Até amanhan, meu Luiz de Camões. (*Sai pela porta do fundo*)

Camões (*fazendo-lhe reverencia*)

Senhor...

D Affonso (*seguindo a el-Rei com os olhos*)

¡Sebastião, Sebastião! ¡A Deus praza que não venhas ainda a arrepender-te, e sem remedio.

SCENA XIX

D. AFFONSO, e CAMÕES

Camões (*cruzando os braços, e encarando a D. Affonso, que passeia agitado no proscenio*)

¡Bofé, que para recebimento como o teu, não valia a pena de haverdes corrido não sei quantas mil léguas de Oceano! ¿Que novas modas são estas que venho achar? se jogo é, ou momos, dessalgados me parecem, por vida minha (*Chega-se a D. Affonso, e estende-lhe a mão*). Mas antes de mais nada: venha essa mão. Agora não ha já ahi Realezas que nos ensombrem os affectos; é dar largas ao coração. Dize-me: ¿acho eu em ti o amigo que deixei, como tu recobras em mim o que sempre houveste?

D. Affonso (*apertando-lhe a mão*)

¿Que nos jurámos nós á hora do apartamento?

Camões

Amisade para em quanto vivos fossemos.

D. Affonso

¿Não somos nós ambos homens de palavra?

Camões

Voto que sim.

D. Affonso

¿Somos vivos?

Camões

¡Graciosa pergunta!

D. Affonso

Mais graciosa ou mais párvoa pergunta é logo a tua

Camões

¡Avante!

D. Affonso (*á parte*)

Não quero que os traidores em sahindo me descubram. (*Alto*) A' fé que largarás para logo tão ruim poisada.

Camões

Certo que não; bem sabes que tive eu sempre phantasias; é esta mais uma; cá me entendo; apraz-me o ninho.

D. Affonso

Zombaría semsabor. Vem, amigo.

Camões

¿Para onde?

D. Affonso

Para a minha poisada, que é tua.

Camões

Não aporfies, que não tróco a estancia pela do Preste-João.

D. Affonso (*sentido*)

Não aporfiarei, pois não hei tempo para malbaratar. Com Deus te fica. Até breve. (*Vai a querer sahir*)

Camões (*segurando-o affectuoso*)

Tambem não. Ainda agora nos encontrámos¡ e já nos haviamos de apartar!? ¿A que veem taes pressas? ¿desferís vella já hoje para Africa? Pratiquemos de espaço. Dize-me antes de tudo: quando, pouco ha, estavas aqui só por só com el-Rei... creio que cheguei importuno, e vos atalhei na conversação...

D. Affonso

Não t'o nego.

Camões

Mas... ¿do meu aposento que pretendieis vós outros?

D. Affonso

Segredo é esse, que te não posso descobrir.

Camões

Bem fazes logo em o guardar. Falemos d'outra coisa, que faz mais ao meu proposito. Visto como devo ir amanhan a palacio, importa me dês roteiro d'essa paragem aparcellada, e me faças, como experimentado, relação fiel do que lá corre. Não quero haver-me boçal, que digam praguentos e zombeteiros que sou chegado de além-mundo. Não te pergunto se és ainda valído, pois te vejo Achátes do Real Enéas. Novas quero sobre tudo da tua formosa prima, a minha senhora D. Caterina de Ataíde.

D. Affonso (*a custo*)

¿D'ella te lembras ainda?

Camões (*com fogo*)

¡Oh! ¡e quanto! Dize-me: falava ella alguma hora no pobre desterrado?

D. Affonso

Muito. Mas... ¿que te dá a ti d'isso?

Camões (*admirado*)

¿Já te não lembra como eu a idolatrava?

D. Affonso

Sim... mas dezassete annos ha isso.

Camões

Pois idolátro-a agora como ha dezassete annos.

D. Affonso (*friamente*)

¡Tu! ¿tu queres-lhe ainda?...

Camões (*com enthusiasmo*)

Sim; quanto mais longe d'ella me sentia, mais sentia ir-se-me entranhando pelo coração a dentro ou se

amor. Este amor, só com o mesmo coração m'o arrancariam, que já dos dois fizeram um-só a rasão e o costume. Enigma é, e enigma sou eu proprio, que te não sei explicar; sei que a amo. Em tudo mais, achar-me-has ainda qual fui sempre: mudavel de hora a hora, e só constante na inconstancia; mas este amor... é alma da minha vida. (*Com vehemencia*) Se me dissera alguem: «D. Caterina, aquella tua *Natércia*, aquella musa dos teus mais amados e mais amantes versos, D. Caterina já te não ama, olvidou-te...

D. Affonso (*querendo socegal-o, e olhando a furto para a porta do subterraneo*)

Mais baixo, mais baixo.

Camões (*continuando*)

D. Caterina quer bem a outrem»... O que isso me dissera, Affonso, dera comigo morto de repente.

D. Affonso (*respondendo aos seus proprios pensamentos*)

Fôra inaudita barbaría.

Camões

¿Barbaría inaudita, ¿o quê? explica-te.

D. Affonso

Não me inquiras...

Camões (*como que adivinhando*)

¿Hein? é casada?...

D. Affonso

¿E se o fôra?... ¿que fizeras? (*pequena pausa*)

Camões

Basta. Adeus. (*Afasta-se*)

D. Affonso

Furioso estás. ¿Quem te disse que D. Caterina é já casada? Pretendem, sim, de a casar...

Camões (*ancioso*)

Sisudo falas? ¿Não está casada? ¿Com quem a pre-

tendem casar? ¿Como o chamam? Fala. ¿Quem é? de repente.

D. Affonso (*em voz sumida*)

Martim Gonçalves.

Camões (*petrificado*)

¡ Martim Gonçalves!... ¡ Justo Deus!... (*Longa pausa*)

D. Affonso (*áparte*)

Dado é o primeiro bote.

Camões (*em tom lamentoso*)

Roubára-me a liberdade; roubára-me a terra do nascimento; ficava-me D. Caterina; ¡ até essa me quer agora roubar! (*com impeto*) A primeira e segunda morte, perdoou-vol-as Camões; mas esta não, senhor Martim Gonçalves, que n'esta vai condemnação e inferno juntamente. (*Fica abysmado na sua dor, e cai sentado n'um escabello junto á meza, com a fronte entre as mãos. Pausa*)

D. Affonso (*muito serio*)

Antes de nos apartarmos, aqui, pela cruz da tua boa e fiel espada, e pelas memorias dos bons tempos em que na India se apertou a nossa amisade, me jura que te não irás ver com esse homem. Temeridade grande sería, e arriscar tudo... sem proveito.

Camões (*com resolução, e levantando-se*)

Palavra te dou.

D. Affonso

N'ella confio; voltarei logo.

Camões

Adeus. (*Apertam-se effusivamente as mãos*)

D. Affonso (*á parte*)

¡Ah, senhor Secretario! juro a Deus que me heis-de pagar caro tudo isto. (*Sai pela porta do fundo*).

SCENA XX

CAMÕES *só, passeando agitado no proscenio.*

¡Ai, D. Caterina! ¡Se ainda chegaria eu a tempo! Valer-nos-ha o ter el-Rei por mim. El Rei... (*Pára e scisma*) Mas, porém, ¿ a minha ida a palacio amanhan? ¿e como? ¡se não tenho mais galas que este saio gastado! ¡Que monta! (*Em tom resoluto*) Gran Côrte era para o seu tempo a d'el-Rei Herodes, mas o Baptista lá se apresentou com o seu saial de pelles de cordeiro.

SCENA XXI

CAMÕES e MIGUEL, *que entra dessocegado e procurando.*

Miguel

¿Onde será Diogo, que o não vejo?

Camões (*á parte, reconhecendo-o*)

¿Quem vem ora lá? ¡Oh! é Miguel, o corretor de adelos, a quem eu sohia de mercar. A ponto m'o depara a Providencia. (*Saúda-o*) Miguel mano...

Miguel (*comprimentando, indeciso*)

Beijo-vol-as, senhor escudeiro; ¿ quem sois vós porém?

Camões (*á parte*)

¡Galharda novidade!: que seja mais desmemoriado o acrédor, que o devedor. (*Alto*) ¿ Tão demudado venho eu?...

Miguel (*affirmando-se n'elle*)

Oh! perdoae-me, que vos não conhecia, senhor Luiz de Camões. Dou-vos os emboras pela feliz tornada. (*A'parte*) E a mim tambem.

Camões (*jovial*)

Verdade é que ainda cá tornei.

Miguel

Soava entre o povo que ereis morto de um peloiro.

Camões (*rindo, e apontando para o olho cego*) Só isto lá deixei.

Miguel

¡Ainda bem!

Camões (*á parte, melancolico*)

¿Dirão ainda os meus inimigos que nada tenho de Homero?

Miguel

Pois que alfim chegastes, louvado Deus, será prazo de me pagardes o rolzinho que vos cá ficou.

Camões (*á parte*)

Cuido que errei o alvo: vinha para um emprestimo, e logo encalho n'uma divida. (*Alto*). Quando vos aprouver falaremos d'isso, honrado mercador; não agora, que estou com pressa. ¿Sabeis que vou amanhan ao Paço?

Miguel

¿Sim? ¡ao Paço!...

Camões

Sim; e logo me lembrastes vós, para me aprestardes um tabardo, que vista em logar d'isto.

Miguel

Eu não desconfio... mas porém... ¿o rolzinho atrazado?

Camões (*continuando, sem attender á interrupção*)

Quer-se um vestido que não desdiga do acto; coisa, em summa, que me não deslustre, nem a vós; ¿já me entendestes?

Miguel

Peregrinamente: quereis um trajo lustroso; ha-de-se arranjar. Porém... ¿o nosso rolzinho velho?...

Camões

Valha-vos Deus com o vosso rolzinho velho. ¿Não vedes que vol-o quero remoçar?

Miguel (*com ar de velhaco*)

Entendâmo-nos: ¿quanto me dareis aqui mesmo de contado?

Camões (*surprezo*)

¿De contado?...

Miguel

De contado, e recontado.

Camões (*á parte*)

Açoitado te vira eu antes de uma hora, onzeneiro algoz; ¡quando não tenho senão quinze cruzados! (*Alto*) Dez cruzados, Miguel amigo.

Miguel

¿Quereis zombar?

Camões

Nunca menos o quiz. Dizei-me porém: em quanto taxais vós o tabardo?

Miguel

Trinta cruzados, pelo baixo: tabardo novo de bristol fino, com forro de seda, e capuz frisado, e par de luvas de polvilho, que vos ride de mais França.

Camões

Assignar-vos-hei escrito de quarenta cruzados; é honesto lucro.

Miguel (*desconfiado*)

Vêde lá o que dizeis.

Camões (*com altiveza*)

¿De minha palavra duvidais vós?

Miguel *á parte, emquanto Camões está contando sobre a meza os dez cruzados)*

¡Se eu lhe encampasse o tabardo que o senhor Real me largou a outra semana com cento por cento de perda!... ageitando-lh'o á feição do corpo, fica-lhe ao pintar, e eu faço veniága.

Camões

¿Em que vos determinais?

Miguel

Venham embora os dez cruzados.

Camões

Toma os, filisteu, e sume-te. (*Dá-lhe o dinheiro*).

Miguel (*recebendo-o*)

Amanhan havereis um tabardo, que nem cortezão galan em procissão de Corpus Christi. Havei prestes o escrito que dissestes.

Camões

Contae com elle.

Miguel (*vai sahindo; á porta revira-se, e diz com finura*)

Olhae se me levais tambem esta divida a viajar até á India como a outra,

por mares nunca d'antes navegados.

Camões (*olhando fito e severo para Miguel*)

¡Olá! quereis comigo repicar de discreto, senhor Miguel? Para tanto vos não dá o nosso ajuste. (*Miguel some-se prudentemente pela porta do fundo*).

SCENA XXII

CAMÕES *só*

Haverei emfim com que ir ao Paço. Deus sabe quanto esta gala me deixa pobre. Mas... idéias d'essas... ¡desvial-as da phantasia!

XXIII

O MESMO e OS DOIS EMBUÇADOS, *que saem da 2.ª porta da direita, e se encaminham para a rua*

1.º Embuçado (*ao 2.º*)

Até amanhan por noite. (*Sai*).

Camões (*ao recolher-se ao seu quarto repara n'elles e repete para si*)

¡Até ámanhan por noite!?...

2.º Embuçado (*reconhecendo Camões*)

¡Camões em Lisboa!...

Camões (*reconhecendo-o tambem, e apertando o punho da espada*)

Mar.im Gonçalves!...

(Cai o pano)

ACTO II

Sala nos paços da Ribeira, alcatifada, e com as paredes adereçadas de razes representando batalhas portuguezas. No topo suas portas rasgadas, que dizem para a varanda da Pella. Esta, adornada de estatuas, deixando ver o Tejo semeado de numerosa fróta para Africa; a frota carregada de luminarias. Portas lateraes, duas a cada parte, com reposteiros de velludo vermelho com as Armas Reaes bordadas a oiro. Entre as da esquerda um estrado atapetado de velludo verde, com espaldar de sobre-ceo. Aos dois lados do espaldar, assentos de brocado de oiro. Todos os demais assentos da sala são tamboretes razos, e almofadas de brocado para as damas.

SCENA I

MARTIM GONÇALVES *só. Ao levantar do pano está sentado no lado esquerdo da sala, nos coxins junto á bocca do theatro. Após breve silencio ergue-se, meditativo.*

Ingreme é em verdade a facção a que me abalanço. ¡E lembrar-me eu, ao que podéra haver chegado sem correr estes perigos de ser trahido, caso houvesse ficado Regente d'estes Reinos!! ¡Que estrada larga e sem limites não é uma Regencia! quando esse, em cujo nome se rege, é um Principe como D. Sebastião, mancebo impetuoso, indómito, que se arremeça ás guerras cegamente, sem deixar após si mais que um Throno vazio!... ¡Oh! que não sei eu ambição, que de Regencia tal se não désse por bem paga. ¿E quem me anteposeram? ¿Quem? um Cardeal Henrique. Não pensemos mais em tal: ¿que me importa elle? ¿e elles? ¿e todos?... Hei dado palavra a D. Filippe II, e recebido a sua. Hei-de ser Vice-Rei. ¡Formoso titulo, e mais formoso cerceada a primeira metade! ¡Quem sabe!? Móres prodigios se teem visto. Menos era Barba-Roxa, o pirata, e lá se coroou em Africa por suas mãos. *(Repara em que vem entrando da 2.ª porta da direita o Embaixador de Castella)* ¡Senhor Embaixador!...

SCENA II

MARTIM GONÇALVES e o EMBAIXADOR DE CASTELLA

O Embaixador (*depois de se apertarem as mãos*)

¿Como vamos, senhor D. Martim? ¿não ha novidade?

Martim

Nenhuma.

O Embaixador

¿Sempre é certo sahir-se el-Rei amanhan?

Martim

Certissimo.

O Embaixador

Tudo á medida do desejo nos vai vingando. Bem vos podeis vangloriar, que a vós se deve...

Martim

Adulais-me. Se de vingarem nossos designios se pode alguem vangloriar, é esse o Cardeal, por vida minha: se elle não fôra, nunca por ventura se houvera D. Sebastião determinado em vestir armas por um Moiro, e passar os mares por desagravar a um Muley Mahamet.

O Embaixador

Sem dúvida que não; mas ¿quem ha hi que isso não saiba? Sem guerra, não se ausentava el-Rei; sem el-Rei se ausentar não havia Regencia...

Martim

... e sem Regencia, adeus Cardeal, que se finava de paixão

O Embaixador (*significativo*)

Heis de ser Vice-Rei, senhor D. Martim.

Martim

¿Houvestes novas do Escurial?

O Embaixador

Não. Espero o correio antes da noite. Em elle chegando, na estalagem do caes nos avistaremos como hontem.

Martim (*receoso*)

Hei por mais seguro... que n'outra qualquer parte pratiquemos.

O Embaixador

¿Dar-se-ha que nos descobrissem?

Martim

Não digo; mas hontem, ao sahir, vi na casa da entrada um homem... que me conhece. Verdade é que me não percebeu elle; mas, como bem pode ser que lá esteja aposentado, bom arbitrio será o precavermo-nos.

O Embaixador

Approvo a cautella; ¿porém como?

Martim (*considerando*)

Em minha casa... ¡defenda-nos Deus! Quando menos o cuidassemos, podia el-Rei apparecer-nos. Emfim: por em quanto, não alteremos coisa alguma no costumado. Já por um dos meus apaniguados mandei averiguar, se o individuo poisa na estalagem; se disser que sim... algum outro asylo desencantaremos. Até á noite.

O Embaixador

Descançado vou, que de vossa prudencia fio tudo. El-Rei despede-se esta noite da Côrte; aqui serei, que não devo faltar ao ceremonial.

SCENA III

OS MESMOS e CAMÕES, *que vem da 2.ª porta do lado direito, magnificamente vestido.*

Martim (*reparando n'elle, á parte*)

¡Oh! Camões!... por elle aguardava eu. (*Para o Embaixador*) Excusae-me de vos acompanhar; é

chegado escudeiro, com quem me releva praticar antes de entrarmos ao conselho. *(Vai subindo com o Embaixador pela esquerda do tablado, em quanto pela direita vem Camões descendo.)*

Camões *(entre si)*

E' Martim Gonçalves; ¿ o outro, porem? se me não engano, já o vi; hontem, cuido que foi, na estalagem. Ausentam-se; não: lá volta Martim Gonçalves.

SCENA IV

MARTIM GONÇALVES, CAMÕES

Martim *(depois da sahida do Embaixador volta á scena, e corteja)*

Senhor Luiz de Camões...

Camões *(cortejando)*

Senhor Martim Gonçalves...

Martim

Por fortuna tenho ser o primeiro que vos dê os emboras da tornada.

Camões

Senhor, beijo-vol-as.

Martim

Não vos pergunto se bulicio de viagens, e tumulto de pelejas, vos deixaram hora para poetardes, que a diante de vós cá nos tinha chegado a vossa Musa, com obra que anda nas palmas, e bem mostra serdes ainda o mesmo peregrino engenho de outro tempo. Aceitae-me os parabens.

Camões *(inclina-se)*

¿E vós, senhor Martim Gonçalves, sois ainda, como n'outro tempo, gran valído?

Martim

Senhor, sim.

Camões

Aceitae-me egualmente os parabens.

Martim

Peçâmos logo âmbos á Providencia que nos mantenha no que somos, por annos largos.

Camões *(com um sorriso)*

¿A' Providencia?

Martim

¡Da Providencia vos rides?!...

Camões

Não d'ella, se não de que vós a tomeis na bocca.

Martim

¿Por quê?

Camões

Porque para um *valido* bastára dizer «El-Rei.» São os Reis a Providencia dos valídos.

Martim *(ironico)*

¿E a dos poetas qual é?

Camões

Os poetas são feitura de outro Rei mais alto, e não dependem senão d'Elle. Boa dita lhes é, que menos azos dão assim a cegas inconstancias da fortuna.

Martim *(á parte)*

Puxêmos a prática ao meu proposito. *(Alto)* Vindes achar na Côrte muitos rostos novos, senhor Luiz de Camões; estes annos ultimos nos hão dizimado a fidalguia: uns, levou-os a peste, que tão brava tem andado; outros, leva-os das salas do Paço, para os estrados das damas, a furia do casar, que é outra peste que vindes achar em Lisboa mui aceza.

Camões *(á parte)*

Já o entendo. *(Alto)* ¿Mas vós proprio, senhor?....

Martim *(á parte)*

Tomou a pella; joguemol-a.

Camões

Deveis andar a-la-moda da fidalguia.

Martim (*fingindo-se admirado*)

¡Pois quê! ¿Já vos hão dito?...

Camões

Que estaveis para casar.

Martim (*sorrindo*)

¿Que me estava eu?... maravilhais-me

Camões

¿Dar-se-ha que me enganassem?

Martim

Não, não, verdade vos disseram. Mas dizei-me ora aqui á puridade: quando ouvistes que requestava eu para mulher a minha senhora D. Caterina de Ataíde, ¿não ficastes... espantado?

Camões (*com fingida naturalidade*)

¿Espantado eu? ¿de quê, senhor?!

Martim (*á parte*)

Começa de me enlear; ateimemos. (*Alto*) Não sabeis quanto me ufano, de que homem do vosso estôfo me approve a determinação; que não faltam por ahi ruins ciosos que m'a acoimem de loucura.

Camões (*á parte*)

Não terei mão no fel que me não rebente.

Martim (*insistindo*)

¿E vós? ficaram-vos a caso em Lisboa alguns amores, que vos tentem a seguir o meu exemplo?

Camões (*perturbado*)

¡Que sei eu!... Esse casamento... vosso, ¿está para breve?

Martim

Não é bom em casamentos correr pela posta.

Camões

E' que podem ás vezes recrescer difficuldades inesperadas.

Martim

¿Que difficuldades quereis vós que me recresçam?

Camões

Tal cavalleiro vos julgo eu, que não aceitareis dama que vos desame.

Martim (*remontando-se em altiveza, quasi ameaçador*)

Se em melindres e pontos de honra quereis ora doutrinar-me, heis-de saber, senhor Luiz de Camões, que doutrinações taes, de ninguem costumo recebel-as.

Camões (*friamente*)

Já o creio: a escola onde se ellas tomam é arriscada; por ventura á conta d'isso a evitaréis.

Martim (*mais ameaçador*)

¡Senhor Luiz de Camões!...

Camões (*no mesmo tom*)

¡Senhor Martim Gonçalves! (*reprimindo-se*) Mas falemos sem rebuço, que chegado é o lance de largarmos ambos nossas mascaras de vidro.

Martim (*á parte*)

Curioso estou do que dirá.

Camões

Comedias, faço-as quando me apraz, mas não as represento nunca. Esta porém me é sobre todas enfadonha.

Martim

A mim não menos.

Camões

Senhor Martim, ambos nós queremos á mesma dama

Martim

¡Inda mal para vós, senhor Camões!

Camões (*continuando com vehemencia*)

Queremos ambos á mesma dama, e não o ignorais.

O alvorôço com que me haveis recebido, entendi-o eu. Aguardando-me estaveis. Pretendeis ora saber, se homem sou para me arrostar comvosco n'esta nova luta. Sabei portanto que o sou, e para mais ainda, se cumprir. Jura solemne vos juro aqui, por vida de minha senhora D. Caterina d'Ataíde (mais solemne jura não a sei nem a quero), juro-vos que até ao derradeiro arranco e minha ultima gôtta de sangue, vol-a hei-de disputar.

Martim (*zombando*)

Talvez que me hajais lido no interior. Como quer que seja porém, com isto só vos respondo: nem cuido que hajâmos de chegar a taes extremos, nem que possais vós tolher a D. Caterina d'Ataíde. . .

Camões (*com exaltação*)

Vel-o-hemos.

Martim (*friamente*)

Vel-o-hemos. Porém adverti que, se jámais transposesseis os limites, que as leis da honra e as da cortesania vos assignalam, haveria quem, mau grado seu, vos tornasse a desterrar, como ha dezassete annos.

Camões

Entendo-vos. Nobre sois no ameaçar, como generoso nos feitos. Mas adverti tambem, que, se ainda hoje sois o mesmo que ha dezassete annos, pode ser que já Portugal o não seja; não o é de certo el-Rei; nem o é tão pouco Luiz de Camões. Todos tres hemos crescido; em quanto vós... só não minguastes, porque vos não era já possivel. Sei quem folgára de me reenviar ao desterro, e até de ser meu carcereiro e meu algôz; mas sei tambem que o não ousará. O que a honra não véda, véda-o o medo muitas vezes.

Martim

O que já pude, posso-o ainda hoje.

Camões (*com hombridade*

Tentae-o. (*Caminha para o fundo do theatro*).

Martim (*á parte, olhando de revez para Camões*)

Tens rasão. Para têmperas indomitas como a tua, o desterro é pouco, o veneno e o ferro nada são. Quer-se arma que lhes traspasse a alma, que lhes decépe os brios e a soberba; essa arma terrivel é a injúria, ou o desprêzo. Encontral-os-has Vae, vae, gigante de soberbas; lá verás como com um sôpro te derribo. (*Alto para Camões, que vem tornando a descer o palco*) Ouvi que apresentaveis hoje os vossos *Lusiadas* a el-Rei; bons applausos vos desejo, senhor Luiz de Camões. Vai dar principio o conselho; com Deus vos ficae. (*Sai pela 2.ª porta do lado esquerdo*).

SCENA V

CAMÕES *só*

«Bons applausos»—disse. Se entendo a linguagem de cortesãos refalsados, bocejos quiz dizer, aborrecimento e menoscabo. (*Longa pausa; passeia em silencio*) Hora solemne da minha vida é esta: sentenciados vão ser a final os meus destinos. Riqueza, gloria, bemaventurança, tudo haverei conquistado, ou perdido sem regresso. Tremo sem querer. A placidez glacial d'este filisteu de palacio me apavóra. (*Transição*) ¡Oh! não quero pensar senão em D. Caterina. Deus meu, já vos não peço mais que o seu amor. Forçoso é que a eu veja, que lhe fale; ¿como, porém? ¡Ah! ¡é ella! (*Com effeito, D. Caterina de Ataíde vem entrando da 1.ª porta do lado direito. Depois de dar alguns passos, repára em Camões, que parou embevecido a contemplal-a. Elle vai-lhe ao encontro, ella estremece, dão-se as mãos, e descem juntos a scena*).

SCENA VI

CAMÕES, D. CATERINA

Camões (*com júbilo*)

¡Caterina!...

D. Caterina

¡Camões!...

Camões

Já posso morrer, que está alfim realisado o meu sonho de tantos annos: torno ainda a ver-te. Era a unica ventura que a Deus supplicava em desconto de tantas dores. Tenho-a, e ainda o não creio, Caterina; hei medo de acordar, Caterina minha...

D. Caterina (*com affecto*)

Dezassete annos, sim; dezassete seculos os diria eu, se os não houvera contado de dia a dia, e pranteado de hora em hora. ¡Luiz! ¡Luiz! ¿Que mal lhes haviamos nós feito? (*Cahindo em si, reprimindo-se; desenlaçando as mãos d'entre as d'elle, com pudor senhoril*) Não vos sabía aqui; ¿quando viestes?

Camões

Hontem sobre a tarde, na *Santa-Fé.*

D. Caterina

¿Vistes já o vosso amigo, meu primo D. Affonso de Noronha?

Camões

Vi.

D. Caterina

¿Que vos disse?

Camões

Tudo. Disse-me tudo, Caterina. Já sei que Martim Gonçalves vos pretende; mas... não o temo.

D. Caterina (*á parte*)

¡Ai! ¡pressentimentos! ¡pressentimentos!...

Camões (*continuando*)

Não, não o devo temer, pois sei que na memoria vos andou sempre o desterrado; ¿não é assim, Caterina? Natércia minha, minha, minha de outro tempo, minha hoje, e sempre minha, ¿não é assim?

D. Caterina (*confusa*)

Sim, Camões, lembrava-me de vós, e muito.

Camões

Teu primo hontem... (deixa-me desabafar comtigo; deixa-me alfim queixar com quem se doe das minhas dores)... hontem D. Affonso rasgou-me este pobre coração, sem o cuidar.

D. Caterina

¡Elle! ?

Camões

Sim; foi elle quem me disse as altivas pretenções de Martim Gonçalves á vossa mão, a esta mão, que perante Deus e o meu amor, nem já é vossa, se não só minha.

D. Caterina (*enleada*)

Mas...

Camões

Fez mal, fez mal teu primo, e podéra-me haver morto, porque, em vez de se explicar de repente, começou de balbuciar, atalhou-se, e não queria concluir. ¿Que havia de eu cuidar, senão que eras já casada ?

D. Caterina

Mas porém...

Camões

Um homem, que, volvendo em si de um mortal paroxismo, se achasse n'um sepulcro, ás escuras, sósinho, atado de pés e mãos, sem poder desprender-se, sem bolir, nem clamar... não curtíra n'esse praso mais angustia do que eu, sentindo me vivo ao-pé da minha esperança já defunta.

D. Caterina (*no auge da turbação*)

Basta, Camões, basta, não prosigas... é horrivel...

Camões

¿Que has tu ?

D. Caterina (*afflitissima*)

Nada.. nada... Só te peço, pelo teu amor t'o peço, evita Martim Gonçalves; deixa-me ausentar...

Camões (*segurando-a*)

¿Já, Caterina?! ¿deixar-me já, Caterina, sem primeiro me confortares, Caterina?!... ¡quando me vês perplexo, perdido, naufragando n'um oceano de incertezas e terrores! ¡Mercê, se não já amor! ¡compaixão! ¡caridade! Caterina, ¡caridade!...

D. Caterina (*desenleando-se*)

¡Meu Deus! ¡meu Deus! se elle vem?!...

Camões

Mas elle já veio; já nos vimos.

D. Caterina

¿Falou-vos?

Camões

Falou.

D. Caterina (*escondendo o rosto entre as mãos*)

¡Divina misericordia!...

Camões (*sem perceber*)

¡Oh! que me redobras os transes... ¿Que turbação é essa? explica-te; ¿que receias? ¿por que hei-de evitar Martim Gonçalves? ¿por que me queres fugir?

D. Caterina (*em voz mortiça*)

Sou...

Camões

¿O quê?!

D. Caterina (*em voz que mal se ouve*)

Sua mulher.

Camões (*apertando-lhe os pulsos com impeto de desespêro colérico*)

¡Sua mulher! ¿que has dito? ¿sua mulher?! sua! sua!... ¡Oh, D. Caterina de Ataíde!!!...

D. Caterina

Luiz...

Camões

¡Tu! ¡tu casada! ¡com esse homem !... não zombes assim, que sería matar-me.

D. Caterina (*com dignidade*)

Sou-o.

Camões (*apertando com fôrça a testa*)

¡Ai! que arrenegarei da Providencia. (*Pausa*) Agora entendo a D. Affonso: enganou-me, por me não matar. Mas elle... Martim, ¡villão, villão, que me has escarnecido!... ¡Santos do Ceo! (*Depois de breve mas profundo scismar, dá dois passos, tremulo e vagaroso, para D. Caterina, e recomeça com voz que na morosidade e no tom indica, não só o tumulto dos affectos que o senhoreiam, mas o quanto forceja por se fingir desassombrado*). Vamos... quêdo estou... bem vês; dize-me tudo... quero saber tudo...nada ommittas...seja o que fôr, não importa.. homem sou que não morre...bem vês...e tambem.... Mas ¿que ia eu perguntar-te? (*Com mais rapidez, mas em tom mais confidencial*) ¡Ah! sim: el-Rei... dize-me, ¿el-Rei entrou tambem n'este conluio de vergonhas? (que as ha aqui, e vilissimas) entrou; ¿ não entrou?...

D. Caterina

Não, não.

Camões

Então... ¿de que artes se valeram elles? ¿que tirannias empregaram para te obrigarem?

D. Caterina

Bem sabeis, Camões, o que é Sua Alteza, a minha senhora Rainha D. Caterina...

Camões (*insoffrido*)

Prosegui e abreviae.

D. Caterina

Acostumada a reger mundos, e a receber páreas de tantos Reis, ¿como houvera de soffrer ella, que uma donzella de sua camara lhe descumprisse gôstos ou phantasias? ¿Que podia eu? arrastaram-me...

Camões

¿Foi logo ella quem te victimou?

D. Caterina

Foi. Matou-me, cuidando bemfazer-me.

Camões

¿E tu? ¿tu não lhe resististe?

D. Caterina

¡ Oh, Camões ! ¡ e que resistir ! Fiz quanto cabia em posses de mulher. Confessei a elle proprio que o não amava, que trazia esta alma abrazada em outro amor, louca e perdida de saudades... que não podia ser sua, nem elle receber-me sem afronta; não me respondia. Rojei-me ante seus pés, carpí-me, beijei-lh'os, levantei as mãos, invoquei a sua lealdade, invoquei o Ceo. ¡ Sempre o mesmo ! ¡ sempre calado, frio, immovel, inflexivel como estátua! O mais que logrei, foi ver-lhe ao cabo no semblante alguns assomos de compaixão, fingidos talvez, sem dúvida fingidos.

Camões

¡ Cobarde! ¡ saião ! ¡opprobrio de gentís-homens!

D. Caterina

Disse-me D. Affonso que da India vos tornaveis breve; reacenderam-se-me as esperanças; cuidei que no espaçar o praso podesse alcançar o livramento; suppliquei me outorgasse um mez... «O meu Camões me defenderá, ou com elle fugirei» —pensava eu entre mim. Correram dias; vieram náus e caravellas do Oriente, ¡e novas que eu tanto anhelava... sem chegarem ! ¡ Tantos via a cada hora desembarcar... e nunca vós! Só faltava uma semana ; a cada um de seus dias me fui apegando, como náufraga que já principiava de esmorecer. O ultimo raiou... ¡e nada!... Foi correndo... e o mar deserto. Chegava a noite... ¡ oh! ¡ que noite para mim, Luiz de Camões! não t'a sei pintar, mas bem m'a adivinhas tu. Na varanda da Pella, ali, n'aquella varanda que senhoreia a extensão das aguas, ali, estava eu sosinha com minhas penas. O mar era quêdo e espelhado; allumiava-o a lua cheia;

estendia por elle a vista; ¡ermos! ¡e ao cabo d'elles, mais ermos! ¡até ao infinito! nem uma vella; nada. ¡Que cevar de angustias! de mim propria havia eu dó em tamanho desamparo...

Camões

¡Oh! ¡Caterina!...

D. Caterina

E agora mesmo, ¿cuidais que não sou para muito dó? Esta vida que me forçaram a viver, de máguas desesperadas e sem remedio, ¿cuidais que muito por meu gôsto a aceitaria?

Camões

¡Maldita Rainha! ¡maldita! Para se distrahir uma hora dos aborrimentos da velhice, coroou a tua alma gentil de eternos espinhos, Caterina, e despenhou esta minha n'um lago de leões. ¡Roubou-me o teu amor!...

D. Caterina (*com fôrça de affecto*)

Não, não; corações como os nossos... não se roubam. Estado e nome, trocaram-m'os elles, não os affectos. ¿Já vos não lembra que mulher fui sempre?

Camões

¡Inda mal, que o não poderei nunca deslembrar!

D. Caterina

¡Animo! ¡façâmos por ser grandes e valorosos na desgraça! Já não serei vossa esposa, que o não posso. De outra sorte vossa... ainda menos, que o não devo. Mas... (o Ceo me perdôe estas palavras) na alma e no coração vossa hei-de ser, só vossa, vossa toda em quanto viva. Casadas estavam já nossas almas, quando um Sacerdote metteu esta mão gelada na de Martim Gonçalves. Esse consorcio, não o desataram elles, que não podiam.

Camões (*esmorecido*)

Não requeiras de mim valor, que me fallece. Tal viver de saudades e zelos, tal inferno de Tício e Tân-

talo... se tu podes soffrel-o, Caterina, nem imaginal-o sequer posso eu, sem esmorecer. Penúria, fome, desnudez, venha tudo. Venham cárceres, destêrros, e afrontas; homem sou para lhes ter rosto. Mas cuidar, mas saber-te em posse de outrem...

D. Caterina

¡Não te haveres tu esquecido de mim!!... (*N'isto apparece Martim Gonçalves á 2.ª porta da esquerda.*)

Camões (*que o não vê*)

Não blasphêmes, que o não desejavas.

Martim (*á parte, avisinhando-se*)

¡Um colloquio furtivo! ¿Já?!...

D. Caterina (*á parte, dando pela presença do marido*)

¡Martim!

Camões (*á parte*)

¡Oh! ¡elle! ainda bem. (*Quer-se ir para Martim Gonçalves.*)

D. Caterina (*baixo e rapido, detendo Camões*)

Modera-te... ou me despenho.

SCENA VII

CAMÕES, MARTIM GONÇALVES, D. CATERINA DE ATAÎDE

Martim (*para D. Caterina, em tom affectadamente natural*)

Boas fadas nos andam hoje encaminhando, senhora. Aqui mesmo encontrára eu, pouco ha, o senhor Luiz de Camões; e egual fortuna lograstes vós. Já certo lhe havereis dado os emboras da tornada.

Camões (*compondo o aspecto*)

Quando vós entrastes, senhor Martim Gonçalves, acabava eu de pôr os meus rendimentos ás plantas da minha senhora D. Caterina de Ataíde.

Martim (*com ar maligno*)

¿Sim? dou que ainda ignorais. (*Toma a D. Caterina pela mão.*) Apresento-vos, senhor Luiz de Camões, a minha esposa.

D Caterina (*faz uma leve mesura, a que Luiz de Camões corresponde; depois diz ella áparte*)

¡Deus meu!

Martim (*a meia voz*)

¿Aporfiaréis ainda em me disputar a mão de minha esposa?

Camões (*baixo*)

Não zombeis agora; aconselho-vol-o eu, senhor Martim.

D. Caterina (*á parte*)

Tremo...

Camões (*á parte*)

¡Quem m'a dera agora ausente!

D. Caterina (*despedindo-se*)

Senhor Luiz de Camões ..

Camões (*reverenciando*)

Senhora minha ..

Martim

¿Ausentais-vos, D. Caterina?

D. Caterina (*timidamente*)

Senhor, sim; se me quizesseis acompanhar...

Martim (*com muita cortezia*)

Com mil vontades, senhora.

D. Caterina (*á parte*)

Sequer, não os deixarei a sós.

Martim (*para Camões*)

Até logo, cavalleiro. (*Para D. Caterina.*) Ainda por ventura não sabereis que o senhor Luiz de Camões é, por que assim o digâmos, o heroe do saráu que

esta noite dá el-Rei. Sua Majestade ha aparelhado para o nosso Poeta um triumpho condigno á sua alta fama. Vinde, que pelo caminho vol-o irei contando. (*Saem Martim Gonçalves e D. Caterina pela 2.ª porta da esquerda.*)

SCENA VIII

CAMÕES, e depois ANTONIO

Camões

¡ Oh ! que não sei como tive mão em mim. Foi-se; não importa; volveremos a nos encontrar; o dia não é findo. (*Repara em Antonio que vem entrando timidamente pela direita.*) Vem, vem, amigo. ¿Que te pareço depois da muda? ¿Não sahiu da empreza com honra o nosso Miguel? Vamos: não quero a tão luzidas roupas afrontal-as com semblante carregado. Fôstes em vosso tempo, senhor Luiz, o mais afamado donzel, o mais fino galan de quantos se apavonavam ao sol n'esse Terreiro; tenho que ainda as alcatifas de palacio se lembrarão de mim. Por mim digo, que reverdeço n'estas salas, como em ares meus mui naturaes. Dize-me tu, meu Jáu: quem me visse ora tão resplandecente e risonho, ¿reconheceria em mim o cavalleiro mais capa-em-collo e maltrapilho de todas Hespanhas?

Antonio (*com melancolia*)

Entendo-vos, senhor meu, que para isso já de annos vos estudo. A outro enganaréis vós; a mim não; forçais as palavras e o rosto, ou de soberbo, para que vos não saibam as penas, ou de cançado d'ellas, a ver se vos aturdís.

Camões (*recahindo na tristeza*)

Sim, sim, meu fiel Antonio; estou-me ensaiando aqui, para não inspirar compaixões a soberbos, que lh'as não quero. Ajaezei-me, como cavallo de alardo; e contentamento, ostental-o-hei que sóbre para quebrar olhos a inimigos. ¿Que importa o que vai n'alma? ¿Não vi eu já truão de praças, com o coração em carne viva, a fazer rir as turbas? ¿E o

gladiador de Roma? ¿não se adextrava para morrer com graça? ¿Serei eu menos do que elles? e melhor dissera: ¿sou eu mais do que elles?... O truão, ao menos, ao pellote pintalgado com que representa, chama-lhe seu; o sótam em que pernoita, paga-o; se tem penas, afoga-as e esquece-as; se o afrontam... pouco se lhe dá, que não tem brios; não sabe o que é fama; não se mata a pedaços para a conseguir...

Antonio

Attentae, que vem gente.

Camões

E' verdade. Já o meu papel me ia esquecendo. Apartêmo-nos. (*Saem pelo fundo para a varanda, em quanto pela 1.ª porta da direita entram em scena Leão, e Monsior de Saint-Pol*).

SCENA IX

LEÃO, SAINT-POL.

Leão (*seguindo com os olhos a Camões*)

Figurou-se-me ser Real o cavalleiro que ora sahiu; mas não era; enganou-me o seu tabardo, que me parecia todo o seu. (*Para Saint-Pol*). E bem, Monsior de Saint-Pol, ¿como achais a nossa côrtesinha de Portugal? Quando vos lá tornardes para a vossa formosa França, ¿havereis que dizer d'esta pobresita algum louvor?

Saint-Pol

Da vossa Lisboa se pode qualquer recordar gostoso em qualquer parte.

Leão

¿De veras?

Saint-Pol

De veras. Noite de San-João mais alegre e estrondosa, nunca a hei passado. ¡E aquelle porto! ninguem o tem senão vós.

Leão

Encantais-me, que vós outros, os Francezes, com rasão sois ruins de contentar. Quem tem de seu a París, de todas as delicias se logra.

Saint-Pol

A formosura de París, se quereis que vol-o diga, tem melhores longes do que pertos. Vista d'aqui, de Lisboa, parece coisa grande.

Leão

Deus vos livre, meu Visconde, de que esse vosso chiste agora transposesse os Pyrennéos. (*Apparece Real sahindo da 1.ª porta da direita*). D'esta feita é elle, o nosso Real.

SCENA X

LEÃO, SAINT-POL, e REAL

Real (*que entrou afeminadamente encostado no braço de um pagem, e gemendo de mimoso, e apenas avistou os amigos o largou, despedindo-o com a mão, e correu para elles com toda a agilidade*).

Pelo que vejo, senhores, tenho eu, sem o cuidar, o dissabor de me parecer com alguem. (*Para Leão*) «D'esta feita é o nosso Real» — te ouvi eu dizer; logo, tenho eu o meu *Mercurio*, como o *Sósia* da comedia do Camões; logo, ha hi outrem com o meu corpo, com o meu garbo. Se assim é... dou-me a perros. ¡ Cuidar eu que ninguem é *eu* senão eu... e achar-me n'um sanctiâmen convertido de eu em *nós!*... Mas, por vida vossa que me digais onde está esse outro Real; cubiça tenho de o conhecer. (*Caminha para o fundo do theatro, como procurando*).

Saint-Pol

Vêde-me aquillo, meu querido Leão, e dizei-me quem é que não ha-de levar saudades de Lisboa. Todo o mundo que vós corrêsseis, vos não apresentára raridade como este mancebo.

Leão

E' que em verdade, não ha galan de estrados mais

cabal: anda sempre á moda... que está para vir. E' delicioso o nosso Real.

Real (*satisfeito com essas apreciações, e voltando para elles*)

E's um lisongeiro, meu Saint-Pol. Não digo... que não góso de certa aura...

Leão

¡Qual «aura»! és a phénix de todos os pintalegretes mais alfenados da nossa Côrte. O que a mim me enganou, foi o tabardo do tal individuo, que era, sem tirar nem pôr, como o teu da semana passada; representou-se-me...

Real (*rindo com vaidade*)

... ¿que era eu? ¡Ah! ¡ah! ¡ah!... Devias trazer o pensamento á caça de damas. ¿Não sabes que entre o Real presente, e o Real de oito dias atraz, ha sempre bons oito seculos de distancia? Vêde-me este passo; inventei-o ha dois instantes. (*Faz um passo de dança de ridicula affectação*). Por ora, só é meu; o outro, que eu ha tres dias ideei, é já como dança de machatins d'el-Rei D. Sancho; dou licença que o imite quem quizer.

Leão (*com uma gargalhada*)

Não ha oiro de Sofála que te pague.

Real

Agora por Sofála: ¿será certo o que pouco ha me disse meu tio Martim Gonçalves da Camara, Escrivão da puridade d'el-Rei, que se tornou a Lisboa Luiz de Camões?

Leão

Certissimo.

Real

¿Tu conhécel-o, Leão?

Leão

Não.

Real

Ha quem diga, que tem seu engenho para armar uma trova.

Saint-Pol (*com vaga censura no tom*)

¿Sómente, meu Real?

Real

¡Famoso poeta! gósto d'elle. Para mim tenho, que deve ser bonito como um urso, e conversavel como um selvagem.

Leão

El-Rei, segundo corre, anda com elle extasiado.

Real

¿Quereis que vos ora conte a origem d'essa rica farça?

Leão

Conta; folgaremos de te ouvir, que estás hoje em maré de rosas (como sempre).

Real

Antes de tudo: ¿vós outros lêstes *Os Lusiadas?*

Leão

¿Ler? eu não.

Real

Pois folheei-os eu... não me lembra já onde; havia de ser... (cuido que sim) na officina de um dos aljibeteiros que me fazem roupas. Dei lá com o livro, e corri-o em quanto o official me tomava as medidas.

Saint-Pol (*para Leão*)

¡Se o coitado do Poeta ouvisse isto!...

Leão (*para Saint-Pol)*

¡Que divertimento!

Real (*continuando*)

Porque haveis de saber, que o madraço do meu Poeta traz enfeitiçadas com as suas rimas todas as mulheres e filhas dos nossos burguezes; não ha balaio de palmilhadeira, em que não as vejais abertas. E' para rir como se debulham em lagrimas com a morte de *D. Ignez*, e enfiam de mêdo em acertando com o côco do *Adamastor*.

Leão

¿Que vem a ser isso?

Real

¿Quem? ¿o Adamastor? é o brutaz de um gigante, que tem não sei quantas varas de comprido, que todo se definha e arrepella por lhe não querer dar ouvidos certa Nympha, que não é mais alta que outra qualquer fêmea.

Leão

¡Arreda, bruto!

Real

Em summa: é o livrinho mais pêcco e mais parvo, que nunca heis visto; uma salsada de sagrado e profano, que diz o outro meu tio, Confessor d'el-Rei, que só queimando-o, e mais a quem n-o fez. Ali se vê Baccho, de roquete de clérigo, a adorar o Espirito Santo; a deusa Venus, mui mana, par a par com a Virgem Maria; e... ¿que sei eu? E' a procissão do Corpus Christi mettida em rima. Ahi tendes vós o que são *Os Lusiadas*. (*Durante estas criticas Leão e Saint-Pol vão tomando gradualmente seriedade reprovadora*).

SCENA XI

Os ditos, CAMÕES, e ANTONIO, *que vinham da varanda, e ao entrarem d'ella para a sala se deteem. Camões traz sobraçado um rolo de manuscrito.*

Camões (*que ainda ouviu mencionar o seu poema*)

¿De mim falam, Antonio?

Leão (*sem o vêr, e dirigindo-se a Real*)

¡Que esfola-gatos! Não te sabía tão letrado. Por que não requeres de teus tios, os senhores Gonçalves da Camara, te nomeiem censor do Santo-Officio para a impressão dos livros?

Real (*que, entretido nos seus chascos com os amigos, não deu pelo Poeta, que se demora ao fundo, com Antonio*)

¡*Os Lusiadas!* Por vida minha, que muito mais sabor

acho eu ao *Pranto da Maria Parda*. Essas, sim, que são trovas muito para cantar em cabo de banquete, n'um dia de entrudo ou páschoa, por essas hortas de Chellas, com quatro damas de minha arte:

A minha alma encommendo
a Noé, e a outrem não,
e o meu corpo enterrarão
onde esteem sempre bebendo.

Ou isto, ou:

As armas e os barões assignalados. .

Saint-Pol (*á parte*, *indignado*)

Ordem do mundo: nunca bom engenho, sem matilha de nescios que o atassalhem.

Real (*proseguindo*)

O beijinho porém do tal volume, são as estancias, onde o autor faz d'el-Rei o elogio mais *poetico*, isto é mais desconchavado, que se nunca viu. D. Affonso de Noronha, que é (já o sabereis) unha com carne com o trovista, abriu, como sagaz que é, perante el-Rei, o livro n'aquelle proprio passo do elogio, e lh'o leu. El-Rei, de embevecido com tamanha dita, mandou lhe levantassem o destêrro, e se tornasse o seu Poeta para a Côrte. Vêl-a aqui toda a historia.

Saint-Pol (*encolhendo os hombros de tédio*)

¡Oh!...

Real

Uma coisa vos quero em secreto annunciar; meu tio, o Escrivão da puridade, deu-me a entender que el-Rei não ordenára ao Camões lhe viesse hoje apresentar o poema, senão para dar azo a certa folia, que ha-de ser muito para rir; rir, já sabe, á custa do senhor Poeta, Soldado, e Cortesão.

Saint-Pol (*severo*)

Parece-me, Real, que já derramais por fóra das medidas.

Camões (*que desceu lentamente o tablado, e se aproximou de Real*)

Senhor, não vos conheço eu; mas ¿conheceis vós a Luiz de Camões?

Leão (*á parte, reconhecendo o tabardo*)

E' elle, o meu 2.º tomo de Real, a julgal-o pela capa.

Real (*sem responder a Camões, e mirando-lhe insolentemente o trajo*)

Máu pesar veja eu do diabo; aquelle é o meu tabardo.

Saint-Pol (*em voz mui baixa e rapida para Real*)

Por Deus, que vos caléis. Não se afronta assim um cavalleiro.

Real (*rindo*)

¡Ah! ¡ah! está-me dando no gôto...

Camões (*á parte*)

¿Por que assim firo eu nos olhos a estas mariposas de palacio? (*Para Real, batendo-lhe no hombro.*) Uma palavra, mancebo.

Real (*ironico, e recuando*)

Folgara de saber o que entre nós pode haver de commum (a não ser o meu tabardo).

Camões (*frio e firme*)

Nenhuma coisa. Eu sou Camões.

Todos os tres

¡Camões!!...

Camões

Sim, Camões; e satisfação vos requeiro. Não já (entendei-me bem isto) pelas censuras com que heis honrado o meu livro, que os livros .. todos os podem julgar, cada qual com o seu muito ou pouco entendimento; mas sim por me haverdes feito agravo em minha honra; para o quê, nem a rasão, nem a Religião, nem o direito, nem a cortezia, vos davam licença, nem vol-a darei eu.

Real (*intimidado*)

Mas...

Camões (*como quem vai para descalçar a luva*)
Não refuseis.

Real (*em tom de escarneo e ironia, e recobrando a insolencia*)
Não me atireis luva, por mercê, que mui velho estylo é esse de reptar. Já não somos em dias d'el-Rei D. João II. Por cartél se faz isso agora.

Camões
Aprasae sitio e hora.

Real
Para esta noite... entendo que não póde ser; não devemos perder a representação do Auto. Huum!... ¿que dizeis vós? e portanto, amanhan, no olivedo de San-Roque, ás 6 horas. (*A'parte*) Eu farei que ás 5 já o cisne esteja engaiolado no subterrâneo de alguma torre.

Camões
No olivedo de San-Roque; ás 6 horas; lá serei.

Real (*caminhando para sahir*)
Com Deus vos ficae. Boa noite, senhor meu. (*Inclina-se comprimentando; Camões não lhe corresponde. Real continúa á parte*) E o caso é que o meu tabardo lhe assenta, que nem pintura. Está mais guapo e bem-posto, que o Apollo no chafariz do Terreiro do Paço. (*Sai para a varanda.*)

SCENA XII

LEÃO, SAINT-POL, CAMÕES, ANTONIO *sempre ao fundo*, e D. AFFONSO DE NORONHA

Leão e Saint-Pol vão-se dirigindo para a varanda; reparam em D. Affonso, que vem entrando da 2.ª porta da direita, Saint-Pol o detém e lhe segreda o que quer que seja. Passam todos os tres á varanda, onde ficam animadamente conversando, á vista do espectador. Em scena, no 1.º plano, Camões e Antonio, que se aproximou cuidadoso de seu amo.

Camões (*para Antonio*)
¿Que me dizes á boa policia e cortezania d'estas nossas terras?

Antonio

Que não sei se mais são para lástima, se para asco.

D. Affonso (*entrando em scena, e dirigindo-se a Camões, em quanto os tres mancebos continuam o seu passeio na varanda, gesticulando*)

¿Será possivel o que me ora ha dito o Visconde de Saint-Pol? ¿ um repto para duello, meu Camões !!

Camões (*sem responder á pergunta*)

A ponto vens.

D. Affonso

¿Por quê?

Camões

Tu hontem enganaste-me, Affonso. ¡Mal adivinhas o que esse engano me surtiu!

D. Affonso

Sempre contei com poder-te falar antes que subisses estas escadas. Mas responde-me : ¿que desafio é esse?

Camões

¡Ah! ¡que se o tiveras ouvido!...

D. Affonso

De sobejo sei a quanto monta o seu atrevimento; ¿que admira? sangue é d'elles, e com os seus exemplos se creou.

Camões

Por todos elles me pagará logo este. Ir-me-has de padrinho.

(*Desde o principio d'esta scena ouvem-se de longe, do lado esquerdo, tocar charamellas que se veem aproximando. Entram no palco, por uma banda e outra, muitos cortesãos, que se collocam junto ás paredes*).

Um sumilhér (*corre o reposteiro da 2.ª porta do lado esquerdo*)

Um aráuto (*apparece a ella bradando:*)

Chega el-Rei.

D. Affonso (*a Camões*)
Alegra-te, que é chegada a tua hora.

Camões (*tristemente*)
Tenho, que te engana o coração.

SCENA XIII

OS MESMOS, *acostando-se á parede do lado direito;* LEÃO, REAL, e SAINT-POL, *que veem da varanda correndo, e se enfileiram á mesma parte.* ANTONIO fica *no vão de uma das portas da varanda, meio sumido, e ahi permanece em pé todo o tempo. Da 2.ª porta da esquerda veem sahindo* Charamelleiros, Trombeteiros, Timbaleiros, Archeiros, Aráutos, Passavantes, Reis de Armas Portugal, Algarve, e India, Porteiros da maça, Pagens *com tochas,* D. CATERINA DE ATAÍDE, e outras damas, *depois das quaes a* Rainha D. Caterina, *a* Infanta D. Maria, Cavalleiros, *a maior parte d'elles com as suas cotas de armas,* MARTIM GONÇALVES, *o* EMBAIXADOR DE CASTELLA, *e por derradeiro* el-REI, *seguido do serviço.* EL-REI *toma logo assento no espaldar do estrado; a* Rainha *em almofadas á sua direita, ficando uma dama em pé ao seu lado. N'outras almofadas á esquerda a* Infanta, *com outra dama tambem em pé. As restantes Damas estão de pé ao longo da parede fronteira a* el-REI, *ficando todas as mais personagens no fundo da sala, e ainda muitas pela varanda.* MARTIM GONÇALVES *e o* EMBAIXADOR *são os primeiros junto ao estrado, seguindo-se á* Infanta. *A' bocca da scena, do lado direito, ficam juntos* D. AFFONSO DE NORONHA *e* CAMÕES. *Reina em toda a vasta sala um certo revoliço pela tomada dos logares, e um sussurro vago e sumido de conversações. Cala-se a banda de musicos.*

Camões (*baixo a D. Affonso*)
¿Quem é aquelle que está á esquerda d'el-Rei?

D. Affonso (*baixo*)
O Embaixador de Castella.

Camões (*como acima, intencionalmente*)

Se quizeres alguma coisa d'elle, na estalagem onde poiso o encontrarás esta noite, que para lá se aprasaram elle e Martim Gonçalves.

D. Affonso (*surpreso)*

¿Como o sabes? *(Camões responde com um gesto de cabeça; D. Affonso diz á parte*) ¡Ah, Martim Gonçalves, Martim Gonçalves, attentae por vós!

Um Arauto (*depois de um signal da mão d'el-Rei*)

Manda o muito Alto e muito Poderoso Rei, senhor nosso, D. Sebastião, que Deus Guarde, que se assente a Côrte.

(*Assentan-se muitos dos Grandes, ficando D. Affonso de Noronha entre D. Caterina, que é a primeira das Damas junto á bocca do theatro, e Luiz de Camões, fica em pé, e é de todas as figuras d'esse lado a primeira para os espectadores*).

El-Rei

Lembrae-vos, senhores cavalleiros, de que já não haveremos outra noite n'esta nossa boa cidade; façâmos pela passarmos a sabor. (*Para o Embaixador*) Oiço que o verdor da minha edade, senhor Embaixador, traz em sobre-saltos a el-Rei meu tio, D. Filippe II de Castella. Assocegae-o vós, relatando-lhe o que estais vendo: além (*apontando para o Tejo*) aquella frota; aqui, em derredor de mim, parte da flor de Portugal, com quem amanhan desfiro vella; tudo barões de boa linhagem e grande prol. Com pelejadores tão exforçados, não ha já hi senão vencer. Venha o Auto.

O Arauto *(ao reposteiro da 2.ª porta da esquerda*)

Manda o muito Alto e muito Poderoso senhor Rei D. Sebastião, nosso senhor, que saia a figura do prólogo do Auto. (*Pausa.*)

(*No meio do silencio sai da esquerda, muito devagar, um Ermitão, que se vai collocar perante el-Rei na praça deixada para as figuras*).

O Ermitão

Da serra de Cintra por Deus enviado,
por estes gran paços entrei da Ribeira,
a ver-vos, Rei alto, cabeça guerreira
do Reino exforçado.
E pois vossa frota lustrosa e possante
já sôffrega dizem que aguarda a partida,
primeiro que o ferro soberba levante,
aqui virá logo, senhor, quem vos cante
qual sorte dos Fados vos foi prevenida.
E porém primeiro com manhas mui feias
sahirá um Moiro, que raiva e que brama;
mas não hajais medos: o Auto se chama
«das Boas Estreias.»

(*Inclina-se e vai-se por onde viera*).

ACTO I

Scena I

Sai um Moiro *nigromante*

O Moiro

Em Tetuão me foi dito,
que um gran Rei da Christandade,
imigo do nosso rito,
tinha exército infinito
no porto d'esta cidade.
Parti logo em continente;
porque, se fosse que a armada
punha prôa em nossa gente,
eu a sumisse afundada
de repente.

Scena II

O Moiro, *e mais a* Fada marinha, *que cheg.*
da varanda

A Fada (*sem attentar no Moiro*)

Eu sou a Fada marinha,
a amiga dos marinheiros,
e d'esta terra que é minha;
e vim ora a ella asinha

com cuidados verdadeiros;
que em mal dos meus Lusitanos
ouvi ser vindo um Moiraz,
grande enliçador de enganos,
que, co'os feitiços que traz,
fará sessenta mil damnos,
se lhe praz.
Mas eu porém determino
de estar sempre de vigia
contra aquelle cão malino;
e veremos se o seu sino
contra o meu sino aperfia.

(Repara no Moiro, e diz á parte)

Elle cá é.

(Alto, em voz maviosa)

Moiro mano,
¡quanto fólgo de vos ver
n'este Jardim Lusitano!

O Moiro (*cortejando*)

Sereia do mar Oceano,
¡hajais vós mui gran praser!

A Fada

¿Como d'Africa viestes,
que vos não senti passar?

O Moiro

Vim em nuvem pelo ar,
que é carroça mui mais prestes
que não galés pelo mar.

A Fada

Gran poder é logo o vosso.
¿E em que vos determinais?

O Moiro

Em um gran feito, se o posso.
Juntemos o poder nosso,
que assim poderemos mais.

A Fada

Contente sou. Mandae ora,
e eu farei o que bem seja.

O Moiro

Fazei que saia em má hora
a armada, por que se veja
que sois vós a Imperadora;
e antes que em Africa aporte,
vosso gran mar a consuma.
Heis soffrido um jugo forte;
quebrae-o; e tropheos de espuma
lhes arvorae sobre a morte.
E eu me obrigo que, do Atlante
até ás pedras do Egypto,
vosso exfôrço a tudo espante,
tudo, senhora, vos cante
e vos beije o nome escrito
em diamante.

A Fada (*á parte*)

O perro cuida embahir-me;
veremos nós quem se engana.

(*Alto*)

Senhor, não quero eximir-me;
e, pois vosso ajuste é firme,
hermano, hallaréis la hermana.
¿ E vós sabeis bom conjuro
de bem danado empecer?

O Moiro

Não n-o ha hi mais seguro:
conjuro de gallo suro
morto depois de comer,
com rins de demoninhado,
e olhos de sapo saltão;
conjuro mui bem temp'rado,
o qual me fôra ensinado
nas Covas de Salamão.
Tudo é dentro n'esta vara,
que em eu riscando com ella,
logo uma fonte seccára,
e uma estrella se apagára,
que nunca mais fôra estrella,
nem se achára.
E mas, se o vós quereis ver,
com uma palavra que eu dér
de San-João em Latim,
logo vereis a correr

quem me dá exfôrço a mim
em tudo quanto hei mistér.
¡ Ora sus,
moradores infernaes !
¡ demonios que arrenegais
da Agua-benta, e mais da Cruz !
vinde já,
e trazei cem mil agoiros,
com que vençam nossos Moiros
toda esta gente de cá.
(Bate tres pancadas com a vara no chão).

SCENA III

Os ditos *e um bando de* **Demonios**

Os Demonios (*cantando e dançando em derredor do Moiro*)

¿ Que nos chamas
d'entre as chamas,
poderoso ?
¿ Que nos tiras
d'entre as piras,
aleivoso ?
¿ Ha hi mandas ?
¿ que demandas ?
¿ tens demandas ?
¿ que nos mandas ?
Feia é a terra.
Feio é o mar.
Feio é o ceo.
Feio é o ar.
Feia é a noite co'o luar.
Feio é o dia co'o solar.
Presto avía, ou nos invìa,
nos afunda na mais funda
da profunda do raivar....

O Moiro (*batendo com a vara no chão, e fazendo parar de repente a dança macabra*)

Calae, manos.
Quanto ora digo fazei:
ide aos astros soberanos
ler os destinos d'el Rei.

mais os dos seus Lusitanos.
Se virdes que são piedosos,
apagál-os e arrancál-os
esses taes;
mas, a serem rigorosos,
assopral-os, e inflammál-os
muito mais.

(*Dizendo estas palavras, descreve no ar com a vara um circulo por cima da cabeça. A Fada n'este lance lhe arranca a vara da mão; ao que, os demonios disparam uma gargalhada infernal, sem que os rostos se lhes vejam rir*).

A Fada

Verei ora a vossa vara
o poderío que encerra.

O Moiro (*em grande confusão*)

¡ Quereis rir !
Para nada vos prestára;
hontem a cortei na serra,
sem mentir.
Sem ella não dera passo,
que sou gastado dos annos,
¡ inda mal !

A Fada

Mas quero eu ver mais de espaço
os seus feitiços e enganos,
e não al.

O Moiro

Mana, rosto de boninas,
manço Abril de Alexandria,
meu amor,
Deus vos chova perlas finas,
como a vara é sem valía
nem valor.

A Fada

¿Por que logo instais por ella ?
ou me enganais, ou mentistes.
A-la-fé,
que a verdade hei-de eu sabêla.

(*Quebra a vara, e sai d'ella muito fogo e estrépito*).

O Moiro
¡O meu poder destruistes!...
Já meu imperio não é.

(*Travam os diabretes ao Moiro, uns pelas roupas, outros pelas mãos, outros pelas barbas, e o levam com grande vozaria pelas portas da varanda, até desapparecerem com elle. A Fada os vai seguindo de longe, até desapparecer tambem.*)
(*Pequena pausa*).

ACTO II

PROLOGO

O Ermitão (*sahindo da esquerda, e collocando-se novamente diante d'el-Rei*)

Depois que mettêra no charco infernal
ao perro maldito co'as tramas que urdia,
a Fada marinha, que sempre vigia,
desvélos redobra co'o seu Portugal,
pois *seu* lhe ha chamado
já lá desde os tempos de Fuas Roupinho
até estes nossos, por ver alastrado
de palmas contínuas seu campo marinho.
O Infante de Sagres á luz das estrellas
com ella tratava segredos profundos;
Pedr'Alvares, Gama, pediam-lhe mundos,
e mundos não vistos lhes viam as vellas.
Em summa, que sempre de amor se morrêra
por estes seus Lusos, tritões humanados;
té que alfim aos d'elles juntando seus Fados,
a Manuel ditoso seu dote off'recêra,
e esposos se uniram com laços doirados.
Por isso procura trazer dos planetas,
a Vós, seu gran Neto, destinos propicios,
com que se destruam dos feros cometas
os negros auspicios.
(*Sai por onde viera*).

SCENA I

Vem a Fada marinha *e diz*:

O' sino de Salamão,
que lançado fôste ao mar

pela sua benta mão,
e que eu logrei apanhar
em noite de San-João;
pelo poder e condão
que o Altissimo te deu,
traze aqui, que o mando eu,
lá da eternal região,
os Seraphins mais amantes,
mais sabios e mais galantes,
de quantos moram no Ceo.

SCENA II

A Fada, *e mais um bando de* **Seraphins**, *que veem correndo da varanda, coroados de flores alvas, e com harpas de oiro nas mãos.*

Côro de Seraphins (*cantando e dançando*)

Dançares teçâmos
com festas e riso,
que a terra onde estamos
inda é paraizo.

O maioral dos Seraphins (*declamando*)

¿Que desejas, boa fada,
gran senhora e gran princeza,
nossa irmán ?

A Fada

Que me fadeis bem fadada
esta armada portugueza
tão louçan.

Côro de Seraphins (*cantando*)

Mui abençoada
suas vellas solte;
rica e laureada
presto presto volte.
Leve e traga as vellas
cheias e redondas,
riso nas estrellas,
musica nas ondas.
Sereias amigas,
ao ir e ao tornar,
lhe cantem cantigas
de summo folgar.

¡Para lá, esp'ranças!
¡para cá, victorias!
¡e sempre bonanças,
bonanças e glorias!

A Fada (*declamando*)

Agora que a nossa armada
já tem condão mui certeiro,
falta el-Rei.
Quero aqui o escudo e espada
do grande Affonso Primeiro.
¡Sus! correi.

(*Saem dois Seraphins*)

Quero mais o capacete
do Imperador Carlos Quinto.
¡Sus! voae.

(*Saem outros dois*)

Tudo triumphos promette;
agora, perros, consinto:
brasphemae.
Seraphins, manos. rosinhas,
ó empyrias borboletas
eternaes,
ide-me ver os planetas,
se dão sortes como as minhas,
tão reaes.
Se topardes co'o deus Marte
por acaso em sua esphéra,
lhe pedi,
por Venus e por Cythéra,
que pondo tudo al de parte,
venha aqui.

(*Saem outros dois.*)

SCENA III

A Fada, *e mais os*
que tinham sahido. Trazem uma

1.º Seraphim (*declamando*)

Aqui vem a espada e escudo
d'aquelle alto Affonso Henriques,
que lá jaz.

2.º Seraphim

E por que te certifiques
de quão bem cumprimos tudo,
ouvirás.
Batemos ao seu moimento....

1.º Seraphim

E elle bradou acordando:
«¿Quem é lá?»

2.º Seraphim

Dissemos-lhe o nosso intento;

1.º Seraphim

Abriu, e disse folgando:
«Aqui está.»

2.º Seraphim

E nos deu o que estás vendo,
com estas palavras suas
como lei:
«Parta meu Neto, que entendo
«que logo das gentes cruas
«será Rei.»

(*Entra* o 2.º *par de Seraphins; trazem um capacete*)

1.º Seraphim (*recem-entrado*)

Capacete diamantino,
inda coroado do loiro
Imperial.

2.º Seraphim

Por condão que ha do destino,
nem montante, nem peloiro,
lhe faz mal.

A Fada (*tomando das mãos dos Seraphins a espada, o escudo, e o capacete, e indo-os pôr aos pés d'el-Rei*).

Gran Principe, e flor de Reis,
se de Monarchas imigos
ricas páreas recebeis,
mais ricas hoje as haveis
dos vossos mortos e antigos.

(*Entra o 3.º par de Seraphins, conduzindo pela mão o deus Marte.*)

Marte (*para a Fada*)

Senhora do mar profundo,
c'rôa das Fadas marinhas,
¿que ordenais?

A Fada

Que ao primeiro sem segundo
Sebastião, glorias minhas,
assistais.

Marte (*para el-Rei*)

Quizera-vos eu prendar,
alto Principe excellente,
com algum don singular,
por que não ficasse á gente
mais nada que desejar.
Mas porém,
meu coração exforçado
já Vossa Alteza o lá tem,
que ha muito que m'o ha tomado,
e em si o guarda mui bem.
(*Saúda, e sai por onde entrára.*)

SCENA IV
E ULTIMA DO AUTO

A Fada *e os* Seraphins

A Fada

O' Reaes pagens-da-tocha
da santa Virgem Maria,
dizei-me: ¿nos Ceos que havia?

Um Seraphim

Um sino que desabrocha
com muito grande alegria.

A Fada (*á Rainha*)

Recebei-me e dae-me emboras
pelo que o sino adivinha,
ó poderosa Rainha.
(*Todas as Damas applaudem com palmas, que são repetidas pelo restante da Côrte.*)

A Fada (*á Infanta*)

O' alta Dona Maria,
Princeza de tantos bens,
dae-me e tomae parabens.

(*Damas e cavalleiros applaudem, como a cima.*)

A Fada (*ás Damas em geral*)

Lirios, papoilas, boninas,
aljofradas, diamantinas,
cheirosas e preciosas,
ramilhete desatado
em cima do régio estrado,
como em ledo altar as rosas;
vós, donzellas, vós, sereias,
havei-me boas estreias
no que a vosso irmão ouvis,
pois que os vossos servidores
teem de volver vencedores
d'esta jornada feliz.

(*Applaude el-Rei primeiro, e logo todos os Cavalleiros.*)

A Fada (*aos Seraphins*)

E, pois não ha que mais queira,
cantae n'essas harpas d'oiro
que tanto bem seja eterno;
cantae-o por tal maneira,
que façais raivar co'o Moiro
todos os córos do inferno.

(*O côro dos Seraphins canta, acompanhado de suavissima toada de harpas e flautas invisiveis, e o dos diabos lhes responde subterraneamente acompanhado de trompas, businas, e pratos.*)

1.º Seraphim (*cantando*)

Para os Ceos partâmos.
Em volvendo a armada,
com palmas e ramos
faremos tornada.

2.º Seraphim (*cantando*)

Faremos tornada
com palmas e ramos,
em volvendo a armada
que nós vigiamos.

Côro de Seraphins

Anjos, não esquiva
benção lhe trazei.
¡ Viva ! ¡ viva ! ¡ viva !
¡ viva ! ¡ viva el-Rei !

Côro infernal

Em hora de prantos,
em hora minguada,
em hora de espantos
se parta essa armada,
e cresça indomada
dos Moiros a grei.

Côro de Seraphins

Anjos, não esquiva
benção lhe trazei.
¡ Viva ! ¡ viva ! ¡ viva ¡
¡ viva ! ¡ viva el-Rei !

As Damas do saráu (*cantando*)

Anjos, não esquiva
benção lhe trazei.

Todos os Cavalleiros

¡Viva! ¡viva! ¡viva!
¡viva! ¡viva el-Rei!

Seraphins, Damas e Cavalleiros (*cantando reforçado cheissimo, com acompanhamento de todo o instrumental*)

Anjos, com fé viva
benção lhe trazei.
¡Viva! ¡viva! ¡viva!
¡viva! ¡viva el-Rei!

(*Os Seraphins depõem cada um a sua corôa no estrado aos pés d'el-Rei, e saem todas as figuras do Auto, depois de fazerem profunda mezura ás Pessoas Reaes*)

FIM DO AUTO DAS BOAS ESTREIAS

SCENA XIV

TODOS OS PRECEDENTES; *menos as figuras do Auto*

El-Rei (*reparando em Camões*)

Em boa hora venhais, cavalleiro Luiz de Camões.

Camões (*acercando-se d'el-Rei*)

Mui alto e poderoso Rei, obediente aos desejos de Vossa Alteza, aqui venho pôr ás Reaes plantas o meu pobre volume, e beijar a mão augusta que se estendeu sobre o poeta desvalído. Só para gloria do meu Portugal, e de Vossa Alteza, o havia escrito; Vossa Alteza no aceital-o imprimiu n'elle uma gloria nova, que é a minha.

El-Rei

Folgamos de o receber d'essas mãos, que tão gentís coisas hão obrado.

Camões (*curvando-se*)

Real senhor, a mercê que me fazeis...

El-Rei

Empenhados nos confessamos ainda, eu e a Patria, para comvosco. Requerei afoitamente.

Camões (*começando de vagar e timido, e aquecendo a pouco e pouco*)

Senhor; já que Vossa Alteza deseja animar-me para exemplo a futuros escritores, permitta-me colher eu mesmo ás suas plantas as minhas corôas. (*Aponta para as quatro corôas de flores, deixadas pelos Seraphins nos degraus do estrado; el-Rei annue com sorriso gracioso*). Agora, pois me é concedido o requerer afoitamente, requeiro que Vossa Alteza me permitta offerecel-as ás mui gentis damas de sua Côrte, cujas são as rimas e solfas do «Auto das boas Estreias», com que hoje vimos aqui ressuscitados aquelles saraus famosos dos senhores Reis D. João III e D. Manuel, que santa gloria haam.

El-Rei

Aproximae-vos, Luisa Sigêa, Publia Hortensia de Castro, Joanna Vaz, Angela Sigêa.

(*Todas quatro levantando-se dos seus logares, se chegam modestamente ao estrado, e ajoelham. Camões põe uma corôa em cada uma*).

Camões

Aceitae, senhoras, por minha mão, e á conta do que a posteridade tem de pagar aos vossos nomes, capellas de Anjos, com que vos brinda o mais poetico Rei da Christandade.

(*As quatro beijam a mão a el-Rei, e voltam para os seus logares*).

El-Rei (*para Camões*)

Muito bem. Outr'ora eram as damas, as que premiavam aos vencedores; hoje, que as vencedoras são ellas, era mistér; para as galardoar, um triumphador: tivemos um Camões. Mas o enlevo de vos admirarmos, quando, superior a invejas, applaudís franco os talentos alheios, não é bem que nos faça esquecer dos nossos deveres. (*Voltando-se para os cortezãos*) Aconselhae-me, vós outros, senhores. ¿Que premio pode haver condigno a tamanho serviço, como este poema dos *Lusiadas*?

(*Pausa. Todos olham uns para os outros*).

Martim Gonçalves (*a el-Rei*)

Bem sabe Vossa Majestade, que toda a Real fazenda é pouca para os gastos da presente jornada.

D. Caterina (*á parte*)

¡Oh!...

D. Affonso (*á parte*)

¡Oh vil!

Um cortesão (*ironicamente*)

¡Donosa conjuntura para mercês!

Outro

Uma tença.

Outro

Cincoenta cruzados.

Real

Alvará para que possa imprimir e vender as suas trovas.

(*A Rainha e a Infanta, fazendo ambas com a mão signal para que ninguem se levante, retiram-se acompanhada cada uma das suas respectivas damas*).

El-Rei (*batendo fortemente com a mão no braço da cadeira*)

Silencio. ¡Que ousadia, senhores cavalleiros! ¡perante mim, e perante o Homero de Portugal!

Camões (*avisinhando-se a Martim Gonçalves, e forcejando por conter a indignação, que aliás se lhe adivinha, diz-lhe á meia voz:*)

Senhor Martim, ¿ viestes para me montear? ¡Já ahi me andam os vossos mastins desaçaimados! (*Levantando a voz, de pé no meio da sala*) ¡Cincoenta cruzados! ¡cincoenta cruzados pelos *Lusiadas*! ponhâmol-os antes em almoeda; já pode ser que algum moço das Reaes estrebarias dos Estáos lançará mais. Eu mesmo serei o pregoeiro... (*Cahindo em si, e voltando-se para el-Rei*) Perdão, senhor Rei...

El-Rei (*com autoridade*)

A'vante, meu Poeta; continuae; ordeno-vol-o eu.

D. Caterina (*á parte*)

De alma e coração te beijára os pés, senhor Rei...

(*Longa pausa. Camões começa a falar com desanimada melancolia, e vai gradualmente aquecendo o tom*)

Villeza e felonía é esta... para rebentarem lagrimas de despeito. Dezassete annos vaguei de desterro em desterro: sem acabar, porque tinha uma esperança; sem enlouquecer, porque trazia aqui (*apontando para a testa*) acezo um claro e sublime pensamento; sem cahir, porque me arrimava em bordão seguro. Este pensamento, esta esperança, este bordão unico, era o meu Poema, o meu companheiro nos cárceres, o meu thesoiro nos naufrágios, a minha alegria e consôlo nos trabalhos. E este Poema, esta melhor metade de minha alma,

ou minha alma toda, os meus *Lusiadas*, ó Portuguezes, ¡labios que portuguez falam m'os põem hoje em almoeda!... (*Pausa*) ¿Cincoenta cruzados?! zombando estais; não se entrega o ramo por tão pouco. Venha ao menos um lanço, que pague o jornal do obreiro. (*Pregoando como um leiloeiro, e percorrendo o salão*) ¡Cincoenta cruzados! ¿Quem mais dá pelos *Lusiadas* de Luiz de Camões? (*Mudando de tom, e dirigindo-se successivamente a diversos aulicos*) Com duas ou tres arvores sêccas das vossas mattas de Cintra, que mandeis vender para carvão, fazeis vós cincoenta cruzados. (*Voltando-se para outro*) Cincoenta cruzados, vos dará qualquer alfaia velha, já aposentada nos desvãos da vossa rica poisada. (*A outro*) Cincoenta cruzados, ganhais vós ahi n'um só lanço da *pella* ou do *tintinini*. (*A outro*) Cincoenta cruzados, qualquer adelo vol-os contará pela boa espada de vossos maiores, de que já vos não servís. (*Para Real*). Cincoenta cruzados, valem só por si os vossos commentarios aos *Lusiadas*. Vós por cincoenta cruzados (*Transição*) Mas. . venhâmos a melhor concerto: de tão boa avença me colheis,que vol-os dou de graça. Aceitai-os... e dae-me uma esmola de dois seitís. (*Nova transição de tom. Ergue a cabeça e a voz com dignidade*). Mas... ¿quem vos havia dito que o meu Livro era para vender? ¿O amor vende-se?! ¿a gloria vende-se?! ¿a alma vende-se?! ¿A qual de vós pedi eu oiro? ¿Quando me vistes estender-vos a mão, ou bater-vos á porta? ¡Mercar o meu Livro!! nenhum de vós tem de seu com que m'o pagar. De quantos aqui somos, o unico rico e opulento, unico que póde e costuma dar thesoiros, o unico que ha-de deixar a todo o mundo uma grande herança, sou eu; eu, senhores; Luiz de Camões. Deveis sorrir, pois não conheceis o homem que vos fala. ¿E d'onde o conhecerieis vós? Nas guerras de Africa e Asia... não vos vi; nos mundos do estudo e do pensamento .. nunca nos encontrámos. Vós, viveis na gloria do que outros fizeram; e eu, na que eu mesmo criei para o meu Rei, para a minha Patria, para a minha Religião, e para mim. Se algum se dá por agravado, dura razão lhe darei das minhas palavras em m'a pedindo. (*Pausa. Olha em volta de si. Ninguem responde*) ¡Cincoen-

tas cruzados!!!... Senhor Embaixador de Castella, senhor Embaixador de França, senhores Embaixadores de todos os Estados da Europa, ¿ouvistes o valor dos *Lusiadas* no conceito de Fidalgos portuguezes? Ouvi-me agora a mim, que sei quanto amor de Patria hei depositado no meu Livro: em todas as vossas Linguas hão-de ser os *Lusiadas* lidos e relidos, quando de todos estes arrematadores de monumentos nem os nomes já lembrarem. (*Dirige-se para a porta da sahida sobre a varanda; todos se afastam deixando-o passar. Ao chegar junto de Antonio, encosta-se-lhe ao hombro, e caminha*). Vamos, Antonio. Tu, sim, que me comprehendes; tu, sim, que has-de sobreviver a estas... sombras.

(*Sai com Antonio. Fica em todos os circumstantes um sussurro, durante o qual D. Caterina, que tinha seguido com o maior enlevo a fala de Camões, vai allucinadamente para se levantar e seguil-o*).

D. Affonso (*baixo, detendo-a*)

Attentae que vos observam.

D. Caterina (*mui turvada, e tambem em voz baixa, recahindo sentada*)

¿A mim?!... Mas ¿que disse eu?... ¿que fiz eu?...

El-Rei (*que tem estado como absorto, fica ainda por um breve espaço cabisbaixo, e depois ergue a fronte, encarando severo com aquelles de quem sahiram os motejos*).

Outra pagina de vergonhas para a Historia d'estes Reinos. (*Levanta-se; todos o imitam*). O que ora haveis feito... é execrando, senhores, que vol-o digo eu. (*Pausa*). Quiz, por vos fazer Real mercê, congregar-vos aqui para um auto solemne de desagravo e remuneração; n'uma palavra: de justiça. Nobre era o encargo; ¿como o cumpristes vós? Ao Poeta a quem eu honro, affrontail-o de mendigo. Não sei se mais admire o arrôjo, se a indignidade, se a insensatez. Quando out'rora se decretavam triumphos, corria o Heroe em carroça coroada as vias publicas por entre applausos até ao Capitolio; mas ao lado da carroça ia um vil

escravo a vomitar-lhe injurias. Acclamando-o podieis imitar o povo heroico de Roma; podieis e devieil-o; quizestes antes imitar o escravo. A origem de tal escandalo não a escrutarei, que vos afogára quiçá em ignominia. (*Para todos os cortezãos*) Ide senhores cavalleiros; mantenha-vos Deus em sua santa guarda. Ao romper d'alva, na praia do Rastello, onde antes de nos embarcarmos iremos encommendar o bom succedimento da jornada a Nossa Senhora da Victoria. Medo tenho do ruim agoiro, com que esta noite aqui a inveja nos estreou a nossa facção de Africa. (*Pausa*). A corôa de um monarcha de espiritos... foi apedrejada. (*Pausa longa*). Aos pés do altar, em Rastello, ao romper d'alva.

(*Ao som de charamellas vai sahindo el-Rei com a Real comitiva pela 2.ª porta da esquerda; os restantes pela varanda, e pela 2.ª porta da direita*).

D. Caterina (*á parte*)

Cumpriu el-Rei com o que devia. Agora... eu.

(*Cai o pano*)

ACTO III

Aposento de Camões na estalagem de Diogo. Á direita, janella de rótula para a rua. A' esquerda, a porta que diz para o casarão de entrada, onde passou o Acto I. Ao fundo a porta da escuta para o subterraneo, tapada com uma cortina. Ao canto, uma alcôva volante de biombos axaroados; enxérga-se lá dentro uma camilha pobre. A unica mobilia do aposento são dois escabellos, uma meza ordinaria, com tinteiro e papel, e dois ou tres livros velhos encadernados em pergaminho. Na parede, por cima da banca, está pendurada uma lanterna, entre um Crucifixo pequeno de marfim, e a espada e escudo de Camões; o escudo tem por divisa uma Phenix entre chammas, e no exergo por moto *Ardo e vivo*.

É noite.

SCENA I

CAMÕES *assentado junto á meza, meditativo, encostado á mão,* **DIOGO** e **ANTONIO** *de pé em distancia.*

Diogo (*baixo para Antonio*)

¿Elle que tem?

Antonio (*impondo silencio*)

St... Não está bom. (*Pausa*)

Camões (*erguendo-se arrebatadamente*)

Hei resolvido. Nem mais um dia, nem uma hora, n'esta inimiga terra. Outra vez a caminho, peregrino. Se tem espinhos o destêrro, mais e peores os tem para ti a Patria. (*Pausa*) ¡E eu a cuidar que repoisaria alfim! ¡Indignos! Farão que me vá morrer desesperado em regiões extranhas. (*Pausa*) ¡Quem me deparára agora a subitas algum trabalho excessivo e arriscado... um incendio... com que lutasse! ¡uma pendencia mal ferida! ¡um naufragio, ou um terremoto! ¿que sei eu? ¡tudo, que me livrasse de estar ouvindo a tempestade que me vai cá dentro!...

Diogo (*muito compassivo*)

¡Mal aventurado!

Antonio (*baixo para Diogo*)

Deixae-nos a sós.

Camões

Falta-me o ar. Abre-me essa gelosía, Antonio. (*Attentando em Diogo*) ¿Que haveis para me dizer, Diogo? (*Antonio vai abrir a janella*).

Diogo (*timidamente*)

Eu, senhor cavalleiro, vinha...

Camões

¿Vinheis... a quê?

Diogo (*sem se atrever a falar*)

Vinha...

Camões (*insoffrido*)

Aviae-vos. Vinheis pedir-me o que vos devo do aluguer. Rasão tendes: em vagabundos não ha muito que fiar.

Diogo (*melindrado*)

De tal me defenda Deus, senhor cavalleiro; quanto mais, que ainda hontem chegastes. ¿Que é o que me deveis? coisa nenhuma. Por mui pago me dou eu, de dar poisada a tamanho hóspede; com honraria tal, nunca a minha estalagem esperára de se estrear. Como vos ora recolhestes, lembrou-me vir dar uma vista d'olhos ao aposento, que vos não minguasse cá alguma coisa.

Camões (*em tom de arrependido, e com affecto*)

¡Ah! perdoae-me; cuidava...

Diogo (*com bondade*)

Pelo que vejo, haveis coisa que vos magôa. Já sabeis: se houverdes mistér de mim, é bater n'aquella porta, ou bradar por Diogo, que logo serei comvosco. (*Vai para sahir*).

Camões

Fica, fica, amigo; comtigo não hei eu que dissimular. (*Diogo aproxima-se respeitoso*). Saberás pois, que assáz e de sobra tenho por que me dôa e desespére; ¿não é verdade, Antonio? (*Antonio, que permanece em distancia, de pé, e com os braços cruzados, annue com a cabeça; Camões, sentando-se outra vez, continúa*) ¿Mas que montam desprêzos de ruins, onde estão branduras e afagos de bons, como estes, que vol-os descontam?

Diogo

¡Desprêzos!!... ¿Dar-se-ha que vos não fizessem lá o gazalhado que deviam? Sempre vos digo, com licença vossa, que a uns certos respeitos que eu sei, mais valemos cá nós outros, os da arraia miuda, que toda a fidalgaria de palacio. Aqui mesmo (podeil-o crer, que vol-o digo eu) quando ás vezes ahi vinha ás noites um amigo, que se nos punha a ler aquellas vossas *Rimas*, que ali tenho (¡bom livro! ¡bom livro!), não era só eu e minha companheira que choravamos; eram quantos as ouviam. E havei-me por sem dúvida, que para vos pagar o gôsto de taes lagrimas, nenhum d'elles deixaria de dar o sangue das veias, se para vosso remedio lh'o pedissem.

Camões

E é assim. Semeou Deus na alma do Povo um instincto do bem, tão seu, e uns tão altos espiritos incultos, que ás vezes o egualam com as maiores altezas d'esse mundo, quando as não excedem. Ao Povo, ao Povo só, se haviam de dirigir os bons engenhos, que não aos poderosos da terra; a esses, qualquer valor ou fama que se alevante, logo lhes põe medo. Em se erguendo do pó quem os possa ensombrar e encobrir com glorias proprias e verdadeiras, repulsam-n-o elles, agitam-n-o, flagellam-n-o, derrubam-n-o, esmagam-n-o. Depois de morto... depois de morto, deificam-n-o. ¡Oh! ¡ditoso de quem morreu! é a sorte que eu mais invejo. Os unicos que vivem e triumpham, são os mortos. (*Ouve-se na rua uma viola, que vem de muito longe avisinhando-se*) Escutemos. Poesia da noite. (*Fica largo espaço embevecido na musica*).

Diogo

E' véspera hoje de San-João; algum descante.

Camões

¡Ha quantos annos não oiço isto! ¡Noite de San-João na minha terra! Mais saborosas tristezas tem uma só hora d'esta noite, que tudo quanto hei devaneado. Esta poesia não se escreve; vive-se. ¿Quantos cruzados dariam por ella os cortezãos? (*Para Diogo*) ¿E vós não fizestes fogueira?

Diogo

Moiro que eu fosse, a houvera acendido; estralava e reluzia, que nem uma Troia; queimaram-se hervas de amores, bailaram os cachopos e moças da visinhança. Antes vos quizera no meu quintal, que nos paços da Ribeira.

Camões

Certo.

(*Ao passar a viola por baixo da janella, ouve-se uma voz cantando o seguinte:*)

Mas venido es un tal dia,
que llaman señor San-Juan,
cuando los que estan contentos
con placer coman su pan,
cuando a los desconsolados
mayores dolores dan.

Camões

Conheço, conheço; ¡donosa trova do cancioneiro de romances. Decorei-a, que sempre me pareceu feita por mim, e para mim, que assim é saudosa e magoada. (*Recita*)

Decidme vos, pensamiento,
¿ donde mis males estan?
¿ que alegrias eran estas,
que tan grandes voces dan?
si libran algun cautivo,
o lo sacan de su afan,
o si viene algun remedio
donde mis suspiros van.
No libran ningun cautivo,

ni lo sacan de su afan,
ni viene ningun remedio
donde tus suspiros van.
Mas venido es un tal dia,
que llaman Señor San-Juan,
cuando los que estan contentos
con placer coman su pan,
cuando a los desconsolados
mayores dolores dan.
No digo por ti, cuitado,
que por muerto te tendran
los que supieren tu vida,
y agora no te veran;
los unos te habran envidia;
los otros te llorarán;
los que la causa supieren
tu firmeza loarán,
viendo menor tu pecado
que el castigo que te dan.

Diogo

Até amanhan, senhor meu; com Deus vos ficae; e fazei por dormir, que apoz dias dias veem, e uma hora melhor de outra, diz o adagio.

Camões

¡Oh! não ha-de ser esta noite que eu cerre olhos, meu Diogo.

(*Vai-se Diogo pela porta da esquerda*).

SCENA II

CAMÕES e ANTONIO

Antonio (*com brandura carinhosa*)

Recolhei-vos porém á cama, e experimentae.

Camões (*levantando-se*)

Excusado. Tenho a cabeça perdida; e tambem...

Antonio

Pois não quereis dormir, dizei-me: ¿em que heis assentado por derradeiro?

Camões

Saio de Lisboa; desamparo-a; fujo-a.

Antonio (*timidamente*)

Mas... sahindo de Lisboa, ¿ onde quereis que nos vamos ?

Camões

Eu não disse *nos*.

Antonio

Não entendo.

Camões

Vou-me eu só.

Antonio

¿ Deixar-me-heis ?

Camões

Devo-o.

Antonio (*dolorosamente*)

Cada vez vos entendo menos. E sem vós, ¿ que hade ser de mim? Não pode ser, meu senhor; não é possivel.

Camões

Lembra-te de Heitor da Silveira; lembra-te de quantos amigos me has conhecido, e que já não vivem. Hoje, até já creio n'isto: o amar-me em extremo dá morte; quando menos, dará infortunio grande. Infelizes ha, que são como apéstados; e devo ser um d'esses.

Antonio

Embora; quero ver, por isso mesmo; hei-vos de seguir, mas que o não queirais.

Camões

¿ Não estás ainda farto de penuria?

Antonio

Sêde e fome ¿ que importam, se estou comvosco?

Camões

Crê no que te digo; faze o que te rogo: fica-te, e deixa-me abalar sósinho.

Antonio

Não ateimeis em me experimentar; sou vosso, é verdade, mas tambem vós, meu senhor, sois meu: eu por escravo, e vós por amigo.

Camões

¡Admiravel feitura da Divina Bondade¡ Homem, com a raça humana me reconcilias. (*Abraçam-se*)

Antonio

Agora, ¿que dispondes?

Camões (*com resolução*)

Ir-nos-hemos com el-Rei.

Antonio

¿ Outorgar-vol-o-ha elle?

Camões

¿ Que remedio haverá senão outorgar-m'o ? Animo para me ficar em Lisboa depois do que é passado, confesso que o não tenho. Pessoas ha hi, cuja só vista me abrazaria ; fôra um lutar comigo proprio de contínuo; em vez que na guerra, com o remoínho dos successos, com o fervor das refregas, com o marulho e ressaca dos perigos, com as alegrias e os cuidados das victorias, muito outro affecto se esfria, muita memoria se apaga ou amortece. Já agora, aquella (*apontando para a espada*) quero acabar de a gastar. (*Põe-se a reparar attento no escudo*). ¿Vêl-o, Antonio, o escudo com que salvei a vida de meu Pae, bom soldado tambem, ao-pé de Ceuta, quando lá deixei este ôlho? Era ainda em branco, como de donzel, quando para lá fui, e lá grangeei com que se adornasse da divisa que traz. Terra é logo para mim de boa estreia aquella de Africa : da primeira vez me honrou; d'esta por ventura me acabará, que será maior mercê. (*Pausa. Contempla o escudo e a divisa). «Ardo e vivo»* — dizes ahi tu, minha Phenix. Vamos a ver, se algúm caritativo peloiro de Berbería nos quebra alfim a ambos tão ruim fadario; póde ser. Mas em Lisboa sei eu

de certo, que não resistiria nem um mez. ¿Approvas, Antonio, o meu projecto de acompanhar el-Rei?

Antonio

Senhor, sim.

Camões (*depois de pausa*)

¿Que horas são?

Antonio

Deram as onze ao entrarmos na poisada.

Camões

¿Só?! (*Senta-se junto á meza*). Noite é esta, que não acabará nunca. Não sei com que enganar o tempo. ¿Pois hei-de ficar a debater-me comigo entre estas quatro paredes? Faze tudo prestes para a partida. (*Sorrindo amargamente*) Não gastarás muitas horas. (*Levanta-se de repenle*) ¡Ah! em bem me lembra: amanhan é o meu duello com Real, o parente de Martim Gonçalves. ¡Não ser antes com o proprio Martim Gonçalves! ¡Oh! ¡Caterina!... Por mais que faça, não a destérro do coração; qualquer coisa m'a recorda. ¡Se a tornarei jamais a ver!...

SCENA III

OS MESMOS, e D. AFFONSO

Camões (*vendo-o entrar*)

¡D. Affonso! ¡oh! bemvindo.

D. Affonso

Muito ha que eu devêra ser cá; ¿não é assim?

Camões

Bem sabia eu me não faltarias.

D. Affonso

Em transes estava. Vejo-te porém sereno (mercê do Ceo) e respiro.

Camões

¡Sereno eu!...

D. Affonso

Por minha fé, que não hei desperdiçado o tempo. Andei trabalhando para ti, ou para mim; direi melhor: para ambos nós, que meus são egualmente os teus negocios.

Camões

¡Que has feito?

D. Affonso

Logo o saberás. (*Para Antonio, que se conservou sempre no 2.º plano*) Antonio.

Antonio (*aproximando-se*)

Senhor meu.

D. Affonso

Não vi a Diogo quando entrei, mas não deve andar longe. Vae-te para a sala da entrada esperal-o; e como chegar, trazêl-o aqui. (*Sai Antonio pela porta da esquerda*)

SCENA IV

D. AFFONSO e CAMÕES

D. Affonso (*fechando a porta, adiantando-se para Camões, e falando-lhe em confidencia*)

Camões

Antes de uma hora, haveremos aqui el-Rei.

Camões (*admiradissimo*)

¡El-Rei!...

D. Affonso

Já elle cá seria, se não fôra o Cardeal, que o tem dilatado. Quiz vir a diante para t'o annunciar, e dar ao estalajadeiro certas ordens, afim de me não desvairarem depois a attenção. Deixa correr mais uma hora; estás para vêr extranhas coisas. (*Corre a ca-*

sa por uma e outra banda, como quem examina o que quer que seja).

Camões

Cuido estar vendo a Filippe Tercio, quando andar medindo em Afrcia terreno para a nossa hoste. Em vez d'elle, podia el-Rei levar-te para seu divisador do campo.

D. Affonso

E assim é, que ando eu a aparelhar terreno para uma grande batalha.

Camões

Com bom apparato de arcanos principia o Auto. Discorres no aposento, como que houveras um grande thesoiro n'elle enterrado.

D. Affonso (*em tom significativo*)

¿E quem sabe se o não haverei?

Camões

E n'esse Auto, ¿que me tocará a mim? ¿serei tambem figura, ou só espectador?

D. Affonso

Espectador, e figura. ¿Não desejas tu vingança?

Camões (*nobremente*)

¿Eu?... não.

D. Affonso

¡Quanto não folguei e me ensoberbeci de te ouvir no paço! digo-te que estavas em hora fadada de inspiraçâo; relampagueava-te o olhar; percebia-se lá por cima, na alma, o trovejar soturno da cólera. Fulminaste-os, a esses mesquinhos, relé caínha de cortezãos bastardos.

Camões (*com ironia*)

Sim, motejei e rugi.

D. Affonso

Não zombes: padeceste muito... e padeces. ¡Fóra soberbas vans! As tuas feridas d'alma, recata-as

de todos; mas a mim, ao teu amigo, ao teu Affonso, descobre-as sem vergonha, que bem sei ¡quão profundas são, e como sangram!

Camões

Sim, sim, Affonso meu, por de mais é o agitar-me. As frechas empeçonhadas, que me elles cravaram no coração, não as desférro por mais que as sacuda. ¡E perante el-Rei!... ¡ver-me constrangido pelo respeito a encolher as garras de leão, que os houveram feito pedaços! ¡querer, e poder, e não ousar, esbofeteal-os, nem com a palavra!! ¡Insensatos! ¿sabem elles, sequer, a quanto se exposeram provocando-me?! ¿Não sabem que eu podia fazer-lhes peor que arrancar-lhes as ociosas vidas? podia condemnal-os a viver; amarral-os ao Pelourinho da Posteridade, com grilhões como os de Tício, que ninguem, nem todos os Reis, nem todos os seculos, os desataram. ¡Insensatos! !Semearem a injuria em alma que tem o segredo do porvir! ¡Insensatos e infames; que se conspiraram para afrontar n'um só lanço a tres majestades, todas egualmente ungidas pela mão de Deus: o Engenho, o Infortunio, e a Realeza! Por ella, sobretudo, mais que por mim mesmo, te confesso me doí e me indignei. Dos labios me estiveram por instantes rebentando aquellas palavras do meu Poema:

.... entre os Portuguezes
tambem traidores houve algumas vezes.

D. Affonso

Pois sabe que tudo isso, esses teus impulsos de lealdade portugueza, esses teus brios de cavalleiro, essa tua luta de ti comtigo mesmo para te reprimires, para não ajuntares ás irreverencias uma irreverencia nova, tudo te leu na alma aquelle grande Principe; e foi-te grato, bem n-o viste: exforçou-te. Coração, porém, que n'esse praso mais pulsasse em teu favor do que este... nenhum; porque el-Rei só via em ti o offendido; eu, dois: o poeta, e o amante.

Camões

Cala, cala.

D. Affonso

E tenho eu, que mais padecia ali o amante, que o poeta; mais a phénix, que a aguia; porque a aguia se não os esmagava com um açoite de aza, era só por não querer; ¡mas o coitado do coração! ¡na presença do objecto idolatrado!...

Camões *(com muito interesse)*

¿Reparaste n'ella tu? ¿que disse? ¿que fez? ¿que mostrava no semblante? ¿córou? ¿entristeceu-se? ¡por Deus, que m'o digas!

D. Affonso

Camões, Camões, não me havias confessado a tua dita...

Camões

¿Uma dita eu? ¿e qual?

D. Affonso

O seres d'ella amado com extremo. Ella propria o revelou sem querer: a turvação... as lagrimas a cahir-lhe...

Camões (*supplicante*)

Basta; não me abales a determinação. (*Transição de tom*) ¡Ah Martim Gonçalves! ¡Martim!...

D. Affonso

Inda uma vez o tens de ver.

Camões (*com jubilo*)

¿Onde vel-o?

D. Affonso (*depois de leve pausa, olhando em volta de si, e resolvendo-se finalmente a falar*)

Escuta: não quero por mais tempo dissimular comtigo. A el-Rei havia promettido calar-me; hoje porém toca-te haveres tambem quinhão em nosso segredo.

Camões (*com ares de quem penetra o que quer que seja*)

Cuido que o vou adivinhar. Agora recordo e combino tudo: o Embaixador de Castella, e Martim Gon-

çalves, a raposa e a minha cobra de capello, ajuntam-se a occultas n'este covil. Eram elles os que tu hontem desejavas tomar (como dizem) com o furto nas mãos. Vai ahi conluio de traidores; conspiram contra el-Rei e o Reino... (*Gestos repetidos de D. Affonso, mostrando ser verdadeira a suspeita de Camões*)... ¡Jesu Maria! ¡Martim revél e descoberto! ¡Estrella da minha ventura, que te has sumido no occaso, poder-me-hias tu ainda ascender ao Ceo?!...

SCENA V

OS MESMOS e ANTONIO *introduzindo Diogo que fica junto á porta, na espectativa.*

D. Affonso (*a Diogo*)

¿Por onde andavas? Ouve: eu vou sahir; dentro em meia hora voltarei. Os individuos que sabes, hão-de ser aqui á meia-noite. Tanto que entrem, virás dar-nos aviso.

Diogo

Senhor, sim, far-se-ha.

D. Affonso

Cautela que te não suspeitem.

Diogo

Nas covas de Salamanca deveriam elles ter cursado com o proprio diabo, se a mim me suspeitassem. Ide-me ora descançado quanto a isso.

D. Affonso

Vae sempre outra vez certificar-te, se o almario falso que encobre esta porta pela banda de traz, (*aponta para a porta do fundo*), ao cima da escadinha escuza do subterraneo, está ainda como o deixámos; se se não conhece por fingido. Se o descobrissem, mallogrado era tudo.

Diogo

¿Mais alguma coisa?

D. Affonso

Nada mais.

Diogo (*adiantando uns passos*)

Tudo se fará como Sua Mercê determina. Mas... antes que me parta, duas palavrinhas quizera eu dizer-vos.

D. Affonso

Dize-as logo.

Diogo (*com mysterio*)

Veio hoje ahi uma figura, que dava ares de mercador: pediu-me uma botelha do melhor vinho donzel que na venda houvesse, e me rogou me assentasse com elle para o bebermos. Braguez com braguez, e cortez com cortez, diz o adagio; acceitei, e posemo-nos a beberricar. Entrou-me a fazer, como por de mais, algumas perguntas de nónada, que, se tinham alvo, não era eu bésteiro que lh'o enxergasse.

D. Affonso

Nem o sou eu tambem, que enxérgue o alvo de tal conto. Abrevia, que não hei tempo para perder.

Diogo (*arremedando a voz do seu desconhecido freguez*)

«Pois hontem, ao cerrar da noite — é elle quem fala — «encontrei-me ahi com um conhecido meu, «chamado Camões; annos havia, que nos topára-«mos em Gôa; ¿ quando é que elle desembarcou? «cuido que na vossa estalagem está poisando.»

D. Affonso (*que tem estado distrahido, e se volta de repente a escutar com a maior attenção*)

¡ Ah !...

Diogo

Para raposo, raposa e meia, dizia o outro. ¡Tate, senhor Diogo — disse eu entre mim. Cerrei-me á banda, e nem palavra. Como viu que não sahia coelho da moita, metteu-lhe o furão por outra parte, dizendo: «Não vos aconselhára eu a que lhe fiásseis do vosso; salvo, se haveis albergaria, para a dar a peregrinos pelo amor de Deus.»

Camões

¿Que respondeste?

Diogo

Mentira não paga siza, e uma mentira acarreta outra; á cautella fui-o enganando; porque a final de contas... Vossa mercê tem seus malquerentes... e poderia aquillo ser espia d'elles, que mulher errada e ladrão nas obras se conhece, e na cara não. «Pois meu amigo, esse tal senhor Camões, não sei «quem possa ser — lhe tornei eu mui descançado; « — esse que vistes entrar na estalagem, segundo «dizeis, pediu ahi uma vez de vinho, bebeu, pagou, «e vístel-o; matalotagem a bordo, caravella ao «mar.»

D. Affonso (*contente*)

Houveste-te como quem és, Diogo honrado. (*Para Camões*) Era, sem falta, espia de Martim Gonçalves. (*Em voz de segredo a Camões*) Não importa; espero que hão-de vir. Dêmo-nos pressa; vou-me ao encontro d'el-Rei. Fica-te. (*Alto*) Até logo, Luiz. (*Vai-se pela porta da esquerda*)

Diogo (*que tambem vai sahindo, diz a Camões*)

Pelo que vejo... andei sizudo.

Camões

Salvaste-me.

SCENA VI

CAMÕES, e ANTONIO

Camões (*dessocegado, passeando no proscenio*)

«Não vos aconselhára eu que lhe fiasseis do vosso». Menos me afronta o dito, do que me magoou o tom, e o olhar, com que o pobre do vendeiro m'o repetiu. Estava-se percebendo que ainda lhe não passára a indignação de me ver suspeitado no crédito. Mais quizera eu esta mão da penna decepada, do que deixar por qualquer via de pagar-lhe. (*Pequena pausa*) ¿Como, porém? estas galas que ora trago, são pennas de pavão postiças, que só

de as olhar me corro. Vendel-as-hei. Mas... não me pertencem. ¡Roubar a Miguel para pagar a Diogo!... (*Com repentina resolução, senta-se á meza e escreve*) Antonio, ouve: se eu acabar n'este desafio de amanhan, vae ter com el-Rei, e lhe apresenta este escrito: (*Lê*) «Deve Luiz de Camões a Diogo estalajadeiro cem cruzados.» El-Rei é generoso, e dobrará o lanço. Será a unica mercê que eu haja pedido... e a ultima tambem que posso pedir, que para me sepultarem lá se haverão como quizerem; ou que me não sepultem; ¿que me dá d'isso? (*Entrega o papel a Antonio, e escreve n'outro papel uma carta*). Este outro... é para a senhora D. Caterina de Ataíde. (*N'este momento apparece D. Caterina á porta do lado esquerdo; Camões não dá logo por ella*).

SCENA VII

CAMÕES e D. CATERINA, *menos* ANTONIO *que breve sai*

Camões (*continuando*)

Quero que ella saiba, que o meu pensamento derradeiro foi seu. Em mão propria lh'o entregarás, e a occultas. (*De repente repara n'ella*; *põe-se logo em pé*) ¡D. Caterina! ¡é possivel!? Antonio, faze vela por fóra d'essa porta, que ninguem entre. (*Antonio sai e fecha a porta. Camões toma a D. Caterina pela mão*).

D. Caterina (*depois de pausa*)

Não me esperaveis...

Camões

Temeria ousar tanto.

D. Caterina

Agora, ¿já não quereis morrer?

Camões

¡E afoitares-te por este escuro da noite! ¡pelo ermo e calado d'essas ruas!...

D. Caterina

¿Que te direi?... Sabía que estaveis desesperado; ¿como querieis que attentasse por mais nada?

Camões

¡Oh! ¡Caterina! ¿Não será isto um sonho?

D. Caterina

¿Maravilhais-vos? com isso contava eu, Camões.

Camões

¿Maravilha? não; é um rapto de bemaventurança.

D. Caterina

¿Em verdade?

Camões

¡Pois duvidais!? com que juramento quereis que vol-o affirme? Por Deus, pelos teus olhos, pela minha espada, pelo meu amor, pela alma de minha mãe, t'o juro.

D. Caterina

Creio, creio.

Camões

¿A que vem esse teu olhar de enleada, gentil Natércia minha? ¿Fallecem-te expressões para me pintares a força do affecto que assim te impelliu, atravéz de tantos riscos, a me vires encantar cá no fundo de tanta miseria? taes expressões não as hei mistér, porque em ti leio como em mim proprio. Não, não serei eu que interpréte em mal este rasgo de feminil heroicidade. Escuta: já póde ser que nunca mais sôe para nós hora de boas fadas como esta; não m'a escureças com vãos receios.

D. Caterina

¡Receios! ¡eu!... Não, não me arreceio de nada.

Camões

¿E de que te havias de arrecear sendo eu comtigo? Entendo: sobresaltou-te o meu alvorôço. ¿Que lhe queres? ¡se te amo tanto, Caterina!...

D. Caterina

Eil-a, eil-a ahi, a palavra de que eu vinha tremendo. Presumia... esperava...

Camões

¿Que do meu amor te não fallasse? E de que outra coisa poderia falar-te eu? procural-a-hia por te apraser; mas... ¡se a não ha!... não, não ha. Só tu d'este coração houveras dó, se agora o visses. (*Vai tomando fogo*) ¿Sereno? ¿placido? Se eu o estivera, cuidaria que estava morto. ¡Frio, quando ao-pé de mim te estou vendo! ¡Frio, quando me digo a mim proprio, ébrio de amor e ufania: «Vê, vê como ella te quer, que para te vir consolar tapou a bocca aos receios e melindres, e nem dos juizos do mundo se lhe deu»! ¿Como queres que não exulte, que não delire de alvoroço, que me não transverbére pelo semblante a felicidade? ¿Tão poucos são os sacrificios que de ti me has feito?!... Continúa; mais; mais; um derradeiro: arrója a máscara;depõe essa tibieza, que não é tua; restitue-me a minha Natércia, as suas palavras namoradas, de endoidecer, as suas branduras, e aquelle sorriso de abrandar penedos. Essas geladas mostras de frieza, deixa-as para aquellas que hão medo de fraquear; ás virtuosas como tu, sua mesma virtude lhes é escudo.

D. Caterina

¡Camões!...

Camões

¿Não sabes, que ao transpôres aquelles hombraes (*apontando para a porta da esquerda*) se converteu este humilde logar n'um templo sacro-santo?

D. Caterina

Camões... ¿quem te não admirará, homem generoso, que entendeste o quanto eu carecia de animada? ¡Bem hajas!... Se, pouco ha, estava duvidosa e indecisa, se resistia aos impulsos do meu proprio coração, que todo se esvoaça para ti... vês-me aqui arrependida. Perdôas-me, ¿não é assim? Escuta-me: vê se me podes entender isto, que te eu não sei explicar: fiz este caminho, andando, ou cor-

rendo, sem pensar em nada, sem reflectir, sustida e empuxada não sei por que mão invisivel. Só áquella porta é que parei; enturvaram-se-me os olhos; retrahi-me, como se diante se me abrira um despenhadeiro. Mil temores, mil escrupulos, que me não occorreram quando me lancei á fuga, aqui me saltearam de improviso. ¿Vês tu? quero que saibas tudo que por mim passou: «¿Que pensará Camões? —dizia eu em mim.—E se elle, vendo este meu arrôjo, me falar do seu amor, ¿que lhe poderei já responder?» Mas comtudo queria ver-te; determinei-me alfim a entrar, a falar antes que me falasses, a dizer-te: «Camões, a que estás vendo não é D. Caterina, é tua irman, tua irman que vem tomar seu quinhão nas tuas mágoas. Não ha cruz sem mulher ao-pé; venho ser eu a mulher da tua cruz.»

Camões

Alma para padecer, tinha-a eu; dae-me outra, Deus meu, para a felicidade.

D. Caterina

¡Que scena, meu Camões! ¡que barbaros! ¡como vos martyrisaram! ¡oh! ¡e quanto mal não quiz eu á minha fraqueza! temi de perder o sizo. E' verdade. Quando te vi sahir tão allucinado, senti atear-se-me cá dentro a desesperação que em ti levavas. Então, é que de mim se apossou um pensamento ousado, um pensamento de mulher (que para ellas não ha impossiveis). «Quem o pode salvar, sou eu—exclamei;—sou eu, e hei-de salval-o.»

Camões

Muitas vezes o hei pensado, mas nunca tanto o senti como agora: ¡que pobre intérprete da alma não é a lingua!

D. Caterina

Se já vos não doem as vossas dores, por bem paga me podeis dar. (*Aponta para a carta que na meza está*). ¿Que me dizieis n'aquella carta? (*Vai para a tomar*)

Camões

¿Pois sabieis?...

D. Caterina

Eu estava alem... (*Aponta para a porta*)

Camões (*com muito affecto*)

¿Ler? não; por mercê, conversemos.

D. Caterina (*pega na carta, e lê-a*)

¡Despedidas!?...

Camões

Sim ; mas esta vida, que eu, pouco ha, daria de barato ao primeiro que m'a quizesse tomar, defendel-a-hei agora, que por vossa, mais que por minha, lhe quero muito.

D. Caterina

¡Oh! bem me dizia o coração que te era entrado um pensamento máu. Medo havia de chegar já tarde; a tua agitação me amedrontava. Eras cá tão longe de mim, ¡e eu lá a ver-te e ouvir-te! Ponto por ponto te podéra referir tudo quanto pelo ânimo te ha passado, desde que te arrancaste do palacio.

Camões (*sorrindo*)

Dize...

D. Caterina

Quando á poisada chegastes, vinheis fóra de vós, fallecia-vos o ar, começastes de correr no quarto a passo cheio, a contar uma e uma as esperanças finadas e as feridas do coração. Logo alçando a voz para amaldiçoar...

Camões

Isso é.

D. Caterina

¿Então? ¿não vos ouvia e via eu?

Camões

¿E ouviste-me tambem bradar por ti?

D. Caterina

¿E não acudi eu? ¿não sou aqui?

Camões

¡Oh!...

D. Caterina (*inflammando-se*)

Não é de hoje, meu Camões, que eu adivinho angustias vossas; muito ha que ando comvosco. Peregrinei por esses destêrros, avergada de vossos pesares e desalento; comvosco pelejei, e fui ferida; comvosco naufraguei; comvosco me carpí todas as horas do nosso apartamento... ¡Oh! que se o descanço e justiça com lagrimas se mercaram n'este mundo, justiça e descanço houvéreis vós ha muito, que bastantes e bem ardentes as derramei.

Camões

N'esta hora devêra eu morrer, que me voava aos Ceos carregado de jubilos e amores. Mil mercês por vossos menoscabos e afrontas, senhores gentís-homens de Portugal. As covardes mãos vos beijo, que assim grangeastes a hora mais doirada de minha vida.

D. Caterina

E eu abomino-os a todos. ¡Desalmados! ¿que lhes havieis feito?

Camões

¿Ainda tu m'o perguntas? ¿Não sabes, Caterina, que um só homem os havia contra mim conjurado, um homem a quem eu ousara dizer que te amava?

D. Caterina

¡Oh! ¡Luiz!...

Camões

¡Barbara pergunta! malvindas palavras foram essas vossas.

D. Caterina

¡Ah! perdoae-m'as... Bem sabeis que vos não quizera eu nunca triste.

Camões

De tudo me estava agora esquecendo; nem odios nem zelos me já lembravam...

D. Caterina

¡Malaventurada de mim!

Camões

Era ás portas do Ceo, e outra vez me despenhaste para a realidade, para o meu inferno. D'aqui a pouco me dirás tu: «Já quer alvorecer... lá vem o dia... é forçado apartarmo-nos... (*Lança-lhe os braços*).

D. Caterina (*assustada*)

Ouvi-me, ouvi-me, Luiz de Camões. Não, não, não... não é possivel; tu não queres por certo uma ventura que me deshonrára; ¡oh que não! mais subido é o teu amor, que o sei eu.

Camões

Não... sim, sim... ¿Mas queres que eu te deixe ir para elle? que te restitua a elle? que...

D. Caterina (*arrancando-se-lhe dos braços, e com um grito*)

¡Respeita a mulher da tua cruz! (*Ouvem-se passos fóra. D. Caterina põe-se a escutar*) ¡Meu Deus!...

Camões (*fogoso*)

Dize: ¿queres alfim deixar-me aqui desamparado?

D. Caterina (*afflictissima*)

Oiço gente... salva-me, Luiz... esconde-me...

SCENA VIII

OS DITOS, ANTONIO, *e logo depois* EL-REI

Antonio (*chegando apressado, e falando a meia voz*)

El-Rei que chega.

Camões

¡El-Rei!! (*puxando pela memoria*) ¡Ah! sim; vem. (*Conduz arrebatadamente a D. Caterina, e a esconde por traz do reposteiro, ou cortinado, da porta falsa ao fundo*).

El-Rei (*detem-se um momento á porta da esquerda por onde vem entrando, diz algumas palavras ao

ouvido de D. Affonso que com elle vinha, a quem o espectador apenas entrevê, e que se ausenta logo. Depois vai direito a Camões).

Esta noite, Luiz de Camões, vim trazido por nosso amigo D. Affonso de Noronha, mais como brigão que sai pelo escuro, que não como Rei e cavalleiro. Algum dia porém virá, em que como Rei, e cavalleiro, e presador de bons engenhos, vos vá procurar em vossa poisada á vista do sol e do mundo, e seguido d'esses cortezãos que nos ultrajaram. Fal-o-hia já amanhan, se não houvera de me partir.

Camões (*conservando-se por toda esta scena em manifesta distracção, cuidando mais em D. Caterina, que em escutar el-Rei*).

Real Senhor, empenhais-me em divida que não pagarei nunca.

El-Rei (*travando-lhe da mão*)

Adiantado m'a havias pago, meu excellente Poeta; antes sou eu para comtigo o alcançado.

Camões

Envergonhais-me, senhor.

El-Rei (*com energia e rapidez*)

Uma só affronta como esta, põe nódoa n'um Reinado; hei-de fazer tudo por laval-a. Acostumaram-se a julgar-me fraco; ¿cuidam que sou ainda um menino, como quando me coroaram em braços de minhas aias? por Deus, que se enganam, e eu lh'o provarei. Eu me farei temido como el-Rei D. Pedro I.

Camões (*á parte*)

Perdida está, e é por mim.

El-Rei

Se não fôra por dar quebra á minha Real palavra, que já a hei dado a Diogo Bernardes, Épico vos nomeára da minha expedição africana.

Camões

Em Bernardes, senhor, acertastes mui bem a vossa escolha.

El-Rei

Ao cantor do Gama quizera eu antes para meu. Não foi porém a escolha minha; foi de quem por ventura preparou a escandalosa scena d'esta noite.

Camões

Talvez... (*A' parte*) ¡Mas D. Caterina ali!!...

El-Rei

Não importa, meu Camões; eu vos fio que mais pública scena, e mais apparatosa, havemos nós de representar para lhes quebrar os olhos; por agora conversemos n'outra coisa. Sabereis que hei determinado gastar comvosco, meu Poeta, o restante d'esta noite, minha derradeira noite em Portugal.

Camões (*aterrado*)

Passar... ¿ que diz Vossa Majestade?... a noite!... porém...

El-Rei

Mil coisas tenho em que praticarmos: segredos que te quero confiar; conselhos que me releva pedir. Não hei hoje cabeça, que per si baste para o semnumero de pensamentos e cuidados que me salteiam.

Camões (*como a cima*)

¿A mim, senhor?

El-Rei

A ti, sim. E antes de tudo: uma reprehensão grave, gravissima, te venho dar.

Camões (*timidamente*)

¿Teria eu a desventura... (*A' parte*) ¡Caterina!

El-Rei

Offendeste-me, e afligiste-me. Quando agora vinha para aqui, perguntei a Noronha pelos teus haveres; respondeu-me encolhendo os hombros. E's homem de caixa, segundo parece...

Camões

¿Que pretende Vossa Majestade que lhe eu diga?

El-Rei

Vejamos ora: podes emprestar-me tres cruzados?

Camões (*confuso*)

¿Já aqui?...

El-Rei (*apertando-lhe a mão*)

Não os tens, meu amigo; não tens tres cruzados. Desde hoje, D. Sebastião e Camões hão bolsa commum. ¿Que se dissera do nosso Portugal por esse mundo, a constar que o Principe dos poetas portuguezes se albergava em Lisboa a par com os paços da Ribeira, n'uma casa de venda, sem mais loiros que uns sêccos e mirrados no alpendre do portal? Já ordenei que nos meus paços te aparelhassem aposento qual a ambos cumpre.

Camões (*inclinando-se*)

¡Senhor... (*A' parte*) ¡E o tempo a correr! ¿que farei?

El-Rei

Em quanto eu fôr ausente, o Cardeal, a quem já te recommendei, cá fará para comtigo as minhas vezes.

Camões

¿Sua Alteza o senhor Cardeal?

El-Rei

Sim, esse; até que praza a Deus tornar-me a nossas terras, que d'essa hora em diante nunca mais te apartarei de mim. Por conselheiro e mestre te haverei; não só amigo.

Camões

¡Eu!...

El-Rei

¿E que outro mais feito para me ensinar a reger Estados? Com a vida que has vivído, deves conhecer os homens de todas as condições, e conheces. ¿E que sei eu d'elles, que vivo solitario, e cercado de um lustroso exercito de inimigos a quem ahi chamam cortesãos, que nem me deixam ver para fóra, nem

que a verdade rompa até ao Throno? Assim se me teem ido mais de vinte annos da vida, que mortos e bem mortos chamára eu, se os não houvera ao menos dado aos livros, em que o espirito se afía como a espada na pedra, e á meditação que me creou brios para as grandes coisas que hei traçado, e que, prazendo a Deus, espero de levar a cabo, mau grado a pusillânimes e invejosos. Sim, tinha o meu aio D. Aleixo de Meneses; mas esse... a velhice lhe enregelou o sangue. N'este conselho que em Cintra houvemos o conheci, que tão gloriosa facção, como esta de Africa, m'a reprovou severo, e m'a agoirou com mil desastres. D. Aleixo de Meneses já não é homem para mim, ou já não sou eu pupillo para elle. A ti quero, meu Poeta, para guia e exforçador, que assaz em teus versos mostraste seres cabal para dizer verdades atrevidas. Quando de façanhas se tratar, oráculo me será o Cantor do Gama: quando de descobrir infortunios para os remediar, dar-me-ha luz o pobre e desterrado de tantos annos, o homem, que, merecendo thesoiros, não teve tres cruzados para emprestar.

Camões

¡Gran principe!...

El Rei

Mal sabes a turbação em que me deixou o triste successo d'esta noite.

Camões

Por Deus, senhor, que vos esqueçais d'isso, como eu, e vos vades a repoisar.

El-Rei

A sanha d'aquelles ruins contra ti, e o que depois vim a saber das tuas desventuras, me abriram os olhos, e me fizeram haver lástima dos que em thronos se assentam, e mais lastima de mim, que tantos annos hei baldado para a ventura dos outros. ¡As angustias de um talento desamparado, desconhecido, negado talvez! ¡as horas que o desalento ou a desesperação lhe faz perder, horas do genio, que são as ricas peças de oiro, com que elle compra a eternidade!! as chagas, que lhe roem secre-

tamente o coração! ¡os abysmos de penas, em que expia a sua gloria, sem ousar a queixar-se por desafôgo! Tudo isso, que são males para que um Rei desça do throno a acudir-lhes, tudo isso, Camões, o aprendi eu já de ti sem que m'o dissesses. ¡Oh! quero-te, quero-te para meu mestre.

Camões (*á parte*)

Está salva. Perante este, pode Caterina apparecer. (*Para el-Rei com fervor*) ¡Oh! Monarcha! muita vez havia eu orado ao Altissimo, dizendo: «Senhor, ¿a que alvo me atirais, que o não enxérgo? ¿Para que são estas dores tão cruas com que me angustiais?» Hoje alfim me dá resposta.

El-Rei

Para apóstolo de glorias te elegêra.

Camões

¡Graças, ó Deus, se miserias minhas hão creado um Rei humano para este Reino vosso!...

Antonio (*que, tendo entrado pouco antes, ouviu os ultimos dialogos*)

¡Bem hajais, Rei grande, bem hajais!

Camões (*como que desculpando-o*)

E' o meu mór amigo, senhor.

El-Rei

Inveja te hei; não seu eu tão rico. (*Antonio vai-se commovido e chorando pela porta da esquerda, quando vem a entrar arrebatadamente D. Affonso*).

SCENA IX

EL-REI, CAMÕES, D. Caterina *ainda atraz do cortinado, e* D. AFFONSO, *que entra á pressa, e fala mysteriosamente com el-Rei.*

D. Affonso

Lá são.

El-Rei

¡ Ah ! já me não lembrava.

Camões (*lançando os olhos para o homisio de D. Caterina*)

¡Ah, meu Deus!

El-Rei (*mui serio*)

Começo a reinar (*Para D. Affonso*) ¿Onde queres que nos postemos?

D. Affonso

Por traz d'esta cortina é a porta que eu disse a Vossa Majestade. (*Vai para correr a cortina*).

Camões (*detendo-o*)

¿Que queres?

D. Affonso

Abrir a escuta.

Camões (*em grande anciedade*)

Não póde ser.

El-Rei (*admirado, para Camões*)

¿Sabes o que n'esse aposento se está tramando?

Camões

Real senhor, commettei ao meu braço o desagravar-vos; vereis se o tenho eu para vos servir. (*Em meia voz e precipitadamente para D. Affonso*) Pela nossa amisade...

El-Rei (*vendo mecher a cortina*)

Alguem está ali escondido. (*D. Caterina corre o cortinado e apparece*).

D. Affonso (*surpreso*)

¡D. Caterina!...

El-Rei (*pasmado*)

¡A esposa de Martim Gonçalves!...

Camões (*aniquilado*)

¡Ah!...

El-Rei (*com acatamento*)

¿Viestes, senhora, consolar o nosso Poeta?

D. Caterina (*de olhos baixos*)

¡Senhor!...

El-Rei

A Camões toca adorar-vos; e a nós, respeitar-vos como a um Anjo. Tamanho mal, feito por homens, só mulher poderia reparal-o. ¿Perdoar-me-heis, porém, o haver quebrantado o vosso asylo?

D. Caterina

Logo o devêra eu ter deixado, apenas ouvi aquellas vossas tão nobres, tão Reaes palavras.

El-Rei

Consenti-me, senhora, vos offereça o meu braço, que, por de cavalleiro, é tambem amparador de damas, e vos acompanhe até á vossa poisada.

D. Affonso

Lembrae-vos, senhor, do que nos ora trouxe aqui.

D. Caterina

Esperarei, senhor. (*Senta-se desfallecida n'um dos escabellos á esquerda. Camões fica de pé junto d'ella. D. Affonso abre a escuta. D. Sebastião põe o ouvido á lerta. Pausa de silencio*).

D. Affonso

Calaram-se.

D. Caterina (*em voz sumida*)

¿Que será?...

A voz de Martim Gonçalves (*no subterraneo*)

¡Ah¡ ¿D. Filippe já se arrepende das suas promessas? ¿em tão pouco tem os meus serviços, que os regateia?

D. Caterina (*levantando-se aterrada*)

¡È a voz de Martim! ¡Grande Deus!...

Camões (*em voz baixa*)

Escuta.

A voz do Embaixador de Castella
(*no subterraneo*).

N'este pergaminho, firmado do proprio punho d'el-Rei Catholico meu senhor, verá vossa Senhoria, senhor Camara, que Sua Majestade o tem em conta de leal amigo, e como tal o présa, e lhe fará mercê, continuando Vossa Senhoria a auxiliar, como até agora, as suas traças.

El-Rei (*em voz baixa e concentrada*)

¡Oh! ¡ignominia!...

D. Caterina

¡Que horrivel é isto!...

Camões (*em voz sumida*)

Escuta, escuta...

A voz de Martim

D. Sebastião lá se vai espedaçar contra o poderío mauritano.

A voz do Embaixador

O seu perdimento é certo.

A voz de Martim

Dizei antes «certissimo». Derrotado o seu exercito, por suas mãos se mataria elle, se primeiro lançadas moiras o não fizeram.

D. Affonso (*baixo a el-Rei*)

¿Metterei dentro a porta?

El-Rei (*baixo, tendo-lhe mão, e mostrando-lhe D. Caterina*)

¿Não vedes quem ali está? (*Fecha a escuta*) Basta, basta; não quero ouvir mais. ¡Que infamia! (*Para Camões, com gravidade*) Camões, lance é este para o teu primeiro conselho. ¿Que farei?

Camões (*respeitosamente*)

Real senhor... Martim Gonçalves é meu inimigo.

El-Rei

Tens razão. (*Depois de reflectir um momento*) Já sei.

Resolvi (*Para D. Caterina*) Senhora, vinde. Até logo, Camões. (*El-Rei offerece o braço a D. Caterina, que lh'o acceita, com uma mesura*).

Camões (*inclina-se, e consegue dizer baixinho a D. Caterina*)

Caterina, até... Volveremos a nos ver.

D. Caterina (*baixo*)

Adeus. (*Saem acompanhados de D. Affonso*).

SCENA X

CAMÕES, MARTIM GONÇALVES *ainda no subterraneo, e logo depois* ANTONIO

Camões (*arremessando-se para a porta da escuta e procurando abril-a*)

Agora sim, que é a pendencia entre nós ambos. (*Descerra-se a porta*). Bom; já nos não separa senão um movel.

Martim (*ainda de dentro*)

¿Que rumor é este? Ao cimo d'esta escada está um almario. Alguem nos escutava. (*Sentem-se os esforços que Martim Gonçalves faz, por traz da porta, para remover o obstaculo*).

Camões

Mettei-lhe o hombro com mais força, senhor Martim Gonçalves. ¿Desandou? ¡parabens!

Martim (*arremettendo de espada feita contra Camões*)

¡Camões!...

(*N'isto acode Antonio pela porta da esquerda, ao tempo em que Martim sai do subterraneo, e arremette contra Camões. Antonio chega a tempo de tomar com a mão esquerda o braço de Martim, arrancar-lhe a espada e quebral-a*).

Camões

Deixa-o, Antonio, Deixa-o.

Martim

¿Estivestes a escutar-me?...

Camões

Ouvi tudo. Antonio, fecha aquella porta; (*apontando para a da esquerda*) e esta (*apontando para a do fundo*). Bem. Senhor mui leal Secretario d'el-Rei, agora só Deus é que nos pode ouvir.

Martim

Para um duello cuido que me reptais.

Camões

¿Continuarmos a viver ambos será coisa possivel? ¿que vos parece?

Martim

Não. Um dos dois ha-de morrer. Só necessito de uma hora.

Camões

¡Uma hora! Nem um minuto.

Martim

Já vol-o disse: antes de uma hora não posso. ¿Que mais quereis? ¡se vos empenho minha palavra!

Camões (*á parte*)

¡A sua palavra! ¿pois tambem este empenha a sua palavra? (*Alto*) Essa palavra, senhor Martim, que vós quereis vos aceite, a mesma deve ser que a el-Rei déreis de o servir com lealdade. ¡Offerecer-me a sua palavra!!... Defende-te, traidor... (*Vai arrebatadamente lançar mão da espada, que tem pendurada com o escudo*).

Martim (*friamente*)

¿Não vedes que estou sem armas? (*Aponta para a espada quebrada*).

Camões

¡Quebrada! ¿que fizeste tu, Antonio?!

Martim

Este desafio é tão meu como vosso; uma hora de di-

lação a nenhum de nós demoverá de seu proposito.

Camões (*reprimindo-se, e entregando a espada a Antonio*)

Toma-me esta espada, que hei medo de mim.

Martim (*querendo sahir*)

D'aqui a uma hora...

Camões

Devagar, devagar. Comvosco pretendo eu ir, senhor Martim, se dais licença. Esperarei, sim, mas em vossa casa.

Martim

Sou contente. (*Vai sahindo pela porta da esquerda*).

Antonio (*para Camões*)

¿ Ireis ?

Camões

¿Por que não?
(*O restante da scena declamado com a maior velocidade*).

Antonio

¡Se vos armasse uma cilada !?...

Camões

Pois vem tu comigo. Não se matam á falsa fé dois homens como nós outros. (*Saem rapidamente pela esquerda*).

Cai o pano

ACTO IV

Sala em casa de Martim Gonçalves da Camara. Uma porta no topo, outra á direita, duas á esquerda. Entre as duas da esquerda bufete antigo de coiro da India, lavrado ao redor de folhagens de oiro; cadeiras de espalda de sola, e de seda. Nas paredes, colgadas de guadamecins, se vêem os retratos dos Reis de Portugal até D. Sebastião. Aos cantos da casa talhões de loiça do Japão com suas tampas pyramidaes.

SCENA I

MANUEL, *passeando*

Ruim condição é esta de pagem. O senhor Martim Gonçalves esta noite não ha grande pressa de se tornar para a poisada. (*Breve pausa*). Parece-me que os informes que lhe eu trouxe do tal Camões não deixaram de lhe agradar. ¡O diabo do estalajadeiro! ainda o estou vendo, com os dentes emperrados, e com medo de se descoser. Pois não foi á míngua de cordeal... que bem bons copos d'elle lhe embutí. Mas toda essa relé de taberneiros assim é: hão-de-vos beber um almude, e coisa de se deixarem lograr... ide-vos, irmão, a outra porta.

SCENA II

MANUEL, e PAULO

Paulo (*descerrando a porta do fundo, e bocejando como homem enfastiado*)

¿Estás ahi, Manuel?

Manuel

¿Pois onde? ¿não vês que estou á espera?

Paulo (*entrando*)

Tambem eu. O nosso quarto de véla vai-se hoje dilatando; a modo... que já as pestanas me carregam...

Manuel

Pois sim, sume-te, que pode Sua Senhoria vir.

Paulo

Dizei-me cá vós: ¿que vos parecem estas novidades?

Manuel

¿Quaes novidades?

Paulo

Ainda agora, estava-me eu ali á janella, por signal a contar as estrellas, para me divertir, quando vi atravessarem o Terreiro do Paço... ¿quem? adivinhae quem.

Manuel

¿Que sei eu ?

Paulo

A nossa ama a senhora D. Caterina, e dois cavalleiros. Como chegaram ao saguão da escada que vai para os aposentos da Rainha, entraram todos tres.

Manuel

Estavas a sonhar, meu Paulo.

Paulo

Dizei vós logo que estavamos a sonhar, porque o Rodrigo, que era ao-pé de mim, tambem sonhou o mesmo.

Manuel

¡ Ah !...

Paulo (*bocejando*)

D'ali a nada tornaram a descer, porém já sós os dois, que eu muito bem conheci.

Manuel

¿Conheceste-os ?

Paulo (*bocejando*)

Conheci. Bem sabeis que eu cá d'esta frontaria do Terreiro do Paço vejo um mosquito em Almada; e mais, a fogueira de San-João á porta do Paço estava bem experta. Um, assim Deus me ajude, como era o senhor D. Affonso de Noronha.

Manuel

¿E o outro?

Paulo (*coçando a orelha*)

O outro... o diabo me leve se não era el-Rei em corpo e alma.

Manuel

Vae-te d'ahi, cabeça de grou.

Paulo

¿Faz-vos confusão? é o mesmo que a nós nos succedeu. O que vos eu posso dizer (*bocejando*), é que as taes duas figuras lá se foram ambas pelas escadas dos aposentos d'el-Rei, sem que a véla que era em baixo as detivesse.

Manuel

Conto é esse, para se rir com elle um disciplinado.

Paulo

Antes é um conto de proveito como os do livro do Trancoso, e serve para provar que toda a gente gosta de ir á rua quando faz bonita lua. E' exquisito; ¿ pois não é? (*Boceja*)

Manuel

E', sim. Mas torna-te para a janella; vae-te entreter a olhar para as luminarias da armada.

Paulo

¡Quaes luminarias! já se apagaram todas. Estou aborrido. (*Pausa*) ¿Como se chama aquelle? *apontando para um dos retratos*)

Manuel

¡Eu sei cá!

Paulo (*apontando para outro*)

¿E aquelle?

Manuel

¿Não me deixarás?

Paulo (*olhando para outro*)

Cá este conheço eu. Está bem pintado.

Manuel

¡Podéra! Quem os fez todos foi o Francisco de Hollanda.

Paulo

Não ha duvida: é el-Rei. E' tudo quanto sei da Historia. (*Boceja*).

Manuel

N'isso és tu como muita gente boa.

Paulo

Uma coisa, amigo Manuel, quizera eu que me dissesseis; pois entrais nos secretos de nosso amo, e nosso amo nos d'el-Rei, e el-Rei nos do diabo.

Manuel (*inchando com o elogio*)

Direi, se souber.

Paulo

¿Como foram uns agoiros que houve antes d'el-Rei nascer? coisa medonha, em que toda a gente fala agora por ahi; mas cada um os conta a seu modo. (*Assenta-se em um dos espaldares repetenado, e avrindo a bocca para o tecto da casa*).

Manuel

Sim, quando foi das festas pelo casamento do Principe D. João, pae d'el-Rei, viu-se ahi no ceo, por cima da Sé, muitas noites, um fogo em forma de ataúde, sepultura, ou o que quer que fosse.

Paulo

Não é isso; é um caso de uma phantasma...

Manuel (*com importancia balôfa de sabio mais velho*)

¡Ah! sim, é verdade: diz que se estava a mãe d'el-

Rei já recolhida ao leito, e viu entrar pelo aposento uma dona alta, a quem não conheceu, vestida de dó, com mangas de pontas e touca larga...

Paulo (*levantando-se*)

¡Abrenuncio !!...

Manuel

Veio vindo.... vindo.... calada.... até se lhe pôr diante; e então... deu um trinco com os dedos, e logo um assôpro para o ar, como quem diz: «Todas tuas esperanças hão-de parar em vento.»

Paulo

¿E d'ahi ?

Manuel

Sumiu-se.

Paulo

¡Altos juizos de Deus! ¿E a dos Moiros?

Manuel

Essa então, não foi só a Princeza que a viu (muita vez o tenho ouvido ao senhor Martim Gonçalves) ' viu-a a Marqueza de Navarrèz, viu-a a Princeza de Ascoli, e viram-n-a outras muitas Moças da camara. Estavam por noite na varanda da pella a praticar mui bem descançadas, senão quando vêem sahir pela varanda d'el-Rei, direitos ao forte do caes, grande quantia de Moiros com albornozes de diversas côres, e tochas acezas nas mãos, tudo a bradar: Ly, Ly, Ly...

Paulo

¿O quê ?

Manuel

Perguntae-lh'o lá. E chegando se ao mar, se lançaram n'elle. Mandou-se ver a porta por onde eram sahidos, achou-se fechada; do que, el-Rei D. João III, que santa gloria haja, e a senhora Rainha D. Caterina, que Deus Guarde, houveram grande turvação; e mandaram que em tal se não falasse, como a mim m'o contou o nosso amo o senhor D. Martim.

Paulo

¿E que vos dizia elle sobre isso?

Manuel (*em confidencia*)

Aqui para nós: ou se a alguem o contares, não me faças autor, nem boquejes n'elle...

Paulo (*bocejando*)

Está visto. Um homem não ha-de ser nenhum cesto rôto.

Manuel

Pois aquillo tudo o que significava, é que o filho que estava para nascer...

Paulo

¿O senhor D. Sebastião?

Manuel

¿Pois quem? ¿eu?... havia de vir a ter muito triste fim.

Paulo (*bocejando*)

¿Sabeis o que vos digo? que me tomára já na cama.

Manuel

Pouco tardará; mas vae-te, que pode elle chegar. (*Vai-se Paulo pela porta do fundo*).

SCENA III

MANUEL *só*

Grande coisa é ser um homem pagem dos segredos, e braço direito tambem ás vezes, de um Escrivão da puridade. Deixae caçar a furôa, que ainda algum dia espero de andar em ginete quebrando as pedras d'essas ruas.

SCENA IV

MANUEL, e PAULO, (*que torna pela mesma porta*)

Paulo

E' verdade: ¿quereis ouvir uma trova que inda agora armei, estando ali a olhar para a fogueira?

Manuel

Não.

Paulo

Pois vêl-a aqui:

Nunca a eu passei assim,
a noite de San-João,
¡ai ai do meu coração!
¡Oxalá que Dom Martim
al de menos me mandara
ir quebrar alguma cara!

Manuel

St.... Essas coisas fazem-se quando é preciso, mas não se dizem, basbaque. Vae-te, que alguem chega. (*Vai-se Paulo por onde entrára*)

SCENA V

MANUEL *e* D. CATERINA,
que entra precipitadamente pela 1.ª porta da esquerda.

D. Caterina *(a Manuel)*

Dizei-me: ¿o senhor Martim Gonçalves está no seu aposento?

Manuel

Senhora, não.

D. Caterina

¿Não? (*A' parte*) Encontrou-se com Camões.

Manuel (*respeitosamente*)

¿Nenhuma coisa ha Sua Senhoria que me ordenar?

D. Caterina

Não; podeis-vos ir. (*Vai-se Manuel pela porta do fundo*).

SCENA VI

D. CATERINA, e pouco depois MARTIM GONÇALVES

D. Caterina (*em grande anciedade*)

¡ Oh meu Deus! ¡meu Deus! fortalecei-me. ¡ Que incerteza! é morrer... Não posso... A estalagem de Diogo é longe, mas não importa; arrastar-me-hei até lá. Não sei que é das minhas fôrças; hão-m'as gastado estes abalos tamanhos de terror. Todavia, vamos... inda que a vida me custe. (*Vai para sahir pela porta do 1.º plano á esquerda, quando subitamente a abre Martim Gonçalves, e entra*).

Martim

¡D. Caterina!

D. Caterina (*assombrada*)

¡ Senhor Martim!

Martim (*ironico*)

Dormida vos cuidava eu já de muito, senhora minha.

D. Caterina (*á parte*)

¿Veria a Camões?

Martim

¿Que sorte vos trouxe ora aqui?

D. Caterina (*hirta e immovel*)

Não sei.

Martim

¡ Oh! ¡ que gracioso não saber! Vejo porém que haveis custo em vos ter em pé; assentae-vos, que vol-o peço. (*D. Caterina obedece, quasi inconscientemente, e sem encarar com o marido, senta-se á direita*). Successo grande havia de ser o que a taes deshoras vos trouxe a este aposento, onde nunca entráreis, que eu saiba; dizei-m'o, dizei-m'o, que sou curioso.

D. Caterina (*em voz débil*)

Não posso.

Martim (*insistindo*)

Vamos; ¿que me vinheis dizer? que haveis ¿para me pedir?

D. Caterina

Queria...

Martim

Com pouco vos sossobrais, senhora; falae ora rasgado: esperaveis achar franca esta sahida; ieis-vos a Luiz de Camões. (*D. Caterina faz um leve movimento de impaciencia; Martim Gonçalves continúa com insistencia cruel*) Conheço-vos, senhora: animosa sois, e arrojada em cumprir as vossas phantasias; para o gôsto de estar com o vosso poeta, pouco vos dá de hora e sitio. D'elle, só, me espanto, que, blazonando de cavalleiro, apraza á mulher de um Escrivão da puridade para uma taberna. Semprei cuidei que só rascôas e palafreneiros, ou rameiras e mandís, se apalavrassem para covís taes. Se donas honradas e gentís-homens lh'os vão tomar, ¿que será d'elles?

D. Caterina (*levantando-se*)

¡Senhor!..

Martim

Tempo é de pôr termo a taes vergonhas, senhora. Se até agora vos hei deixado livre, sem me intrometter com as vossas chiméras loucas, foi (bem o sabeis) com a clausula de não enxovalhardes nunca a minha nobreza...

D. Caterina (*recuando repentinamente*)

¡Santa Virgem!...

Martim (*continuando*)

... de me não tornardes alvo, como outros, a motejos de cortezãos.

D. Caterina (*com um grito*)

¡Vossa espada, senhor! sem espada vindes...

Martim (*fingindo-se admirado*)

¿A minha espada?

D. Caterina (*no auge de consternação*)
¡Vindes de brigar!

Martim
¿ Com quem?

D. Caterina
Uma só palavra: ¿Camões ficou morto?

Martim (*com voz abafada*)
Ainda não.

D. Caterina (*vacillando*)
¡Morrer elle sem eu o ter pressentido! chamar-me-hão todos a homicida de Camões...

Martim (*com desprêzo*)
Louca sois.

D. Caterina (*supplicante*)
Serei o que quizerdes; ¿mas Camões? ¿Camões?

Martim
¿ Estou eu aqui, para que do vosso rufião me inquirais vós ?

D. Caterina (*animando-se*)
¡Meu rufião, senhor Martim !!... ¿Já não póde uma mulher admirar, como todos os homens, a Luiz de Camões, sem ser adúltera ? ! Meu rufião !!!... (*Martim Gonçalves meneia os hombros a modo de enfadado*; *D. Caterina continúa*) Escutae-me : renegar o meu amor fôra covardia. Sim; já antes que me esposasseis o amava. ¿Não o sabieis? ¿não vol-o declarei? ¿não vol-o protestei? ¿não me carpi supplicante aos vossos pés? ¿não vos pedi? ¿não orei a vós, a vós, a vós, de mãos postas, que me não roubasseis áquelle a quem nem eu mesma podia já roubar-me se o quizesse ?

Martim
Basta, basta, senhora.

D. Caterina (*cada vez mais fogosa*)
Não basta. Hei-de falar, e heis-de ouvir-me. Insul-

tastes-me... calei-me; suppliquei-vos... repulsastes-me; rogos para comvosco bem sabía eu já que eram baldados. Mas vós mesmo... (respondei-me agora que vos interrogo) ¿sois vós irreprehensivel? Julgae-vos; mettei a mão na consciencia, encarae-me, e respondei. ¡Julgais-vos com jus de accusar? ¿de pôr a ninguem ferrete de ignominia? Perguntastes-me ha pouco se me ia eu á poisada de Camões; respondo-vos agora que para lá torno; que uma hora não ha ainda que eu lá estive ao lado d'elle.

Martim (*travando-lhe dos hombros, e apertando-a com furia*)

¿Não mentís?...

D. Caterina (*continuando*)

E vós, tambem, vós tambem, vós lá ereis; toda a differença foi, que eu... eu sahi pura, eu respeitei, eu defendi a vossa honra, Martim Gonçalves, n'aquella mesma taberna, onde vós.... vós acabaveis de a vender pela bolsa de Judas.

Martim (*á parte, aterrado*)

E' necessario que esta mulher desappareça. (*Vai á porta do fundo, abre-a, e chama em alta voz*) Manuel...

D. Caterina

¡Oh! bem sei o que me espera. ¿Que me dá a mim da morte? Parte, e a melhor parte de mim... já não existe.

SCENA VII

OS PRECEDENTES *e* **MANUEL** *apparecendo ao fundo*

Martim (*para Manuel*)

Manda dizer, em meu nome, a minha sobrinha a senhora Dona Abbadessa de Nossa Senhora da Rosa, que faça prestes logo logo uma cella para sua tia a senhora D. Caterina, que deseja de se retirar do mundo. (*Manuel inclina-se respeitoso, sai, e fecha de novo a porta*).

SCENA VIII

OS PRECEDENTES menos Manuel

D. Caterina

¡Para o convento da Rosa!

Martim

Socegae, que vos não matarei.

D. Caterina

¡Bem hajais, que me sumís n'um sepulcro, onde me fartarei de orar... por elle.

Martim

Antes orae a Deus que vos acuda.

D. Caterina

E ha-de acudir-me. Camões ha-de ser vingado. (*Sai pela direita; Martim Gonçalves, que a seguiu, fecha a porta, e volta para a scena*).

SCENA IX

MARTIM GONÇALVES só, e na maior perturbação

Sim, mas... ¿que monta? Na Rosa é como se estivera soterrada. Eu farei com minha sobrinha que nem o sol haja novas d'ella. Se não bastar isso, a todo o tempo é tempo. Agora, a Camões. Esta mulher me ha perturbado; em nenhuma coisa me dou já por seguro. Avante que não quero fraquear; nem que o quizera, via já por onde retroceder. ¡Ah! se ninguem me espreitou senão Camões... em meu poder está; ali (*apontando para a 2.ª porta da esquerda*); elle, e o seu captivo. Saibâmos que lhes farei, que é n'esta hora todo o ponto.

SCENA X

MARTIM GONÇALVES, e MANUEL, *que torna apparecer na porta do fundo.*

Manuel

Já lá vai o recado.

Martim

Achêga-te. (*Aproxima-se Manuel*). Saberás, mesquinho de ti, que te deixaste burlar do estalajadeiro Diogo. D'ahi se engendrou um grande contratempo, que bem sobejos males dará de si, a não lograrmos atalhal-o. (*Pausa*) ¿ Que homens temos ahi?

Manuel

Ahi está o Paulo; e não pode tardar o Rodrigo, que eu mandei ir mui açodado ao mosteiro com o aviso de Sua Senhoria.

Martim

Bem. Saberás que fui afrontado de um homem.

Manuel

¿Onde o colheremos ás mãos?

Martim (*apontando para a 2.ª porta da esquerda*)

Além está; fala baixo.

Manuel (*em voz baixa*)

¿ E' o Camões?

Martim

Sim.

Manuel

¿Em que logar mandais que vol-o acabemos?

Martim

Aqui.

Manuel (*pondo a mão na espada*)

¿ Já ?

Martim

Não ; releva que primeiro lhe fale. (*Tomando a espada de Manuel*) Buscarás outra espada para ti. (*Põe a espada em cima da meza*). Deixarás a porta mal cerrada, para que um ao outro nos possâmos vêr. Em eu pondo a mão n'este ferro...

Manuel

Acorreremos. Entendi. (*Sai pela porta do fundo, deixando-a mal cerrada*).

SCENA XI

MARTIM GONÇALVES, e CAMÕES, *que abre a 2.ª porta da esquerda, e entra.*

Martim

¡Já, senhor Luiz de Camões!

Camões

¿Sois prestes, senhor Martim Gonçalves?

Martim

Ainda a hora não passou.

Camões

Apressae-vos, por mercê, que ao romper d'alva deve vosso sobrinho achar-me vivo ou morto. (*Quer tornar-se por onde viera*)

Martim (*em tom frio, detendo-o com o gesto*)

Antes que nos apartemos, uma supplica vos quizera eu fazer.

Camões (*impaciente*)

Ouvirei.

Martim (*pausado e com intimativa*)

Primeiro que entremos ao desafio, folgára de saber se ha outrem, além de vós, que saiba o que entre mim e o Embaixador de Castella se ha praticado.

Camões

Lá vol-o direi com a espada na mão; vinde.

Martim

Irei, quando me hajais respondido.

Camões

Attentae por vós : ahi por perto andam servos vossos; se tardais, falo; e será de maneira que me oiçam elles.

Martim (*levando da espada que posera em cima da meza, e com fala soterrada*)

Então... morre.

A voz d'el-Rei (*lá fora*)

Annunciae-me a Martim Gonçalves da Camara.

Martim (*sobresaltado*)

¡El-Rei!... (*Para Camões, com olhar fulminante*) Agora entendo a vossa valentia.

Camões

Por minha fé, como eu não adivinhava que vinha aqui el-Rei. Como quer que seja, tornar-me-heis a ver. (*Procura por onde saia*).

Martim (*abrindo a porta do 2.º plano á esquerda*)

Por aqui. (*Camões sai por ella ; Martim torna a fechal-a á pressa, dizendo*) Tens razão; não me deves escapar. (*Logo depois encaminha-se para o fundo, d'onde se ouviu a voz d'el-Rei*).

SCENA XII

MARTIM GONÇALVES, EL-REI, D. AFFONSO DE NORONHA e dois Cavalleiros, entrando pela porta do fundo

Martim (*com profunda cortezia*)

¡Vossa Majestade, senhor, n'esta humilde estancia!

El-Rei

Negocio me traz, em que não vai pouco á salvação do Reino.

Martim *(succumbido, mas forcejando dominar-se)*

Confuso me tem Vossa Majestade. ¿Dar-se-ha que os Infieis de Berbería se nos antecipassem?

El-Rei

De Castella, e não de Africa, nos vem o perigo.

Martim

¡De Sua Majestade Catholica!

El-Rei

Sim. D. Filippe II meu tio parece necessitar de mais imperio. Grande sería para outras cabeças aquella corôa; a elle, vai-lhe estreita; carece de a acrescentar com mais alguma. Mau grado á pericia e valor de seus capitães, e ao amparo que lhe dá Roma, sabe que para além dos Pyrenneos agro lhe sería o ir buscal-a; voltou logo os olhos para esta parte. Traça fazer honra e mercê a Portugal, com lhe dar foros de provincia castelhana. ¿ Que dizeis do projecto, Martim Gonçalves ?

Martim (*balbuciando*)

¿Já vos declarou a guerra ?

D. Affonso (*não podendo conter-se*)

¡Oh! não; bem o sabeis, senhor Escrivão da puridade. El-Rei D. Filippe, o Prudente, não o ousaria.

El-Rei

A' fé que não. Dizer-vos quero o que ha feito aquelle politico profundo. Exforçou-me quanto poude no meu propósito de cingir armas contra os Infieis; aconselhando-me a que, para dilatação da Fé e augmento de meus Estados, passasse eu em pessoa os mares á frente de meu exército; offerecendo-me até gente e dinheiro para tão santa e gloriosa empreza. Depois, recommendou secretamente ao seu Embaixador, que a todo o custo lhe careasse boa quantia de partidarios poderosos em Lisboa. O Embaixador houve n'este negocio boa mão, e melhor fortuna, pois achou entre os de minha Côrte e Casa, segundo parece, alguns *descontentes*; e d'estes ruins de contentar fez elle a poder de promessas muito bons traidores.

Martim (*aniquilado, e á parte*)

Tudo sabe. (*Alto, mas em voz incerta*) O Embaixador... ¿está prezo?

El-Rei (*sorrindo*)

Deixei-o ir.

Martim

E os complices... ¿conhece-os Vossa Majestade?

D. Affonso (*baixo a Martim*)

Não vos dê cuidado, que hão-de ser colhidos.

El-Rei

Os tramas e projectos, as ambições e esperanças d'esses revéis infames, tudo nos veio, mercê de Deus, ao conhecimento. Tão horrivel, tão abominosa e tôrpe, tão vil e esquálida, é essa teia cerrada de ingratidões, de traições, de cubiças, de venalidades, de desvergonhamentos, que me pejára eu, senhores Cavalleiros, de vol-a desenrolar aqui. (*Para D. Affonso*) Falae vós por mim, D. Affonso de Noronha, mas breve.

D. Affonso

Sabe-se que de Castella se hão passado á Africa procuradores e agentes secretos. Sabe-se que para lá foi com elles oiro d'el-Rei D. Filippe II alvorotar, armar, e reunir em conjuração, os quietos moradores dos aduares, e converter as alhelas em outros tantos exercitos.

Martim (*considerando de revéz o aspecto d'el-Rei*)

¡Ah!...

El-Rei

Escutae, escutae.

D. Affonso

Sabe-se que, tanto que se romper a nova de ser morto em Berbería el-Rei nosso senhor D. Sebastião que Deus Guarde, (pois el-Rei e sua fidalguia tudo lá deve ficar), o Duque de Alva se ha-de pôr em marcha para Lisboa, a qual (sabe-se tambem) lhe ha-de abrir as suas portas.

El-Rei

¿Estamos bem informados, Martim Gonçalves?

Martim

Senhor...

El-Rei (*para os Cavalleiros*)

Se a deshoras vos mandei chamar, senhores Cavalleiros, se vos hei trazido a casa do meu Secretario Martim Gonçalves da Camara, foi para o accusar perante vós do crime de alta traição. (*Sussurro geral, com grandes mostras de espanto*). Sim, senhores Cavalleiros, esse homem, carregado de minhas mercês, e já herdeiro das de meus antepassados, esse que ahi vedes, é quem ha promettido a Castella as chaves de Portugal. E' o Martim de Freitas da deslealdade.

Martim (*ousando um supremo exforço e falando altivo*)

Mas... ¿quem é que me accusa?

El-Rei (*indignado*)

Não negueis. ¿Inda de infamias vos não basta? ¡Quem vos accusa! accuso-vos eu, el-Rei; ¿será bastante? ¿Não ouvi eu tudo? ¿D. Affonso não vos repetiu ahi as vossas proprias palavras? ¿Que mais vos é mistér?

Martim (*de cabeço baixa*)

¡Senhor!....

El-Rei

Ainda hontem refusava eu dar crédito a tamanha perfidia; meu Reino, e minha pessoa, fiava d'elle tudo. (*Para Martim*) Podia, Martim, mandar-te amarrar n'um pelourinho, mandar-te açoitar pelo algôz; mas salvam-te os nomes que has herdado. Agradece a teus paes, que tiveram virtude para supprir a tua; agradece á tua honrada esposa, a quem me não cabe fazer afronta. Vae-te para D. Filippe, que lá te chama; dize-lhe que a tua traição, descoberta no proprio dia da minha partida, me não demoveu do proposito; dize-lhe que el-Rei de Portugal vai pelejar pela honra de Deus, e Deus protege os seus pelejadores. Vae, vae pedir

a D. Filippe que te dê uma poisada e familia, em desconto das maldições de todo um povo, e do ferrete indelevel que na fronte levas. Lá verás o que te elle atira. Portugal é de ora avante para ti terra estrangeira e inimiga; o dia que a ella volvesses, podera-te ser o derradeiro. Descobre-te, villão, na presença do teu Rei, e acompanha-nos até á sahida de tua casa. (*Saem todos pela porta do fundo*).

SCENA XIII

CAMÕES, *que ouviu tudo, e sai da 2.ª porta da esquerda*; *logo depois* D. CATERINA

Temi que o mandasse el-Rei encarcerar. ¡Oh verdadeiramente Real mancebo, que m'o deixaste para mim! ¡Caterina! ¡Caterina! amanhan por ventura já te despertarás liberta. A estas horas deve ella estar na sua camara; como D. Sebastião a acompanhava chegou por certo san e salva. Deus grande, Senhor e Ordenador universal, Vos, a quem eu muita vez hei offendido, mas que nunca reneguei... Deus meu, ¡protegei-m'a!

A voz de Caterina (*chamando da direita debilmente por traz da porta que Martim fechou á chave*)

Camões!...

Camões

Alguem me chama.

A mesma voz

¡Camões!...

Camões

¡Outra vez! é a voz d'ella; ¿onde estará? ¡Ah! esta porta. (*Abre a porta da direita*; *apparece D. Caterina*).

Camões

¡Caterina!

D. Caterina

¡Camões! Não me enganei; sois vós; ¡vivo! ¡illezo!

(*Cahindo em joelhos*). Eu vol-o agradeço, Deus bom, Deus misericordioso...

Camões (*erguendo-a*)

¿ Como te encontro eu aqui, alma da minha vida ? para a estancia da Rainha cuidei que te levava el-Rei...

D. Caterina

Levou, mas eu não pude estar; morria, se não sahisse. A lembrança de te haveres lá ficado na estalagem onde era Martim Gonçalves... aterrava-me. Sahi como louca, para vir aqui... para ir lá... para saber... Quando entrei, ainda elle cá não era; chegou logo. ¡Não trazia espada! foi para mim um raio aquella vista; dei-me por perdida; figurou-se-me estar-te vendo aos pés d'elle... por sua mão traspassado... nadando no teu sangue... arquejando, moribundo, morto. ¡Ah!..

Camões

¡Triste Caterina!

D. Caterina

Sim, triste, e bem triste. Era horrendo aquillo. Pedi-lhe a verdade; não m'a disse; então é que de todo perdi o sizo.

Camões

D'aqui avante, nada mais receies.

D. Caterina

Não receio, não, que tu me has-de defender.

Camões

Martim Gonçalves é degradado; recebeu ordem de sahir de Lisboa esta propria noite.

D. Caterina

E eu... fico.

Camões

Caterina, escuta; não percâmos um instante; Martim deve estar chegando; é necessario fugires.

D. Caterina

Sim.

Camões

Vae; o meu Antonio te guiará; ali está elle.

D. Caterina

¿E tu?

Camões

Breve serei comvosco.

D. Caterina

¡Partir, só!? não; sem ti... não. Decide; mas vê que em tuas mãos me tens a vida.

Camões

Hei jurado aguardar por elle.

D. Caterina

Ficais-vos para vos matar com elle; ¡bem m'o agoirava o coração! Mas se tu morres, Luiz, se morres... ¿que será de mim? ¿Escolhes deixar-me sem amparo entregue ás suas iras? ¡Oh, Camões! n'esta hora, em que eu esqueço tudo, não me fales em juramentos d'esses, ou direi que nunca me houveste amor.

Camões

Mas dirá elle, que tive medo.

D. Caterina

¿Que te importa? ¿curo eu do que elle poderá clamar contra mim em me sabendo fugida?

Camões

Caterina, ¿e a minha palavra?

D. Caterina

Pois bem: aguardal-o-hei eu tambem; mas lembre-te sempre, que por não quebrar um ponto na tua soberba, causas a morte a quem te queria mais que a tudo, e que a si mesma.

Camões

¡Ai! poupa-me, Caterina...

D. Catherina

¿Não sabes o que me espera? o cárcere de uma cella, quando menos.

Camões

Tens rasão: a sua vida d'elle não vale o risco grande em que te eu punha.

D. Caterina

¡ Aventurar uma existencia como a tua !...

Camões

Sim, sim, cheia d'ora avante de esperanças e alegrias. Sacrilegio fôra, que nem Deus me perdoára.

D. Caterina

¡Obrigada, Camões! ¡obrigada de alma e coração! Conta com uma companheira para os dias atribulados. Ama-me, ama-me muito, e sempre; ama-me como eu te amo, que mais ninguem tenho já n'este mundo senão a ti.

Camões (*abrindo rapidamente a 2.ª porta da esquerda, chama*)

¡Antonio! (*Apparece Antonio; Camões vai para elle, e diz-lhe em voz baixa):* Fica-te, e dize a Martim Gonçalves que breve farei volta, e serei aqui. (*Sai com D. Caterina pela 1.ª porta da esquerda*).

SCENA XIV

ANTONIO, e logo depois MARTIM GONÇALVES

Antonio

Era tempo.

Martim (*entrando pelo fundo, e á parte*)

Lá veremos, D. Sebastião, qual de nós ha-de entrar primeiro em Lisboa. Agora, vamos a isto. Já tenho na emboscada os meus dois valentes. (*Vai abrir a 2.ª porta da esquerda*) Prestes sou, senhor Camões.

Antonio (*adiantando-se*)

Já lá não está.

Martim (*revirando-se*)

¿ Quem falou ?

Antonio

Eu.

Martim

¿Quem és tu?

Antonio

Olha-me bem, e a ti mesmo te responderás.

Martim

¡Insolente! ¿a que és vindo?

Antonio

A defender meu senhor, se fôr mistér.

Martim

Mentes: Camões não se ausentou; fugir á hora de um duello, feito sería de mui vil covarde.

Antonio (*tendo um impeto para se arremeçar a Martim, e reprimindo-se*)

Uma injuria tua... nada é.

Martim (*indo á porta da direita que diz para o quarto em que havia encerrado a D. Caterina, e achando-a aberta*)

Agora entendo : Camões fugiu, e tu ficaste para demorar a quem o houvesse de seguir. Elle não foi só; bem está; hão-de tornar. A porta onde aquella escada vai dar está fechada. Escuta... (*Ouvem-se passadas*).

Antonio

¡Ah! Já tornam. (*Vai para matar a Martim Gonçalves*). Não quero que te achem vivo.

SCENA XV

MARTIM GONÇALVES, ANTONIO *no 2.º plano*, CAMÕES, e D. CATERINA

Camões (*sustando a furia de Antonio*)

Detém-te, homem desacordado...

Martim

Agora eu; á vossa espera estava, senhor Camões.

Camões

Vamos.

D. Caterina (*interpondo-se e segurando Martim*)

Não saiais, Camões, não saiais, que vos matam.

Martim (*repulsando D. Caterina, que logo cai no chão desmaiada*)

Deixae-me (*Para Manuel, que apparece na porta do fundo*). Mais luzes; vinde.

(*Manuel desapparece. Camões vai para erguer a D. Caterina; de repente muda de pensamento, corre para Martim Gonçalves, toma-o fortemente pelo braço, e o leva á força para a porta do fundo*).

Camões

Agora, só um raio nos podéra separar. (*Saem ambos de tropél; Antonio os segue*).

Cai o pano

ACTO V

Aposento apertado e pobrissimo, onde assiste Camões, na visinhança da Egreja de Sant'Anna. A' direita a porta da entrada; á esquerda outra, como de alcôva, com uma cortina rôta. No tôpo uma janellinha elevada, de rótula, com poiaes de pedra, e seu degrau alto entre elles. A' direita, no 1.º plano, uma banca de pinho lascada e côxa, coberta de papeis, com tinteiro e uma vela aceza em palmatoria de barro. Na parede do lado oppôsto, o escudo do Acto III, mas sem a espada; por cima o Crucifixo. Um escabello e uma cadeira de encôsto junto á meza. Ao canto da casa uma bilha de agua. Para outra parte um fogareiro apagado.

SCENA I

CAMÕES, ANTONIO

(*Camões está sentado á banca; Antonio passeia no fundo do quarto, vagarosa e subtilmente, para não interromper ao Poeta. Camões, depois de reler attentamente o que havia escrito, começa a falar. Antonio pára, préga n'elle os olhos, escutando-o com a maior attenção*).

Camões

¡ Que versos !... nunca tão frios os escrevi ; nunca ; nem quando lá pelos sinceiraes do Mondego, na madrugada de minha vida, me estreava no rimar. (*Rasga o papel. Longa pausa).* Doem-me as feridas; menos porém as do corpo, que as da alma. (*Torna a pegar na penna*). ¡Animo, Camões! ¡ânimo ! pusillanimidade é isso; ¡ exforçar, e avante ! (*Encosta a fronte entre as mãos. Depois de largo espaço*) Não posso. ¡Pois se eu padeço tanto! (*Com raiva*) Não; não é isso, desgraçado; a que vem cegares-te ? não te soccorras a subterfugios puerís!

confessa que declinas para o occaso; que já te engólfas pelas trevas... (*Levanta-se*). ¡ Queixar-se Camões de que a dor lhe apaga o estro!!... ¿ E quem é que lh'o acendeu sempre, se não a dor ? ¿ quaes as suas Musas hão sido, se não as mágoas? (*Torna a sentar-se, recahindo em abatimento*). ¡Musas !? ¡sei eu ora se jamais as tive!... (*Pausa*). Já vai n'um mez que sinto este espirito dormente; que este meu universo (*apontando para a cabeça*) está anoitecido, despovoado, silencioso... (*Pausa; transição de tom*) ¡ Ai que fim ! ¡ que amargurado fim me destinavas, ó meu Deus ! Para remate de tão farta corôa de espinhos... ¡ ainda este ! ¡ Oh ! aos outros, aos outros não quero eu mal ; ao menos, eram espinhos que florejavam; ¡mas este! ¡este !... duas mortes, duas agonias para um só homem. Antes que a alma se me apartasse, se apartou d'ella a poesia. Mal haja a minha estrella ! ¡maldita seja a hora... (*Levanta-se*). Não; não; não. E' impossivel. Quero outra vez experimentar. Se por ventura o engenho já me não ressuscitasse aos meus conjuros... espedaçar-te-hia eu mesmo, pobre cabeça deshonrada. Não quero que se possa jámais dizer : «Camões acabou a vida indigente e mendigo... até de espirito.» ¡Eu infecundo! eu estólido!!... Desafio a Omnipotencia. (*Retoma a penna*).

Antonio (*aproximando-se*)

¡Mestre! ¡senhor meu!

Camões (*com affecto*)

Antonio, meu irmão, meu amigo, Antonio, ¿ estavas ahi tu ? ¿e não me falavas? Nem já me alembrava de ti, amigo. ¿Has presenceado a minha angustia, a minha desesperação ? ! Mas, ¿ vês tu ?... é que que me estou sentindo fenecer; feneci; estou perdido. De mim tens lástima, ¿ não tens ? por fôrça : conheceste-me ainda no meu throno; que eu, este mesquinho que ora vês, fui tambem um d'esses poucos Reis do entendimento, ¿pois não fui? ¡Dar-se-ha que levasse eu n'um sonho a vida toda, e agora despertasse!? ¿ou dar-se-ha (confesso-te que até este pensamento me assalteia), dar-se-ha, Antonio, que esses louvores, que de toda a parte me

soavam, fossem uma conjuração universal de escárneo, um aclamarem principe a um truão, que por principe se inculcava! Porque... (olha tu) esses poetas meus contemporaneos, cantando-se uns aos outros nunca a mim me cantaram; só o meu Diogo Bernardes. Nem Antonio Ferreira, nem Jorge de Monte-mór, nem Jeronymo Côrte-Real, nem Jorge Ferreira de Vasconcellos, nem Frei Agostinho da Cruz, nem Pero d'Andrade Caminha, nem Sá de Meneses; nenhum. «¿Será inveja?»—dizia eu quando era vaidoso; agora... hei medo de que fosse justiça. Responde, responde tu, que me foge osizo.

Antonio

¿E aquelle famoso cisne da Italia, o Torquato Tasso, não vos cantou? ¿não disse que as náus do Gama não tinham chegado tão longe, como chegaria a penna do seu culto e bom Luiz?

Camões (*com doçura*)

Sim, o meu Tasso.

Antonio (*timidamente*)

¿E o vosso Jáu? ¿o vosso Jáu tambem não vos tem cantado ? se vos dá só flores silvestres, é porque mais não tem.

Camões

¡Oh! sim, sim, sou um louco; sou um desagradecido.

Antonio (*com enthusiasmo*)

Sois ainda, e sereis sempre, o que sempre fôstes: Camões, o gran Poeta, o desesperador de invejosos, o que mercou a desaventura por merecimentos de contado.

Camões (*passeando de vagar arrimado no braço do captivo*)

O poeta.... (se o houve) já lá vai; posso deitar luto por mim. (*Pausa*). Tenho uma derradeira consolação todavia: já não hei-de assistir á morte da Patria, que tambem para ahi está agonisando desde o dia que em Africa lhe esmagaram a cabeça. Sequer, não verei Castella vir assentar-se em cima

d'este pobre Reino, moribundo como eu. ¿Que me importa já agora a existencia? Amor, Patria, Realeza, tudo se me foi em torno desabando; e cada uma d'essas nobres e santas coisas me foi levando comsigo um pedaço do coração. O que me restou, nem já vale a pena de o conservar. ¿Que ficaria eu cá fazendo, velho, inutil e pasmado, entre sepulturas e ruinas? (*Volve a assentar-se, e cerra os olhos*). Está-me lembrando uma peça grande de artilharia lá da nossa fortaleza de Malacca, onde eu me ia sentar a ver os mares e o pôr do sol. ¡Pobre bronze! ¡tanto atroar os ares! ¡tanto fulminar inimigos!.... para a cabo te jazeres ali, apeado, sem voz, comido de mugre, feito assento de um pobre soldado, escarnecido e cavalgado das creanças.... Lembra-me que tinha dó de ti; ¿quem o terá de mim agora?

Antonio (*á parte*)

Penedos moveria a piedade.

Camões (*brandamente, como quem devaneia*)

¡Caterina!

Antonio (*á parte*)

Em al não sonha.

Camões (*erguendo-se um tanto, e com os braços estendidos*)

¡Lá se me vai!.... ¡a mão, a mão, Caterina! .... Sumiu-se; jaz morta; estou louco.

Antonio

Inda o não sabemos. ¡Animo, senhor, que bem podereis tornar a vel-a!

Camões

Queres-me enganar. (*Pausa*). Se eu tivesse mais algum vigor, Deus me encaminhára para onde ella está, se ainda é viva por ventura. (*Pausa*) Seis mezes ha, que a vi pela ultima vez; seis mezes ha, que as feridas e a enfermidade me teem n'esta casa sepultado. Foi (¿lembras-te?) a noite de San-João, quando o traidor me mandou matar á falsa-fé; ¡e já hoje é noite de Natal! ¡Seis mezes, seis

mezes sem saber d'ella! Não póde ser: ou esta incerteza, ou eu, havemos hoje de acabar. *(Forceja por se arrastar até á porta da rua)*. Quero sahír; vou-me á sua procura.

Antonio (*detendo-o*)

Aguardae que amanheça.

Camões

Deixa-me, deixa-me... (*Recai exhausto na cadeira*) ¡Não posso!

Antonio (*á parte*)

¡ Oh ! ¿ Por que me salvou elle do naufragio ?... ou por que não perecemos ambos?..

Camões (*depois de longa pausa*)

Agua... (*Antonio enche um pucaro, e lh'o apresenta*) Sinto fogo nas entranhas. (*Bebe*). Quero distrahir-me de tanto delirar. Como isto está por pouco (¡e ainda bem!) quero acabar minhas despedidas aos amigos ausentes... se os tinha ; ¿ quem sabe ? Vamos cerrando estas cartas que ahi estão escritas. (*Toma uma, e lê parte d'ella*) : «Emfim acabarei a vida ; e aqui verão todos, que tão amante fui da minha Patria, que, não contente de morrer n'ella, quiz tambem morrer com ella.» (*Entrega a carta a Antonio*). Cerra-a ; é para D. Francisco de Almeida, que em Lamego se acha a estas horas. (*Antonio fecha a carta com um fio de seda, lacra-a, e lhe escreve o nome de D. Francisco de Almeida*).

Camões (*lendo entretanto segunda carta*)

«¿ Quem ouviu dizer, que em tão pequeno theatro como o de um pobre leito, quizesse a fortuna representar tão grandes desventuras? E eu, como se ellas não bastassem, me ponho ainda da sua parte, porque procurar resistir a tantos males pareceria especie de desvergonhamento.» (*Falando*) ¡Como tudo isto me parece frio ! *(Passa a carta para o lado de Antonio, que está concluindo com a primeira, e toma de sobre a meza um caderno escrito, que folheia distrahidamente*). Era um novo poema, que andava traçando sobre as glorias da conquista de Africa. (*Rasga-o, e atira-o para o chão. Batem á*

porta da direita. Antonio sai a ver quem é, e volta passado um momento).

Antonio (*em voz baixa ao ouvido de Camões*)

E' o senhor D. Ruy da Camara, que vem pelos Psalmos em verso, que diz vos encommendára. Pareceu-me negar-lhe entrada.

Camões

Fizeste bem.

Antonio

Disse-lhe que nada havieis por ora escrito; tornou-me, que se o não servíeis era por míngua de vontade, que bem mostráreis sempre quão pouco os versos vos custavam.

Camões (*irado*)

Volve a dizer-lhe da minha parte...

Antonio

Mais baixo, que vos escutará.

Camões (*em voz ainda mais alta*)

Dize-lhe que quando eu esses versos fazia, era moço e favorecido das damas, e tinha o necessario á vida; e agora... não tenho espirito nem contentamento para nada, por que tudo isso me falta; e em tal miseria me vejo, que deixei de escrever por míngua de um seitil para mercar papel; e ahi está o meu Antonio a pedir-me para carvão, e não tenho para lh'o dar; que já lá vai vendida a espada, e os poucos livros tambem vendidos a um e um; até o meu *Cancioneiro* de Rèsende; que só me ficou aquella Cruz, herança unica de minha mãe; que nada lhe peço a elle, nem quero, pois estão cheios os meus dias, e vou morrer; nada, se não que me deixe elle, e todos. Cerra, cerra essa porta; continuemos, que receio se me venha o tempo a acabar. (*Antonio sai a despedir D. Ruy da Camara; um momento depois volta, fecha a porta, e se torna para o trabalho em que estava. Camões toma da meza outro caderno volumoso e lê-lhe o titulo*). PARNASO DE LUIZ DE CAMÕES. Aqui estão os desenfadamentos d'esta minha ultima viagem para

o Reino. Amava eu estes versos; por esses mares os vim pescando como pérolas; ¡com que delicias os não escrevia pela fresca da alvorada! parecia que as sereias m'os houvessem estado a cantar de noite por entre sonhos. Diogo do Couto esse bom engenho com quem a Patria se esclarece, folgava de m'os ouvir ler. ¡PARNASO DE LUIZ DE CAMÕES! Hoje... o meu Parnaso transformou-se em Gólgotha. (*Rasga, e atira para o chão*). Ahi tens bastante com que acender o lume, Antonio. (*Com sorriso ironico*) Já se não dirá que trabalhei de balde. (*Bate-se á porta da direita; Camões faz um gesto de insoffrido; Antonio sai a ver quem é*).

SCENA II

CAMÕES *só, meditando entre si. Fala pausado, e em tom ironico.*

¡PARNASO DE LUIZ DE CAMÕES! ¡LUSIADAS DE LUIZ DE CAMÕES! ¡RIMAS DE LUIZ DE CAMÕES! ¿E Luiz de Camões que é? é isto. Chego a ter inveja a esses bufarinheiros de palavras, que teem banca no Pelourinho para escreverem requerimentos, convites, e cartas de amores, a qualquer rascôa ou negro que lh'os pague. Peor e por menos preço tenho eu feito para soberbões. E' como quem posera Apelles a caiar sótãos, ou Phidias a amassar tijolos. (*Pausa*) ¡Mundo vil e maldito!...

SCENA III

CAMÕES, *sempre assentado, e* ANTONIO, *que entra com um açafate coberto, e uma jarra com muitas flores entre ramos de loiro e murta; põe tudo em cima da meza.*

Antonio

Eis aqui com que alegrar olhos.

Camões

¿Quem veio? ¿que é isso?

Antonio

A consoada do Poeta: doces feitos pelas mãos de prata das freirinhas de Odivellas, e um ramilhete de flores naturaes, entre muitas outras feitiças.

Camões

Assim veem na vida os gôstos. Quasi todos são falsos.

Antonio

Bem a ponto acodem os loiros, mestre, para vos desenganarem.

Camões (*examinando as flores*)

Muito mais a ponto a murta, que é *dôr*, e os mal-me-queres, que são *soffrimento;* só não havia de vir ahi esse rosmaninho, que é *esquecer*. Mas... ¿quem de mim se ha lembrado com o mimo?

Antonio

Barbara.

Camões

¿A pobre mulata? chamae-m'a. A soberbias me veda tu a porta; a affectos, não.

Antonio

Entregou, pediu novas da vossa saude, como é seu costume todos os dias, e partiu.

Camões

Tenho pena; ¡pobre velha! diz que tambem padeceu muito. Morreu-lhe não sei quem, em viagem do Brazil, sendo ainda moça, que a deixou para sempre triste e desamparada.

Antonio

Será logo por isso que vos quer tanto.

Camões

Será. ¡Quantos dias, se não fôra a sua caridade, não houveramos passado sem comer, Antonio! e mas, coitada, é uma pobre de Christo. Sempre assim foi: mãos largas, mãos largas, e delicadeza para acudir, sem envergonhar os pobres. De noite, apregôa marisco por essas ruas; de manhan, vende ramilhe-

tes, um'ora no alpendre de San-Domingos, outr'ora e as mais das vezes onde nós a achámos em desembarcando: no Terreiro do Paço, ao-pé da Casa dos Contos. E' porque d'ali—me disse ella—se vê o mar, e as caravellas que veem e vão, que tudo lhe faz muita saudade. ¡Pobre Barbara! para ahi morrerás tambem algum dia, sem haveres quem te cerre os olhos. (*Fica absôrto em seus pensamentos*).

Antonio (*para si mesmo*)

¡Que esmorecimento! Aos tigres arrancára lágrimas ver ânimo tão varonil, ¡agora tão alquebrado! A isto o hão chegado estes seis mezes, curtidos em angustias, e quasi sempre no leito, alanceado de dores...

Camões (*com um gemido*)

¡Ai que vida!... (*Bate-se á porta. Camões impacientíssimo*) ¡Nem sequer morrer em descanço me deixarão aqui!? (*Antonio vai á porta, e a descerra*).

SCENA IV

OS DITOS e UM MENINO *pobre e rotinho.*

O menino (*da parte de fora*)

¡Alguma coisinha, pelo amor de Deus!...

Antonio (*indo para fechar*)

Andae ora a outra porta.

Camões

¿Quem é?

Antonio

Um mocinho que pede esmola.

Camões

Entrae, filho, entrae. (*O menino entra, e fica parado ao-pé da porta, com os olhos no chão*) Achega-te, achega-te. (*O menino aproxima-se um pouco mais, e a pequena distancia torna a parar. Camões tira do vaso uma flor, e com ella lhe allonga a mão, sorrindo para o attrahir; o menino se adianta para a tomar; Camões largando-lh'a o segura e o beija*)

Antonio (*á parte*)

Eis ahi todo o teu cabedal, ¡ pobre Poeta!

Camões

¿D'onde és ?

O menino

Visinho vosso, aqui do pé de Sant'Anna.

Camões (*á parte sorrindo tristemente*)

Arruaram-se os pobres. (*Alto*) ¿ Tua mãe?

O menino

Ficou só em casa, doente e com fome.

Camões

¡Com fome! ¿e tu?

O menino

O ultimo bocado de pão que havia na arca, deu-m'o... mas tambem tenho fome.

Camões (*enxugando a furto as lagrimas*)

¿Quem é teu pae ?

O menino

Diz que morreu em Africa; era soldado.

Camões

Não foi dos tres o mais desditoso. Pois, filho, tão errado vens tu a esta porta, como eu vejo que iria á tua. Eu tambem fui soldado; tambem pelejei em Africa e n'outras partes; com os peloiros não tive tão boa sorte como teu pae ; só a tive melhor em não ter filhos nem mulher, para lhes testar pobreza; o que padeci, padeci-o só eu, que ainda não é o peor padecer. Vae, vae; a menos triste poisada te encaminhe Deus, e vos depare o que eu para mim nem já lhe supplico. Vae, que, pois te não soccorro, tambem te não quero roubar. ¡ Oh ! em bem me acode: toma. (*Entrega-lhe o açafate*). Leva para tua mãe. Noite de Natal, não deve haver um anjo que a passe triste. Vae, vae ; quando podéres, volverás a ver-me, ¿sim?

O menino

Deus vos pague...

Camões

Sim, ha-de pagar, ha-de. Vae ora, vae. (*Sai o menino levando o açafate, e deixando a porta meio-aberta*).

SCENA V

CAMÕES e ANTONIO

Camões

Não de balde me prégava em Coimbra aquelle letreiro latino, que poseram á figura da Sabedoria... (¡e eu que zombava d'elle!)... «Amigo, segue-me, que eu não te hei-de largar... Aprende a viver em captiveiro, e a morrer em pobreza.» ¡E todavia inda o não aprendi eu!...

Antonio (*á parte*)

¡E dizer que ha lá em cima um Olho grande, aberto para o mundo! ¡um Braço longo, que chega á terra, com uma Mão forte, que a póde revolver e desfazer! ¡e coisas d'estas a passarem sem vingança, nem remedio, nem refrigerio ! ¡ Tanto rico inutil, voando em ginetes por essas ruas! ¡tanto palacio pejado de baixellas de prata e oiro! e o maior homem d'este infame Portugal.. .

Camões

¿E Java, Antonio? ¿lembras-te da tua Ilha ?

Antonio

Sim, mestre.

Camões

¿Com saudade?

Antonio

Ainda não.

Camões

Breve poderás tornar-te para ella, que a tua cruz...

Antonio (*em tom de reprehensão affectiva*)

Mestre, mestre...

Camões

Nada é; distrae-me; tenho a alma triste até á morte. Canta-me ; bem sabes que o teu cantar me adormenta as mágoas. Se os olhos se me cerrarem, não me acordes.

Antonio (*á parte*)

¡Cantar! com o coração a trasbordar de lagrimas! (*Alto*) Sim, mestre, cantarei; repoisae vós. (*Senta-se e canta. Ao som do canto Camões adormece encostado á meza*).

Nasci no rico Oriente;
criei-me entre as verdes palmas
para amor.
Amor me poz no Occidente;
fez-me d'alma duas almas
para a dor

¡Ai dor! Pois heis-de ir a Java,
estrellas, e vosso rumo
de lá vem,
dizei-lhe qual me eu consumo;
dizei-me se lhe eu lembrava
lá tambem.

Tambem vós, ondas e ventos,
pois sabeis a minha terra,
lá chegae;
não lhe conteis meus tormentos,
mas o amor que me desterra
lhe contae.

Contae-lhe que prêzo vivo,
mas que eu mesmo apérto e beijo
meus grilhões;
nem livres, nem Reis invejo,
pois o captivo é captivo
de Camões.

Camões, grande Allah te acuda,
que bem vês que o teu bom Christo
morto é já.
Grande Allah, tu só o escuda;
dá-lhe Patria, arranca-o d'isto,
¡grande Allah!

Allah pôz arvore em Java,
que a florída sombra d'ella
faz morrer.
Cá vi peor mancinella,
pois vi que mil mortes dava
o saber.

Saber, exfôrço, e virtude,
bastam em terra madrasta
para mal,
bem como, por que se mude
o incenso em cinzas, lhe basta
o ser tal.

Tal Patria não quer afêrro;
antes choral-a na gruta
de Macau;
antes na Arabia mais bruta
curtir miseria e destêrro
co'o teu Jáu.

(*Levanta-se, contempla longa e affectuosamente a Camões*). Em quanto dorme, velarei eu; pensarei eu por elle. (*Pausa*). ¡Coitado! Se te eu não guiára, já terias fenecido. Apesar de meus annos, quero-lhe como a filho. O grande engenho... é aquillo: uma creança. Nada prevê, nem sabe senão folgar com suas flores e chiméras. E' preciso pensar por elle, encaminhal-o. (*Pausa*). ¡Não saber como lhe hei-de acudir! ¡Se com esta vida se resgatasse a d'elle!... pensamento vão. Menos vão era porém o outro, que tantas vezes lhe propuz, supplicando-lhe de joelhos, e com lagrimas, me vendesse ahi a quem quer que fosse. Com tanto enfado m'o repelliu, que já me não atrevo a teimar. (*Medita uns momentos*) ¡Oh! ¡que ideia! ¡que ideia! custar-me-ha vergonha; ¿que me importa, se é para seu bem? Custe o que custar... hei-de eu fazel-o. (*Pausa*). Mas... ¿se em quanto sou fora acorda elle? Feiticeiro, como os da minha terra, quizera eu agora ser, para lhe carregar o somno, e estender-lh'o. A hora deve estar batendo. (*Chega-se para a janella*). Lá estão já abertas as portas da egreja de Sant' Anna; já vai entrando povo para a Missa da meia-noite. Quem vai para orar, leva affectos compas-

sivos. O coração é flor que toda se abre quando se volta para o Ceo; a oração é a sua fragrancia; em se ella pressentindo, já o casulo se desdobrou. Esses homens (e essas mulheres mórmente) hão-de me attender. (*Volta-se para o Crucifixo pendurado por cima do escudo*). E Tu, Christo, Deus de Camões, se em verdade tens o poder que me elle ha dito, faze que em lhes eu estendendo a mão á porta da tua Casa, me não afastem com desprêzo. Bem vês para quem vou pedir: é para o Homem que te ama tanto, como eu o amo a elle; para o Poeta que tanta vez te celebrou; para o Soldado que pelejou pela tua Lei; para o Infeliz, a quem os seus proprios (como a Ti os teus) perseguiram em paga de amor, pregaram n'uma cruz... e ahi o deixaram morrer desamparado. Ouve-me bem, Christo. (*Arranca da parede o Crucifixo, e n'um transporte lhe beija os pés, cai em joelhos, e abraçando-o prosegue:*) ¡Christo! ¡Senhor do meu senhor! se o queres ser tambem de um pobre Jáu, que para amar tem infinito coração, Christo Jesus, ainda estamos a tempo: salva-o, que eu te dou a minha alma...

SCENA VI

CAMÕES, ANTONIO *e* D. CATERINA DE ATAÍDE. *que entra sem bater, por ter encontrado descerrada a porta.*

D. Caterina (*muito desfeita de parecer, envolvida n'uma capa negra. Repara em Antonio*)

E' o seu captivo. Receei não ter fôrças para chegar até aqui.

Antonio (*levantando-se á pressa, e atonito*)

¡Vós, senhora!?...

D. Caterina

¿Onde está, Antonio?

Antonio (*apontando-lhe Camões*)

Vede-o. (*D. Caterina aproxima-se do Poeta, que arrimado á meza continúa a dormir. Antonio fala

em voz muito baixa) Não m'o acordeis; muito ha, que o não hei visto dormir tão bom somno como este. *(Põe de vagarinho o Crucifixo sobre a meza junto a Camões).*

D. Caterina *(contemplando-o)*

¡Quão demudado!...

Antonio

Muito; e vós tambem, senhora.

D. Caterina

¿Eu? ¿que vale isso?... ¡Deus meu, que enfraquecimento! ¿Como lograstes escapar? *(Encosta-se á meza defronte de Camões)*

Antonio

Fez rumor na rua a pendencia, em que nos metteram a falsa-fé os apaniguados do senhor Martim Gonçalves; acorreram populares; os malfeitores, raivando de nos não poderem acabar, fugiram que não houve colhel-os; curou-nos aquella boa gente com muito amor as feridas, que não eram pequenas (as de meu senhor principalmente), e nos trouxeram para este aposento, que um homem ahi offereceu por caridade.

D. Caterina

Logo, D. Affonso de Noronha ¿nada soube de tamanha tragedia?...

Antonio

Quando o senhor D. Affonso de Noronha se foi á estalagem, ao romper do dia, por causa do outro duello com o senhor Real, em que havia de ser padrinho, foi o estalajadeiro quem lhe contou o que era passado. O senhor D. Affonso foi-se correndo a casa do senhor Martim, achou-a despejada; parece que n'esse mesmo instante dera a artilharia o signal de leva; não houve tempo, senão só para embarcar a toda a pressa; por onde não houvemos nunca mais d'elle novas, nem elle do meu senhor. Só ahi constou, não sei por quem, que tanto elle como el-Rei sahiram cheios de ira e paixão por tamanha desaventura.

D. Caterina

¿E o novo Rei?

Antonio (*ironicamente*)

¿O senhor Cardeal D. Henrique? ¡bom amigo para o meu Poeta!

D. Caterina

¿Pois ninguem, ninguem, se lembrou de Camões?!...

Antonio

Dos grandes senhores, dos que vós podéreis conhecer... ninguem. Dois humildes unicamente: o estalajadeiro Diogo, que livrou a meu senhor de ir para o hospital, e lhe acudíu com physico, remedios, e alimento em quanto vivo foi...

D. Caterina

¿Morreu?

Antonio

Morreu; e uma pobre velha, que ás vezes nos tem matado a fome, sabe Deus se não á custa da sua. Essas flores, as trouxe ella ahi pouco ha.

D. Caterina

¿Uma velha mulata?

Antonio

Senhora, sim. (*Transição*) ¿Mas como atinastes vós com esta poisada?

D. Caterina

Estava hoje, ao cahir do sol, ás grades da minha cella, quando ao longe te vi passar, e conheci-te. «¡Bemdito Deus! Antonio está vivo, vivo está logo Camões» —disse eu;— «hei-de vel-o, hei-de vel-o hoje mesmo». Esperei pela noite; quiz fugir; sentiram-me; instei; porfiaram; dei minhas joias; dei tudo que possuia; sahi. Corri á estalagem de Diogo... ¡fechada! Disse-me o coração, que em Sant'-Anna o colheria. Entro na egreja; enganára-me; torno a sahir, já fóra de mim, para perguntar pela poisada de Camões a quantos encontrasse. No adro vejo uma ramilheteira, já de dias, e no semblante

piedosa, que ali vendia aos fieis seus ramos para offerendas ao Menino; sem grandes esperanças a inquiro; guiara-me Deus. Arraiou-se-lhe de alegria o rosto, e apontou-me para esta porta; eis-me aqui.

Antonio

Nas boas horas venhais, senhora; de agradecido vos beijára eu as plantas, se me atrevêra.

D. Caterina, (*estendendo-lhe a mão, que elle beija*)

¡Bom Antonio! ¡Providencia visivel do meu Camões!

Antonio

¡ Ah, senhora! só vós lhe heis detido a alma n'este mundo. A não ser um longe de esperança de vos ainda ver, muito ha já que fôra partida. N'este mesmo somno em que ora o vedes, já elle ahi tem estado a chamar por vós. Dou que no coração vos adivinhava.

(*Pausa. D. Caterina fica por longo espaço em pé defronte de Camões, debruçada sobre a meza, com a testa entre as mãos. Antonio contempla-os, ora a elle ora a ella, com o rosto cheio de affecto. Entretanto, canta-se pela rua a seguinte esparsa ao som da viola:*)

Vinde, Christo é nado;
não me façais guerra.
Anjos hão mandado
haver paz na terra.

Mas a paz que eu tinha,
¿como a haverei eu,
sem vós, pastorinha,
que sois anjo meu?
....

Camões (*a sonhar*)

¡Caterina!

Antonio

¿Ouvís?

D. Caterina (*baixinho a Camões*)

Aqui estou.

Antonio

E estareis. Agora, sim, que veem as minhas esperanças a reflorir...

D. Caterina (*com transporte de angustia*)

¿Esperanças?... ¡ah! ¿ que esperanças ? quando... (*Cahindo em si e reprimindo-se*) Estou a morrer, Antonio: ¿pois não me vês? Ainda aquella que ali se consome (*mostrando com os olhos a vella*), me ha-de talvez sobreviver...

Antonio

E' verdade: noto-vos um desconcerto no parecer...

D. Caterina

¡E fugir-me agora a vida! ¡agora! ¡agora... quando eu tanto a havia de mistér!...

Antonio

Confiae, que vós e eu havemos de o salvar.

D. Caterina (*a meia voz*)

Ao menos... acabarei ao-pé d'elle.

Antonio (*supplicante*)

¡Por Deus, senhora! se arreceais que em seus braços vos côlha a morte... havei ânimo, e arrancae-vos d'aqui antes que desperte.

D. Caterina

¿Que d'aqui me arranque eu? ¿para me ir aonde, meu Antonio?...

Antonio

Não sei, senhora; mas... ¿quereil-o acabar ?

D. Caterina

Traspassas-me a alma; porém tens rasão. Quero que viva. Mas não me hei-de ir, sem deixar alguma coisa da minha alma n'esta nobre fronte. (*Beija-o na testa*). Adeus. (*Camões n'este momento abre os olhos*). ¡Ah! ¡já me viu!...

Camões (*levantando-se com os braços abertos, e aproximando-se vagaroso para D. Caterina, que recúa*)

¿Voltaste ao mundo?... ¿ou subi já eu á bemaventurança?... ¿E's tu, Caterina?!...

D. Caterina (*em tom affectuoso mas indeciso, e em voz muito baixa*)

¡Luiz!...

Camões (*do mesmo modo*)

¡Falou!... é a sua voz; é o meu nome; não sonho; não é visão... (*Detendo-se*) Antonio, tu, que não estás louco, dize-me: ¿é realmente a minha senhora D. Caterina, ou a sua phantasma, que além está com os olhos em mim fitos?...

D. Caterina

Sou eu, sou eu, Camões...

Camões (*segurando-a com vehemencia*)

Recóbro-a.

D. Caterina

¡Meu amado!...

Camões (*com arroubamento*)

¿Sou eu agora o mesmo Camões, esse pallido agonisante que para além se jazia? Não. Ressuscitei, desde que em meus braços te apérto; sinto n'elles a fôrça, em minha alma a poesia, e n'este coração, a par com o amor, a fé que já quasi m'o havia desamparado. ¡Oh! ¡Caterina! ¡oh! ¡Caterina! ¡oh! anjo meu! ¡oh! Natercia!... ¡Oh!...

D. Caterina

Vive; exfórça por viver, Camões. (*A' parte*) ¡Oh! hei medo...

Antonio (*entre si*)

Já não attentará na minha falta. Agora, eu á minha empreza. (*Sai*).

SCENA VII

CAMÕES e D. CATERINA

(*D. Caterina senta-se perturbada, lança mão do ramilhete que está no vaso, e aspira-o fortemente, como quem procura reanimar-se. Ergue-se, e vai com elle na mão sentar-se no poial da direita da janella. Camões fica por algum espaço em pé diante d'ella, depois se assenta no degrau da janella, com o rosto junto aos joelhos de D. Caterina, e com as mãos d'ella apertadas nas suas*).

Camões

Tão pouco esperada, e tão pouco para esperar, senhora, me cahiu dos Ceos esta ventura, que ainda n'ella me não fio. ¿Serás tu? ¿tu em verdade? Caterina minha, de veras t'o digo: se me ora faltasses, feito era de minha vida, e de minha salvação tambem. ¡Oh! nunca mais me has-de deixar.

D. Caterina

Não, Luiz, nunca.

Camões

De certo; nós somos um do outro, ¿não somos?

Caterina

Um do outro.

Camões

A tua alma é o ecco da minha alma; na tua voz fala o meu coração; portanto, dize-o tu: ¿para onde nos hemos de ir?

D. Caterina

Para onde tu quizeres. (*A' parte em voz muito triste*) ¡Projectos!....

Camões (*em tom de muito mimo*)

¿Para onde ?

D. Caterina

¿Não me disseste uma vez, que, para corações que bem se amam, onde quer que se possam bem amar ahi é a Patria?

Camões

¿De minhas palavras te lembras?

D. Caterina

¿Que admira? ¿outros com menos rasão não as memoram? As palavras do meu Poeta, ¿quem as olvidará em nenhum tempo, depois de as ler? ¡quanto mais, se da propria bocca lh'as ouviu! São como as gottas da essencia de rosas da Turquia, que, dizem, passados cem annos, inda rescendem.

Camões (*enlevado em delicias*)

Fala.... continúa...

D. Caterina

E' verdade: não ha Petrarca nem Garcilasso, que mais namore as vontades com seus versos. (*Ouvem-se lá por fóra passar violas, e se continuam a ouvir por algum espaço; com o que, o dialogo se não interrompe*).

Camões

Se assim fosse, não me admirára; ¡se os eu escrevi todos para ti!...

D. Caterina (*sorrindo*)

¿Todos? não; mas de muitos sei eu, que só a mim pertencem; e bastantes lagrimas me hão elles feito derramar.

(Camões *com affecto*)

¿Sim? ¿fiz-te derramar lagrimas?

D. Caterina

¡Oh! e mui doces que ellas eram. Olha tu: não só entre mil rimas de outros poetas estremaria eu as tuas, se não que entre mil rimas tuas amorosas diria logo quaes as minhas eram. Se me perguntasses o como...¿não sei; sei que para differençar do fingido o verdadeiro, não ha hi pedra de tocar como um coração amante de mulher. (*Começa a recitar*)

Tanto do meu estado me acho incerto...

Camões

Não te enganas, não: para ti os fiz. Continúa. Praz-me

estar ouvindo, por tão formoso ecco repetido, um pensamento do que lá vai, e, com se ter ido, ainda todavia não passou. Continúa, continúa...

D. Caterina (*recitando em voz que successivamente se lhe vai enfraquecendo*)

Tanto do meu estado me acho incerto,
que em vivo ardor tremendo estou de frio;
sem causa juntamente chóro e rio;
o mundo todo abarco, e nada apérto.

E' tudo quanto sinto um desconcêrto;
d'alma um fogo me sai, da vista um rio;
agora espero, agora desconfio;
agora desvario, agora acérto.

Camões (*proseguindo na recitação do soneto*)

Estando em terra, chego ao Ceo voando;
n'um'hora acho mil annos; e é de geito,
que em mil annos não posso achar um'hora.

Se me pergunta alguem por que assim ando,
respondo que não sei; porém suspeito
que só porque vos vi, minha senhora.

(*D. Caterina, apenas acabou de recitar, tornou a soccorrer-se á fragrancia do ramilhete; com o que, se reanimou um tanto; depois, desatando-o no regaço, principiou de entrançar, com um sorriso triste e amoroso, uma corôa de loiro e murta*).

Camões

Nunca tão formosos me hão parecido versos meus. Voz de mulher amada é harpa de seraphins. ¿Que teces tu?

D. Caterina

A corôa para o meu Petrarca.

(*Ouvem-se lá passar ao longe flautas e guitarra*).

Camões

E eu tecerei a da minha Laura.

D. Caterina

Muito mais durará que essa, e que todas, a que já de versos me has tecido, pois é de estrellas.

Camões (*continuando o trabalho*)

Quatro damas estava eu coroando, seis mezes ha. ¡Quão menos feliz então, que hoje! ¿lembra-te?

D. Caterina

Lembra, que de tudo padecia muito (até de invejas e ciumes) n'esse lance. (*Pausa*) Recita-me as tuas estancias á morte da D. Ignez.

Camões

Ahi tens uma, formosa e amada como tu.

D. Caterina

Como eu amante e mesquinha, podes dizel-o. Recita, recíta...

Camões

¿Aqui? ¿agora? ¡é tão triste!...

D. Caterina

¿Que importa?

Camões

Parece agoiro:

... a misera e mesquinha,
que depois...

D. Caterina (*sorrindo tristemente*)

... depois de ser morta foi Rainha.

Dois bens: descanço, e gloria universal. ¡Oh! recíta, recíta; mando eu; peço eu.

Camões

Estavas, linda Ignez, posta em socego,
de teus annos colhendo doce fruito,
n'aquelle engano d'alma ledo e cego,
que a fortuna não deixa durar muito,
nos saudosos campos do Mondego,
de teus formosos olhos nunca enxuito,
aos montes ensinando e ás hervinhas
o nome que no peito escrito tinhas.

Do teu Principe ali te respondiam
as lembranças que n'alma lhe moravam,
que sempre ante seus olhos te traziam
quando dos teus formosos se apartavam;
de noite em doces sonhos que mentiam,
de dia em pensamentos que voavam;
e quanto emfim cuidava, e quanto via,
eram tudo memorias de alegria.

De outras bellas senhoras e Princezas
os desejados thálamos enjeita,
que tudo emfim, tu, puro amor, desprézas
quando um gesto suave te sujeita.
Vendo estas namoradas extranhezas
o velho pae sizudo, que respeita
o murmurar do povo, e a phantasia
do filho, que casar-se não queria,

tirar Ignez ao mundo determina,
por lhe tirar o filho que tem prêzo,
crendo co'o sangue só da morte indina
matar do firme amor o fogo acezo.
¿Que furor consentiu que a espada fina,
que poude sustentar o grande pêso
do furor mauro, fosse alevantada
contra uma fraca dama delicada?

Traziam-n-a os horríficos algozes
ante o Rei já movido a piedade;
mas o povo, com falsas e ferozes
rasões, á morte crua o persuade.
Ella, com tristes e piedosas vozes
sahidas só da mágoa, e saudade
do seu Principe e filhos que deixava,
que mais que a propia morte a magoava,

para o ceo crystallino alevantando
com lagrimas os olhos piedosos,
os olhos, porque as mãos lhe estava atando
um dos duros ministros rigorosos,
e depois nos meninos attentando,
que tão queridos tinha e tão mimosos,
cuja orphandade como mãe temia,
para o avô cruel assi dizia:
....

Caterina (*vendo que o Poeta se cala, continúa a recitar*)

Queria perdoar-lhe o Rei benino,
movido das palavras que o magôam;
mas o pertinaz povo, e seu destino
que d'esta sorte o quiz, lhe não perdôam.
Arrancam das espadas de aço fino
os que por bom tal feito ali pregôam.
¡Contra uma dama, ó peitos carniceiros,
feros vos amostrais e cavalleiros!

Camões (*como fora de si, mas sem se deter na textura da corôa*)

Taes contra Ignez os brutos matadores,
no collo de alabastro que sustinha
as obras com que amor matou de amores
aquelle que depois a fez Rainha....

D. Caterina (*indicando-lhe o que deseja que elle recite*

Assim como a bonina....

Camões

Assim como a bonina, que cortada
antes do tempo foi, candida e bella,
sendo das mãos lascivas maltratada
da menina que a trouxe na capella,
o cheiro traz perdido e a côr murchada,
tal está morta a pallida donzella,
sêccas do rosto as rosas, e perdida
a branca e viva côr co'a doce vida.

(*Falando*) Basta, basta, que endoidecerei.

D. Caterina

Sim, basta. ¡Que thesoiro de tristezas houve sempre n'esse coração! ¿Quem assim te ensinou a prophetisar mágoas, Luiz?

Camões

Não sei. Falemos antes de contentamentos. Ainda a tempo chegaste; se tardas um pouco mais, quiçá me não acháras cá no mundo. A passos largos me ia para onde já cuidava que tu eras. (*Detendo-se

e levantando para ella o rosto com muito affecto). Mas... ¿por onde te has andado tu, em quanto eu aqui agonisava, meu gentil Anjo salvador? ¿Quem para mim te encaminhou?

D. Caterina (*mal podendo falar*)

Depois t'o direi...

Camões

Sim, depois. ¡ Ainda bem que já podemos dizer *depois* com tamanha segurança ! nas mãos temos o porvir. Olha para mim, Caterina. ¡ Que beldade ! estrellas me estão teus olhos parecendo. ¡Que resplendor sobrenatural ! (*Cessa a musica e cai ao mesmo tempo da parede com grande estrondo o escudo. Ficam ambos sobresaltados, e em silencio. Camões diz em áparte, e alterado*) ¿ Será aviso ? Per si se baqueou o escudo ¿ Soaria a hora da phenix alfim ?!

D. Caterina (*levantando-se de repente, e deixando cahir a corôa)*

¡Um milagre! .. Preciso de um milagre, meu Deus... ¡A vida, meu Deus! ¡a vida! ¡a vida!...

Camões (*aterrado, levantando-se, deixando tambem cahir a corôa, e tomando a mão de D. Caterina*)

¿Que dizes ?... ¿que tens?... ¿ Que mão é esta tão de gelo?!...

D. Caterina

Não; a tua é que me queima... (*A' parte*) Ha-de blasphemar; estou-o ouvindo. (*Toma da meza o Crucifixo, some-o no peito, e abraça-o como quem faz uma oração intima em transe de summa angustia e terror*).

Camões (*enleado*)

Matas-me... Não entendo... ¿A que vem...

A voz de Antonio (*na rua*)

Esmola para Camões...

D. Caterina (*escutando*)

¡A voz de Antonio!

Camões (*desdobrando-se com altivez, e fóra de si*)

¿Esmola para Camões?!! Quem é que em meu nome pede esmola?...

D. Caterina

¡Oh!... (*Esconde o rosto entre as mãos, e senta-se no escabello junto á porta da esquerda*)

Camões

¿ Que has tu, Caterina ?

D. Caterina

¿ Eu ? nada. Está-se cumprindo o teu destino, Camões.

A voz de Antonio (*lá fora*)

Senhores meus, uma esmola para Camões que se morre á mingua...

Camões (*vacillando e na maior perturbação*)

¿ Quem diz que o Camões necessita de esmolas?.. (*Vai para a janella. D. Caterina levanta-se, e quer fugir sem saber para onde*).

A voz de Antonio

Esmola, senhoras minhas; esmola para Camões, que se morre de fome...

Camões (*com fala suffocada*)

Silencio, infame captivo. Mentes; mentes.

D. Caterina (*chegada á porta da direita para sahir, cai*)

Camões...

Camões (*com uma risada*)

¡ Ainda me faltava isto! (*Volta a cabeça, ao grito de D. Caterina*) ¿Chamas-me? (*Vê-a estirada no chão, e em passamento*) ¡Ai Deus!

D. Caterina

¡Oh! ¡Camões!...

Camões

Vem, vem... (*Leva-a como pode, quasi de rôjo, e

vai-a sentar junto á meza, e na cadeira onde elle proprio estivera).

D. Caterina (*mal podendo articular as palavras*)

Sabía... que Martim Gonçalves... havia de regressar esta noite a Lisboa... julgava-te morto... e então...

Camões (*adivinhando*)

¡Ai! ¡matou-se!!!...

D. Caterina (*moribunda*)

Perdôa-me tu... e Deus tambem .. A ambos adoro... (*Expira e cai no sobrado*).

Camões (*horrorisado, inclinando-se sobre D. Caterina, chama por ella de mansinho*).

Caterina... tu não estás morta... Caterina... tu não podes deixar-me cá assim... Dize, ergue-te, Caterina... (*Procura levantal-a, mas o corpo recai mortal*) ¡Está morta! Mataram-m'a, a minha Ignez de Castro! ¡E eu, meu Deus! ¿eu hei-de ficar vivo!?... (*Pincipia a correr o mesmo sino do Acto 1.º, porém muito perto, e continúa, até depois de se abaixar o pano. por algum espaço*). A campa de Sant'Anna. ¡E' essa a vossa resposta, meu Deus! D'esta vez a bemdigo, que me vem pregoar o livramento. Sempre contei com ella. (*Ajoelha de mãos postas junto a D. Caterina para orar, e cai aos pés d'ella).*

SCENA VIII

E ULTIMA

D. CATERINA *defunta*, CAMÕES *no chão*, e ANTONIO *entrando pela porta da direita*

Antonio (*parando no limiar*)

Muito bem, Christo: não quizeste a minha alma. (*Repara em Camões*) !Ah!...

Camões (*erguendo-se um tanto no braço, e com uma risada*)

¿Que te deu essa gente para Camões!

Antonio

Corações... que só punhal os pungiria.

Camões *(em agonia)*

¡Perdôe-lhes o Altissimo!... e a mim! ¡Adeus, meu amigo tão leal! abafo... (*Com um grito*) Uma só mortalha, para mim, e para ella... Caterina, vamos ao Ceo... descançar... (*Expira. N'este momento principia a ouvir-se o orgão na festa de Sant'Anna)*.

Antonio

Não posso ainda acompanhal-o. Amanhan... sim. (*Corre a tomar as duas coroas: põe a de loiros em Camões, a de flores em D. Caterina. Olha de repente para a luz, e exclama:*) ¡E sobreviveu-lhe!... (*Voa á janella, abre-a, e grita com a voz cheia de lagrimas*) ¡Esmola para o enterro de Luiz de Camões!

Cai o pano

FIM DO DRAMA